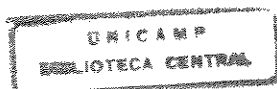


Maria Francisca Ribeiro de Araújo

**A ALTERNÂNCIA DE [eɪ] ~ [e] NO PORTUGUÊS
FALADO NA CIDADE DE CAXIAS, MA**

**CAMPINAS - SP
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
1999**



Este exemplar é a redação final da tese
defendida por Maria Francisca

Ribeiro de Araújo

e aprovada pela Comissão Julgadora em

02 / 07 / 99.

Dec. Maria Benedita Marques Abreu

MARIA FRANCISCA RIBEIRO DE ARAÚJO

**A ALTERNÂNCIA DE [eɪ] ~ [e] NO PORTUGUÊS
FALADO NA CIDADE DE CAXIAS, MA**

Dissertação apresentada ao Curso de Linguística do
Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade
Estadual de Campinas como requisito parcial para a
obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Sociolinguística

Orientadora: Profa. Dra. Maria Bernadete Marques
Abaurre (Unicamp)

Co-Orientadora: Maria Luiza Braga (Unicamp)

CAMPINAS - SP
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

1999

UNIDADE	BC
N.º CHAMADA:	11 UNICAMP
	Ar15a
V.	Ex.
TOM	BC/ 39746
PRO	229.199
	☐ D ☒
PF	25.11.00
D	17-12-99
N	

CM-00134421-6

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

Ar15a	Araújo, Maria Francisca Ribeiro de A alternância de [ɛɾ] ~ [e] no português falado na cidade de Caxias, MA / Maria Francisca Ribeiro de Araújo. - - Campinas, SP: [s.n.], 1999. Orientador: Maria Bernadete Marques Abaurre Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. 1. Mudanças linguísticas. 2. Língua portuguesa - fonologia. 3. Sociolinguística. I. Abaurre, Maria Bernadete Marques. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.
-------	--

Maria Francisca Ribeiro de Araújo

Aprovada em / / .

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Bernadete Marques Abaurre - Orientadora

Profa. Dra. Maria Luiza Braga

Profa. Dra. Gladis Massini-Cagliari

Profa. Dra. Tânia Maria Alkmim

DEDICATÓRIA

A meu Deus.

Aos meus pais Raimundo (*in memoriam*) e Teresa.

Aos meus irmãos Walter, Nilson, Renato, Elizaude, Jesus e Elizane.

Aos meus sobrinhos Fabrício, Leonardo, Roberta , Renata e Larissa.

À Francisca Aragão, Vanderléia e Maria das Chagas, minhas cunhadas.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de deixar o meu agradecimento às instituições e pessoas que, de diferentes modos, contribuíram para a realização deste trabalho:

À CAPES, pela concessão da Bolsa de Estudo, no período de 1997-1999, sem a qual este trabalho não teria sido possível.

À Secretaria Municipal de Educação de Caxias (MA), pela licença-trabalho, no período de 1997 – 1999.

À Profa. Dra. Maria Bernadete Marques Abaurre, minha orientadora e amiga, pela confiança em mim depositada, pela generosidade, paciência e críticas valiosas feitas ao meu trabalho.

À Profa. Maria Luiza Braga, minha co-orientadora e amiga, pelas críticas e sugestões tão frutíferas.

À Profa. Dra. Ester Mirian Scarpa e à Profa. Tânia Maria Alkmim, pelas observações e sugestões feitas no Exame de Qualificação desta dissertação.

À Profa. Gladis Massini-Cagliari, pela abertura de novos horizontes na lingüística.

À Profa. Maria da Conceição Paiva e ao Prof. Marco Antônio de Oliveira, pelo andamento inicial deste estudo.

À Profa. Gládis Maria de Bercellos Almeida, pela leitura cuidada do presente trabalho.

Ao meu namorado David Santo Orcero, pelos múltiplos favores cedidos.

Ao meu amigo Sebastião, pela ajuda nos cursos de variação e sintaxe.

Ao meu amigo Édison Zanini, pela ajuda valiosa com o equipamento que necessitei para efetuar as gravações das entrevistas que fazem parte desta dissertação.

À minha amiga Vânia Cristina Casseb Galvão, pelo incentivo recebido durante todo esse tempo.

À Maria Antônia Peria Farias e à Nelson Farias, pela hospitalidade e pelo carinho recebidos durante estes dois anos em Campinas, SP.

Aos docentes do IEL, entre os quais: Angel Humberto Corbera Mori, Charlotte Chambelland Galves, Ingedore Grunfeld Villaça Koch, Jairo Morais Nunes, Kanavillil Rajagopalan e Mary Kato, pela amizade e pelo convívio tão agradável.

Aos meus vinte e quatro informantes anônimos da cidade de Caxias, pelas entrevistas cedidas, sem as quais este trabalho não teria sido viável.

(...) a língua(gem) é um objeto possuidor de uma heterogeneidade ordenada.

Weinreich, Labov & Herzog (1968: 100)

SUMÁRIO

RESUMO	9
ABREVIATURAS E SIGLAS	11
LISTA DE SÍMBOLOS	12
LISTA DE QUADROS	15
LISTA DE TABELAS	16
LISTA DE GRÁFICOS	17
 1. INTRODUÇÃO	 18
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA	20
2.1. A mudança lingüística	20
2.1.1. Os Neogramáticos	20
2.1.2. Os Difusionistas	23
2.1.3. A Controvérsia	29
2.2. Propostas de interpretação fonológica dos ditongos/monotongos	37
2.2.1. Bisol (1989, 1994)	37
2.2.2. Schane (1995)	42
2.2.2.1. Notação dos ditongos	48
2.2.2.2. Extensão da notação dos ditongos: fusão	49
2.3. Breve história dos estudos de monotongação do ditongo [eɪ] no Brasil	53
2.4. A metodologia	64
2.4.1. A população alvo da pesquisa	64
2.4.2. A amostra	65
2.4.3. Coleta de dados	66
2.4.4. Levantamento dos dados	67
2.4.5. Análise estatística dos dados	67
2.4.6. As variáveis	68
3. ANÁLISE DOS RESULTADOS	74
3.1. Os grupos de fatores selecionados	76
3.1.1. Segmento seguinte	76
3.1.2. Velocidade de fala	79

3.1.3. Escolaridade	81
3.1.4. Tonicidade da sílaba	82
3.1.5. Idade	85
3.2. Os grupos de fatores não selecionados	86
3.3. Frequência lexical	90
4. INTERPRETAÇÃO FONOLÓGICA DOS DADOS	102
5. CONCLUSÃO	119
ABSTRACT	122
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	124
ANEXOS	132

RESUMO

Este estudo discute a monotongação do ditongo [eɪ] para [e] no português falado na cidade de Caxias (MA), à luz da teoria da variação (cf. Labov, 1972, 1994; Sankoff, G., 1982; Sankoff, D., 1988; Tarallo, 1994a; Chambers, 1995; Mollica, 1998; Callou et alii, 1998 e outros) e das propostas recentes de interpretação fonológica dos ditongos/monotongos, segundo Bisol (1989, 1994) e Schane (1995).

Procuramos neste trabalho responder às seguintes perguntas: (1) que fatores, lingüísticos e extralingüísticos, se correlacionam com a aplicação da regra de monotongação no dialeto em pauta? (2) como o fenômeno vem se implementando: via difusão lexical ou de modo regular, no espírito neogramático? e (3) qual modelo fonológico melhor daria conta do fenômeno em estudo?

De acordo com Labov (1981, 1994), a monotongação é um fenômeno de mudança sonora que se implementa segundo regras Neogramáticas, isto é, que está associado a fatores estritamente fonéticos. Defende a hipótese de que a mudança afeta o segmento da palavra. Para Oliveira (1991, 1992, 1995, 1997), por outro lado, todas as mudanças sonoras se implementam via difusão lexical, afetando o item lexical e não parte dele. Esta pesquisa demonstra que, no tocante à monotongação do ditongo [eɪ] no dialeto de Caxias, não é possível decidir quanto à implementação desse fenômeno, pois, ao mesmo tempo, apresenta características que sustentam ambas as propostas.

Outros trabalhos que examinaram o processo, tratando especificamente da descrição do mesmo (Paiva, 1996; Mollica, 1998), têm o considerado como motivado especificamente por fatores estruturais, sem exibir variação diastrática. O presente trabalho mostra que não são necessariamente os fatores estruturais os principais determinadores da aplicação da regra de apagamento do glide, fatores sociais e lexicais também são importantes na explicação da monotongação do ditongo [eɪ]. Mostra ainda que a regra apresenta diferenciação diastrática, podendo haver restrições quanto à modalidade padrão vs. não padrão.

O modelo fonológico que dê conta do fenômeno em pauta ainda é muito obscuro. Notamos que a interpretação que Bisol (1989, 1994) faz dos ditongos/monotongos consegue dar conta da redução do ditongo em foco diante de palatais, mas é questionável a explicação dada para fenômeno diante de tepe ou vibrante simples. Com respeito à monotongação do ditongo [eɪ] antes da vogal [a] (p.ex. em *meia*), nada é mencionado pela proposta. A Fonologia de Partículas, conforme Schane (1995), não deixa claro se o fenômeno é *per si* motivado pela duração silábica ou pelo segmento seguinte.

PALAVRAS-CHAVES: Mudanças Lingüísticas, Língua Portuguesa, Fonologia, Sociolingüística.

ABREVIATURAS E SIGLAS

CIEP	Centro Integrado de Educação Pública
ALS	Atlas Lingüístico de Sergipe
cf.	conferir, confrontar
DL	Difusão Lexical
ex.	exemplo
FGT	Fonologia da Geometria de Traços
FP	Fonologia de Partículas
IPA	International Phonetic Alphabet (Alfabeto Fonético Internacional)
i.e.	isto é
NG	Neogramático
OCP	Princípio do Contorno Obrigatório (Obligatory Contour Principle)
Op. cit.	na obra citada
PIE	Proto Indo-Europeu
p.	página
pp.	páginas
p.ex.	por exemplo
P.R.	Peso Relativo
vs.	<i>versus</i>

LISTA DE SÍMBOLOS

[]	Representação de realizações fonéticas
/ /	Representação de fonemas
$x > y$	x origina y
$x < y$	x é originado de y
$x \sim y$	x varia com y
[i]	Vogal alta anterior não-arredondada
[e]	Vogal média-alta anterior não-arredondada
[ɛ]	Vogal média-baixa anterior não-arredondada
[a]	Vogal baixa central
[ɔ]	Vogal média-baixa posterior arredondada
[o]	Vogal média-alta posterior arredondada
[u]	Vogal alta posterior arredondada
[p]	Oclusiva bilabial surda
[b]	Oclusiva bilabial sonora
[t]	Oclusiva alveolar surda
[d]	Oclusiva alveolar sonora
[k]	Oclusiva velar surda
[g]	Oclusiva velar sonora
[tʃ] ou [tʃ̺]	Africada alveopalatal surda
[dʒ] ou [dʒ̺]	Africada alveopalatal sonora
[l]	Lateral alveolar sonora
[m]	Nasal bilabial sonora
[n]	Nasal alveolar sonora
[r], [r̺] ou [r̺̥]	Tepe alveolar sonoro
[ʃ] ou [ʃ̺]	Fricativa alveopalatal surda

[ʒ] ou [ʒ̃]	Fricativa alveopalatal sonora
[s]	Fricativa alveolar surda
[eɪ]	Ditongo decrescente oral, segundo o Padrão do IPA
[ãʊ]	Ditongo decrescente nasal, segundo o Padrão do IPA
[ay]	Ditongo decrescente oral, segundo o Padrão Americano
[ey]	Ditongo decrescente oral, segundo o Padrão Americano
[aw]	Ditongo decrescente oral, segundo o Padrão Americano
[ow]	Ditongo decrescente oral, seguindo o Padrão Americano
[aɪ]	Ditongo decrescente oral com glide vocálico, segundo a FP
[eɪ]	Ditongo decrescente oral com glide vocálico, segundo a FP
[ey]	Ditongo decrescente oral com glide consonantal, segundo a FP
[ɔy]	Ditongo decrescente oral com glide consonantal, segundo a FP
[ow]	Ditongo decrescente oral com glide consonantal, segundo a FP
σ	Sílaba
R	Rima
r	Raiz
N	Núcleo
μ	Mora, tempo
a	Traço de abertura
i	Traço de palatalização
u	Traço de labialização
:	Alongamento
ɪ, ʊ	Glides vocálicos
y, w	Glides consonantais
>r<	Operação de fusão
s	Partículas compartilhadas (s = shared)
h ₁	Partículas pertencentes à 1ª metade do ditongo (h = half)
h ₂	Partículas pertencentes à 2ª metade do ditongo (h = half)

φ	Nulo
←x	Partilhamento da partícula x
V	Vogal
C	Consoante
co	Cavidade oral
PC	Ponto de articulação de consoantes
PV	Ponto de articulação de vogais
[ant]	Anterior
[cor]	Coronal
[ab 1]	Abertura 1
[ab 2]	Abertura 2

NOTAS: Neste trabalho, nós respeitamos as transcrições fonéticas dos textos originais aqui tratados (Bisol, 1989, 1994; Schane, 1995), por isso há flutuação no Alfabeto Fonético.

Fizemos uso do asterisco (*) antes de um determinado exemplo para explicitar que tal exemplo não ocorre na comunidade-de-fala.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Paradigma da mudança sonora	24
QUADRO 2: Vias de implementação da mudança sonora segundo suas propriedades	31
QUADRO 3: Balanço final da mudança sonora regular e de difusão lexical	34
QUADRO 4: A monotongação do ditongo [eɪ]: efeito do segmento seguinte no arquivo de dados categóricos de não-aplicação da regra de monotongação	78
QUADRO 5: Diferenças nas abordagens fonológicas de interpretação dos ditongos/monotongos	103

LISTA DE TABELAS

TABELA 1:	Balanço das mudanças vocálicas e consonantais, como e sem difusão .	30
TABELA 2:	A monotongação do ditongo [eɪ]: efeito do segmento seguinte no arquivo de dados variáveis	77
TABELA 3:	A monotongação do ditongo [eɪ]: efeito da velocidade de fala no arquivo de dados variáveis	80
TABELA 4:	A monotongação do ditongo [eɪ]: efeito da velocidade de fala com relação à palavra dentro do arquivo de dados categóricos de não- aplicação da regra	81
TABELA 5:	A monotongação do ditongo [eɪ]: efeito da escolaridade no arquivo de dados variáveis	81
TABELA 6:	A monotongação do ditongo [eɪ]: efeito da tonicidade da sílaba no arquivo de dados variáveis	82
TABELA 7:	A monotongação do ditongo [eɪ]: efeito da faixa etária no arquivo de dados variáveis	85
TABELA 8:	Frequência lexical alta	93
TABELA 9:	Frequência lexical média	95
TABELA 10:	Frequência lexical baixa	99

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: A monotongação do ditongo [eɪ]: atuação da idade relacionada à escolaridade	86
GRÁFICO 2: A monotongação do ditongo [eɪ] em relação à classe social	88

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo é uma análise do fenômeno de monotongação do ditongo decrescente oral [eɪ] para a vogal média oral fechada [e]¹, registrada na fala de informantes da cidade de Caxias (MA). O *corpus* que utilizamos neste estudo advém de 24 entrevistas, das quais levantamos um total de 1.305 dados, correspondendo a 12 horas de fala (30 minutos de cada inquérito). Procuramos, com base na metodologia da sociolingüística variacionista (cf. Labov, 1972, 1994; Sankoff, G., 1982; Sankoff, D., 1988; Tarallo, 1994a; Chambers, 1995; Mollica, 1998; Callou et alii, 1998 e outros), e nas propostas recentes de interpretação fonológica dos ditongos/monotongos, conforme Bisol (1989, 1994) e Schane (1995), responder às seguintes indagações:

- i) que fatores, lingüísticos e extralingüísticos, se correlacionam com a aplicação da regra de monotongação no dialeto em estudo?
- ii) como o fenômeno vem se implementando: via difusão lexical ou de modo regular, no espírito neogramático?
- iii) qual modelo fonológico melhor daria conta do fenômeno em pauta?

A seção 2 dedica-se à apresentação da fundamentação teórico-metodológica do presente trabalho, na qual discutiremos a mudança lingüística sob duas abordagens: a Neogramática (NG) e a Difusionista (DL), as quais serão constantemente referidas nesta dissertação. Também serão abordadas nesta seção as principais questões referentes à explicação do processo de mudança sonora, ocasião em que confrontaremos os modelos NG e DL; em outras palavras, faremos uma incursão ao que ficou conhecido na literatura lingüística como “A controvérsia neogramática”. Em seguida será feita a apreciação de algumas propostas fonológicas de interpretação dos ditongos e monotongos, quando discutiremos o trabalho de Bisol, baseado na Teoria da Geometria de Traços, e o de Schane, baseado na Fonologia de Partículas. A apresentação de alguns estudos realizados no Brasil,

¹ Vale mencionar que, no dialeto caxiense, também foi observada a ocorrência da vogal média-baixa anterior não-arredondada [ɛ], mas numa única palavra: feijão, configurando-se uma variação entre [eɪ], [e] e [ɛ] ([feɪ'ʒau] ~ [fe'ʒãu] ~ [fɛ'ʒãu]).

abordando a monotongação, também será feita nesta seção, bem como a exposição detalhada da metodologia adotada para o desenvolvimento desta pesquisa.

A seção 3 apresenta a pesquisa em si, com a descrição minuciosa dos dados investigados, cujos resultados foram importantes para a interpretação fonológica do fenômeno apresentada na seção 4.

A conclusão é oferecida no capítulo 5.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

2.1. A MUDANÇA LINGÜÍSTICA

Após o trabalho de Wang (1969), intitulado *Competing changes as a cause of residue*, renovaram-se os interesses pelos aspectos relacionados às causas da mudança sonora (atuação), ou seja, por que uma mudança sonora se inicia, e pela forma como uma mudança sonora, já iniciada, se espraia ao longo do tempo (implementação).

Neste trabalho estaremos preocupados com a implementação; a esse respeito discutiremos dois modelos: Neogramático e Difusão Lexical. Inicialmente faremos uma descrição geral de cada um deles e em seguida abordaremos a chamada controvérsia, que é precisamente uma tentativa, conforme Labov (1981, 1994), de conciliação entre os dois modelos mencionados.

2.1.1. Os Neogramáticos

There must... exist a rule for the irregularities; the task is to find this rule.

(Verner 1978: 36)

Os Neogramáticos (ou novos gramáticos, *junggrammatiker* em Alemão), entre os quais Paul, Osthoff, Leskien e Brugmann, eram um grupo de historiadores de línguas da segunda metade do século XIX que levaram às últimas consequências a **hipótese da regularidade da mudança sonora**. De acordo com esta hipótese *a mudança opera mecanicamente segundo leis² que não admitem exceção*, exposta de forma categórica por Osthoff e Brugmann (1878):

² As leis fonéticas referidas pelos Neogramáticos eram, principalmente, a de Grimm (Grimm's Law) e a de Verner (Verner's Law), as quais estipulavam a respeito de duas línguas aparentadas o seguinte: se um

(...) *every sound change, inasmuch as it occurs mechanically, takes place according to laws that admit no exception.* (Tradução de Lehmann, 1967:204)

A frase “*inasmuch as it occurs mechanically*” (já que ela [a mudança sonora] procede mecanicamente) explica dois aspectos importantes da posição Neogramática. Segundo Labov (1994: 422-3), esta formulação procura salientar os mecanismos que dão conta das exceções à regularidade: as analogias e os empréstimos dialetais. O primeiro processo envolve relações conceituais que não são de natureza mecânica (ou fonética), e o segundo envolve relações sociais que, também, não são mecânicas. Neste sentido, a noção Neogramática da regularidade é bem restrita. Primeiramente porque exclui mudanças esporádicas, como as analogias; e segundo porque é limitada a uma comunidade-de-fala³ particular, num tempo particular (McMahon, 1994: 22).

Conforme a teoria Neogramática, a mudança sonora e a analogia são dois processos opostos e complementares. Enquanto a **mudança sonora** opera sem considerar as conseqüências para a estrutura gramatical e semântica, a **analogia** se preocupa justamente com a relação entre a gramática e seu significado, depois que a ligação entre essas partes foi cancelada pela mudança sonora. No entanto, a analogia não se aplica em

elemento X na língua A correspondesse a Y numa língua B em uma posição Z, então todo X de A na posição Z se converteria em Y. A Lei de Grimm, a propósito da mudança consonântica, verificava que oclusivas surdas [p, t, k], sonoras [b, d, g] e sonoras aspiradas [bh, dh, gh] do proto indo-europeu (PIE) correspondem, respectivamente, em germânico (GMC), à fricativas surdas [f, θ, x], oclusivas surdas [p, t, k] e sonoras [b, d, g]. Por exemplo, PIE *piscis* > GMC *fisks*; PIE *tu* > GMC *thu*, sem exceção. O sentimento de segurança que esta verificação poderia ter proporcionado era singularmente enfraquecido pela observação de que havia exceções à “regra”, anomalias que pareciam justificar, ao mesmo tempo, a falta de precisão na generalização, o desprezo pela uniformidade e as acrobacias fonéticas que foram levadas ao exagero pelos primeiros comparatistas, comprometendo a idéia de que a implementação da mudança era sempre regular (Leroy, 1967: 52). Tratava-se do fato de que PIE **bhrater* > Gótico *brothar*, com *t > /θ/, mas PIE **peter* > Gótico *faðar* com uma plosiva sonora /d/. Em 1877, o lingüista dinamarquês Karl Verner dava conta dessas aparentes irregularidades ao observar que plosivas surdas entre vogais, na conversão de uma língua para outra, poderiam corresponder à plosivas ou à fricativas sonoras, quando a vogal precedente fosse átona (McMahon, 1994:24). Este tipo de mudança ficou conhecido com Verner’s Law. Segundo Verner a intenção não era negar a existência de exceções, mas a de encontrar regras para elas: “There must.. exist a rule for the irregularities; the task is to find this rule” (Verner, 1978: 36).

³ Labov (1972) define **comunidade-de-fala** como um grupo de falantes que compartilham o mesmo conjunto de normas.

todos os casos. Em outras palavras, a analogia tem uma dupla face: por um lado, pode ter um efeito regularizador na *gramática* ao eliminar as alternâncias gramaticais irregulares ou, pelo menos, ao diminuir sua frequência de ocorrência, e por outro, pode reduzir o total de *itens lexicais* irregulares na língua” (cf. Bynon, 1967: 36-37). Essa interação entre mudança sonora e analogia é rotulada na literatura lingüística como **Paradoxo de Sturtevant**, segundo o qual a mudança sonora é regular mas cria irregularidades, ao passo que a analogia é irregular mas cria regularidades.

Especificamente a respeito da implementação da mudança sonora, que deve ser entendida aliada à hipótese da regularidade, os Neogramáticos assumiram que a mudança é lexicalmente abrupta mas foneticamente gradual e imperceptível, afetando simultaneamente todas as palavras com o mesmo contexto fônico na língua em questão, e todas os membros de uma comunidade-de-fala. Como vimos acima, as misturas dialetais e as analogias são dois recursos propostos para explicar as exceções à regularidade da mudança, uma vez que elas fazem parte de uma outra operação de mudança: as mudanças não-condicionadas por fatores fonéticos ou que não dizem respeito essencialmente à fonologia, isto é, aquelas que se aplicam via informações morfológicas, sintáticas e semânticas.

Resumindo: Os Neogramáticos têm dois grandes princípios (ou hipóteses de trabalho): o princípio da regularidade sonora, para explicar as mudanças no nível fonológico, condicionadas por fatores fonéticos apenas; e o princípio da analogia (Bynon, 1977: 24), para explicar as eventuais exceções que contradiziam a regularidade sonora. Os Neogramáticos reconhecem como unidade fundamental de mudança o **som**, não a palavra; que a mudança sonora é regular e imperceptível, motivada única e exclusivamente por fatores de ordem fonética, aplicando-se a todas as palavras relevantes, sem exceção.

Segundo McMahon (1994: 21), a proposta Neogramática, com respeito à regularidade da mudança sonora, era, enfim, aplicada apenas para os casos de assimilação e enfraquecimento; não se estendia para as mudanças tipo metátese, haplologia e dissimilação. Estas mudanças tendiam a violar o princípio fundamental da teoria, já que são esporádicas, aplicando-se a algumas palavras e a outras não, embora com o mesmo contexto. De acordo com a autora, dificilmente tais mudanças poderiam ocorrer gradual e imperceptivelmente.

Os axiomas do modelo Neogramático recentemente, mais uma vez, são questionados. O slogan **Cada palavra tem sua própria história** (Each word has its own history) ganha outra vez uma significativa importância entre os linguistas da época, entre os quais: Wang (1969), Sherman (1973), Chen & Wang (1975), Chen (1977), Krishnamurti (1978) e Shen (1990), propiciando uma outra maneira de olhar as exceções no processo de implementação da mudança sonora. Vale recordar que tais exceções nem eram permitidas no modelo Neogramático, ou seja, o princípio da regularidade necessariamente conduzia esses casos “irregulares” a uma explicação via analogia ou empréstimos dialetais. Esta nova maneira de pensar a mudança lingüística ficou conhecida por **Difusão Lexical**, termo empregado pela primeira vez por Wang (1969). Segundo esse novo modelo, a unidade básica de mudança seria a **palavra**, não o **som**. É sobre essa proposta que estaremos discutindo na próxima seção.

2.1.2. Os Difusionistas

Each word has its own history.

*“A mudança sonora pode ser implementada de uma maneira que é foneticamente abrupta, mas lexicalmente gradual. Como a mudança se difunde através do léxico, ela pode não atingir todas as palavras relevantes simultaneamente. Se houver outra mudança competindo, resíduos podem resultar(...)”*⁴ Com estas palavras Wang (1969) introduzia um artigo (“Competing change as a cause of residue”) que se tornaria clássico na literatura lingüística da mudança. Neste texto, o autor sugeria que as irregularidades poderiam ser o resultado natural de duas mudanças sonoras regulares, e não da competição entre mudança sonora e analogia. Em outras palavras, conforme Labov (1994: 424), Wang

⁴ Wang (1969: 9): “Phonological change may be implemented in a manner that is phonetically abrupt but lexically gradual. As the change diffuses across the lexicon, it may not reach all morphemes to which it is applicable. If there is another change competing for part of the lexicon, residue may result.”

sugeria que as “exceções à mudança sonora regular poderiam ser causadas pela operação sobreposta e concomitante de duas regras em uma relação sangrenta”.

Podemos entender a proposta de Wang, ou a hipótese da teoria da Difusão Lexical, através do quadro 1, abaixo, que é o paradigma da mudança sonora (Wang, 1969: 18) conforme adotado pelo modelo aqui em discussão. T₁, T₂, T₃, T₄ e T₅ indicam tempo 1, tempo 2, tempo 3, tempo 4 e tempo 5, respectivamente; C₁, C₂, C₃ e C₄ indicam contexto 1, contexto 2, contexto 3 e contexto 4, respectivamente; A e B são as duas regras em competição.

Quadro 1: Paradigma da mudança sonora

	T ₁	T ₂	T ₃	T ₄	T ₅
C ₁	A	B	B	B	B
C ₂	A	A	B	B	B
C ₃	A	A	A	B	B
C ₄	A	A	A	A	B

(Wang, 1969:18)

De acordo com Wang, “no tempo T₁, o segmento A ocorre em quatro contextos diferentes, C₁, C₂, C₃ e C₄. Estes contextos podem ser especificados em termos fonológicos ou morfológicos. Em T₂, A mudou para B em contexto C₁, criando uma alternância no sistema sonoro. Podemos imaginar C₁ como o contexto PRIMÁRIO, ou seja, como o contexto em que é mais provável que A mude para B através de um processo de assimilação motivado por C₁.”⁵

Ainda conforme o autor: “Todas as palavras cujo A está em C₁ não mudarão nesse mesmo tempo, naturalmente. Algumas delas podem demorar e mudar apenas depois

⁵ Op. cit., p. 18. “(...) At the beginning of the time span, t₁, segment A occurs in four distinct contexts, C₁, C₂, C₃, and C₄. These contexts may be specified in either phonological or morphological terms. At t₂, A has become B in the context C₁, creating an alternation in the sound system. We may think of C₁ as the PRIMARY context, as it is most likely the case that A is changed to B through an assimilatory process motivated by C₁.

de T_3 , ou talvez mais tarde. (...) O quadro mostra que para T_5 todos os A 's se tornaram B 's. Isto é, as condições para a mudança são relaxadas até que finalmente a mudança se torna não-condicionada.”⁶

Em outras palavras, o quadro acima tenta mostrar como uma mudança opera dentro de um dado período de tempo, e como os resíduos podem naturalmente surgir, sendo eles o resultado de mudanças ainda não completadas que se cruzam no tempo (podemos ver isso exemplificado em T_2 , T_3 e T_4). Uma mudança sonora é regular se não houver nenhuma mudança competindo (podemos ver isso exemplificado em T_5).

Para os difusionistas as mudanças sonoras não ocorrem simultaneamente, uma vez que podem levar anos, séculos para completar seu curso. Cada palavra terá um comportamento próprio, independente do comportamento de outras palavras. A operação é local: palavra-por-palavra.

Os difusionistas também sustentam que uma mudança sonora pode não conseguir completar seu curso, podendo, inclusive, retroceder no tempo (“mudança retrógrada” (Weinrich, 1958)). Nesse sentido, a noção de resíduos é delicada visto que é difícil determinar, dentro de numerosos subconjuntos de palavras, aquelas que terão um desenvolvimento “regular” (Wang, 1969:20-21).

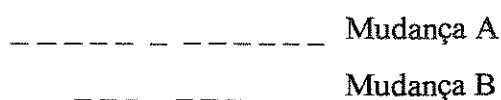
As mudanças por difusão num período de tempo relativamente longo podem se cruzar com outras mudanças que também estão se difundindo. Nesta circunstância, é possível observar três relações: coincidência, incorporação e sobreposição, como mostrado em (1a-c).

(1) a. Coincidência

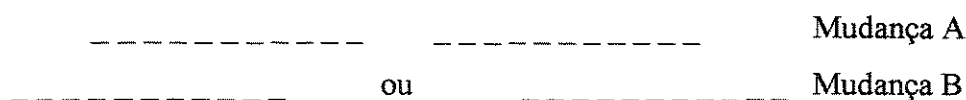
----- Mudança A
----- Mudança B

⁶ Op. cit., p. 18. “All the morphemes which have A in the context C_1 will not change at the same time, of course. Some of them may even lag and change only after t_3 , or maybe even later. (...) The table shows that by t_5 all of the A 's have changed into B 's. That is, the conditions for the change have relaxed until finally the change has become unconditional.

b. Incorporação



c. Sobreposição



Duas mudanças coincidem se seus períodos de operação são precisamente os mesmos, como em (1a). Em (1b), a mudança **A** incorpora a mudança **B**, já que o período de difusão para a mudança **A** inclui inteiramente a mudança **B**. Duas mudanças sobrepostas (como em (1c)) podem ser parcialmente coincidentes.

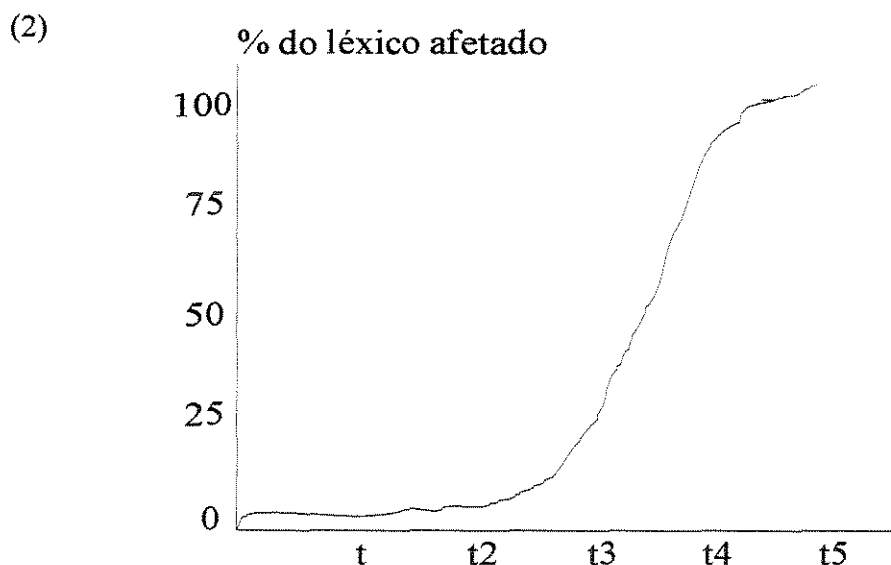
Na maioria dos casos, a interseção entre duas mudanças sonoras não interfere no progresso de ambas, uma vez que cada uma afeta um grupo diferente de palavras num contexto diferente. Porém, pode ocorrer, em alguns casos, que as mudanças cruzadas possam se aplicar ao mesmo conjunto de itens, constituindo a competição, como definida por Wang (1969: 18).

Segundo McMahon (1994: 51), a teoria da Difusão Lexical é atrativa para os diatologistas e também para os lingüistas, já que dá algum *status* teórico para a variação que emerge de dados dialetais, especialmente nas áreas de transição entre um dialeto e outro.

Ainda segundo McMahon, essa difusão por áreas não é restrita apenas aos dialetos, mas pode também se aplicar ao desenvolvimento das línguas. Ela cita como exemplo o trabalho de Khrishamurti (1978), no qual o autor traça a história de uma série de mudanças que ele chama de deslocamento de apicais em algumas línguas dravídicas. Krishamurti assevera que o léxico de Kui foi afetado em torno de 75%, o de Kuvi, Pengo e Manda em torno de 65%, e o Gondi e Konda apenas 20%. Defende que essa variação

decorre da difusão gradual de palavra-a-palavra dentro de cada língua e dentro de língua-a-língua.

Para traçar o progresso de uma mudança via difusão na fala de um único falante ou de uma comunidade-de-fala, os difusionistas têm lançado mão do gráfico curva-S (S-curve graph), como mostrado em (2).



Este gráfico curva-S ilustra o modo pelo qual as mudanças se implementam, ou seja, as mudanças iniciam-se devagar, possivelmente atingindo um número muito pequeno de palavras, e gradualmente vão estendendo seu escopo de aplicação ao longo do tempo. Este gráfico ainda pode ser interpretado como modelo bola-de-neve (snowball model), isto é, uma vez iniciada a mudança de modo lento, a tendência é ganhar corpo e velocidade. Como diz McMahon (1994: 53), “se este modelo cuidadosamente reflete o modelo da Difusão Lexical, então muitas mudanças seriam observadas durante os períodos lentos, abaixo de 20% e acima de 80%”. Ainda segundo a autora, este fato é comprovado pelas análises sobre mudança sonora em progresso.

Para os difusionistas, a concepção Neogramática de que a mudança sonora é lexicalmente abrupta corresponde nada mais do que a mudança que completou seu curso,

atingindo todas as palavras relevantes. Neste sentido, quando o analista vai estudar essas palavras, ele poderá ter a impressão de que a mudança ocorreu via regras neogramáticas, quando – na verdade – foi por difusão lexical. Vale lembrar que o curso de uma mudança considerada lexicalmente gradual, depois de iniciada, nem é inevitável, nem inexorável.

A Difusão Lexical é particularmente válida nos casos de aparentes irregularidades, quando algumas formas não são afetadas. Como dissemos acima, essas formas podem ser consideradas como resíduos de uma mudança que não completou seu curso, ou porque tiveram um final prematuro, ou porque sua implementação foi frustrada por uma outra mudança sonora em competição, sobreposta ao longo da dimensão temporal (cf. Chen, 1977: 244).

A mudança sonora do ponto de vista Neogramático é lexicalmente abrupta ou instantaneamente implementada. O modelo não explica as exceções, ou melhor, os autores recorrem ao conceito de analogias e de misturas (ou empréstimos) dialetais. Segundo os difusionistas, esta não pode ser a única explicação. Os defensores da Difusão Lexical fundamentam sua afirmação recorrendo aos dados do chinês, já que, conforme Wang (1969), os dados do chinês são particularmente úteis para testar a abordagem Neogramática pelo fato de que as analogias morfológicas, que poderiam comprometer a regularidade da mudança sonora no paradigma de flexão, são praticamente inexistentes.

Os difusionistas não negam que a mudança possa ser regular, uma vez que as regularidades também podem ocorrer via Difusão. Entretanto,

(...) a diferença [entre as duas abordagens] repousa antes na descrição (e, finalmente, na explicação) do mecanismo de mudança, ou seja, no modo pelo qual a mudança é realmente implementada⁷. (Wang & Cheng, 1977: 151)

⁷ Wang & Cheng, 1977: 151: “(...) the difference lies rather in the description (and ultimately, in the explanation) of the change mechanism, i.e, how the change is actually implemented”.

Alguns problemas ainda não resolvidos no modelo de Difusão Lexical dizem respeito à duas questões: (1) o que vai determinar que itens lexicais serão afetados primeiro por uma mudança? e (2) o que determina o momento de uma mudança por difusão? No geral, entretanto, o modelo da Difusão Lexical tem sido visto como um caminho promissor dentro da lingüística histórica, oferecendo uma inestimável contribuição para a compreensão do problema de implementação da mudança sonora.

2.1.3. A Controvérsia

*(...) if Wang and his associates are right about lexical diffusion, and the
Neogrammarians were more right than they knew about sound change,
how can both be right?
(Labov, 1994: 541)*

A chamada controvérsia sobre a regularidade da mudança sonora é uma tentativa de conciliar a disputa existente há muito tempo entre os modelos Neogramático e de Difusão Lexical, levada a cabo pelo lingüista americano William Labov (1981, 1994). Essa disputa gira em torno de princípios, ou seja, os Neogramáticos assumem que a mudança sonora é **foneticamente gradual**, mas **lexicalmente abrupta**, procedendo através de etapas imperceptíveis e afetando simultaneamente todos os itens lexicais relevantes. Por outro lado, para os Difusionistas, a mudança sonora é **foneticamente abrupta**, mas **lexicalmente gradual**, no sentido de que avança através de alterações perceptíveis e não atinge todas as palavras relevantes ao mesmo tempo⁸. Para os primeiros, a unidade básica de mudança é o **som** (o segmento); para os últimos, “a palavra tem soberania e liberdade na medida em que ela pode determinar sua própria história, independentemente de acontecimentos fonético-fonológicos no sistema”(cf. Tarallo, 1994b: 69).

⁸ Cf. Wang & Cheng (1977: 150): “We hold that words change their pronunciation by discrete, perceptible increments [ou seja, foneticamente abrupto] but severally at a time [ou seja, lexicalmente gradual]”

William Labov (1981)⁹, a partir de pesquisas sobre mudança sonora em progresso na cidade de Filadélfia, tenta contornar esse problema, mostrando a necessidade de se distinguirem dois tipos de mudanças no sistema: aquelas que operam num nível mais baixo (“low-level output rules”), tais como: alçamento, rebaixamento, anteriorização e posteriorização, etc., e aquelas que operam num nível mais alto (isto é, mudanças fonológicas abstratas), tais como: alongamento vs. encurtamentos de vogais, etc. Segundo Labov, as mudanças de nível baixo se implementam via regras Neogramáticas, e as de nível mais alto, via Difusão Lexical.

Neste sentido, podemos esperar a ocorrência de ambas as mudanças neogramática e de difusão lexical, conforme uma tabela como a que Labov apresenta no artigo mencionado.

Tabela 1: Balanço das mudanças vocálicas e consonantais, com e sem difusão lexical

	Sem Difusão Lexical	Com Difusão Lexical
Mudanças vocálicas		
em subsistemas	4	1
Ditongação e monotongação	3	1
Alongamento e encurtamento	0	7
Mudanças consonantais		
modo de articulação	4	0
ponto de articulação	5	2

Podemos esperar, então, que a difusão lexical aconteça com maior frequência no processo de mudança vocálica, com os casos de alongamento e encurtamento; e nas mudanças consonantais, quando se trata de mudança no ponto de articulação. Os demais casos implementam-se através dos princípios Neogramáticos.

⁹ Labov é um dos pioneiros da sociolinguística que defende que muitas das variações encontradas entre os falantes de uma comunidade podem ser interpretadas como mudança sonora em progresso. Ele foi um dos

Ao lado desta tabela, Labov (op. cit. 296) ainda apresenta uma outra classificação (veja-se quadro 2) muito mais geral e completa, distinguindo os dois tipos de mudanças segundo suas propriedades.

Quadro 2: Vias de implementação da mudança sonora segundo suas propriedades

Propriedades ↓/ vias de implementação→	Difusão Lexical	Mudança Neogramática
Discreta	Sim	Não
Condicionamento fonético	Fraco	Forte
Exceções lexicais	Sim	Não
Condicionamento gramatical	Sim	Não
Efeito social	Não	Sim
Previsibilidade	Não	Sim
Pode ser aprendida	Não	Sim
Categorizada	Sim	Não
Entradas de dicionário	2	1
Difusão lexical	Sim	Não

Como mostra o quadro acima, “as mudanças por difusão lexical são discretas; dizendo de outra maneira, elas produzem uma saída binária, tal como as sonoras se opõem às surdas, ou as longas às curtas. As mudanças Neogramáticas, sendo foneticamente graduais, podem produzir variação entre estes pólos, marcando segmentos como mais longos ou mais curtos, em vez de categoricamente longo ou curto. As mudanças Neogramáticas são muito sensíveis a fatores fonéticos, e nunca são afetadas por fatores gramaticais, enquanto as mudanças por difusão podem ser gramaticalmente condicionadas, e muito fracamente condicionadas por fatores fonéticos. As mudanças por difusão podem ter exceções, enquanto as mudanças Neogramáticas tendem a ser aplicadas sem exceções.

primeiros lingüistas a contestar na prática a discussão Neogramática de que a mudança sonora não é observável, através do estudo de inúmeros casos de mudança em progresso, especialmente em Nova Iorque.

As mudanças Neogramáticas são também socialmente relevantes, ocorrem em contextos previsíveis e podem ser aprendidas pelos falantes que se deslocam dentro de uma área dialetal em que a mudança está operando, enquanto o oposto é verdadeiro para a mudança por difusão. As mudanças por difusão, por um lado, podem ser categorizadas, ou seja, os falantes podem geralmente diferenciar a entrada de tais mudanças da saída, enquanto as Neogramáticas são caracteristicamente não observáveis. Isto realça o fato de que as mudanças por difusão envolvem tipicamente um contraste entre dois elementos; elas então envolvem dois fonemas ou duas entradas no dicionário. As mudanças Neogramáticas operam num nível mais baixo, não-contrastivo. Finalmente, [o quadro 2] mostra que mudanças por difusão operam via difusão lexical!” (cf. McMahon 1994: 58).

A posição de Labov foi revista de modo radical por Oliveira (1991), para quem **todas as mudanças sonoras são lexicalmente implementadas**¹⁰, negando qualquer possibilidade de mudança via regras Neogramáticas. Oliveira se baseia nos seguintes fatos por ele apontados:

- i) *“Há mudanças sonoras que não se encaixam no modelo neogramático (...) o retesamento da vogal curta a (o caso de Chao-Zhou, por exemplo). Isto é, temos que admitir difusão lexical”*.¹¹
- ii) *“Há mudanças sonoras que são consideradas, por algum critério teórico, de natureza neogramática, quando reexaminadas, demonstram ter condicionamento lexical (O alçamento da pretônica no português do Brasil, por exemplo) (...)”*.¹²

¹⁰ Oliveira (1991: 103): “My own position is more radical than Cheng and Wang’s, and I will say that *all* [grifo do próprio autor] sound changes are lexically implemented, that is, there are *no* [grifo do próprio autor] neogrammarian sound changes...”

¹¹ Op. cit., p. 103: “There are sound changes which do not fit the neogrammarian model (the tensing of short *a*, the case of Chao-Zhou, for example). That is, we have to admit lexical difusion.”

¹² Op. cit., p. 103: “There are sound changes which are supposed to be, by some theoretical criterion, neogrammarian in natureza. On closer examination, though, they turn out to be cases of lexical difusion (Brazilian Portuguese PR, for example).”

iii) *“Há mudanças sonoras que não apresentam condicionamento lexical no presente (isto é, são regulares), mas que no passado tiveram condicionamento lexical”*¹³. Esses casos só são identificados através de uma análise diacrônica.

Oliveira finaliza sua exposição com um repto:

iv) *“Se os neogramáticos não tinham controle da transição de X para Y numa mudança do tipo $X \rightarrow Y/Z$, como poderiam provar que esta não era implementada lexicalmente?”*¹⁴

Oliveira observa, enfim, que a mudança do tipo $X \rightarrow Y/Z$ pode no final atingir regularidade, desde que Z ofereça um ambiente fonético natural para Y, i.e., quando a mudança consegue completar seu curso, afetando todos os itens relevantes.

Em seu trabalho mais recente, Labov (1994: 419-545) se volta mais uma vez para a questão da implementação da mudança sonora. Neste estudo, o autor reanalisa uma série de trabalhos que haviam sido considerados de natureza difusionista, entre os quais o trabalho de Li (1982) sobre as mudanças de consoante final no dialeto de *Atayalic*. Labov conclui que, na verdade, esses casos são exemplos típicos de regularidade Neogramática, como cita abaixo:

*“Esta reanálise dos dados de Atayalic indica que a mudança que foi inicialmente apresentada como um caso evidente de difusão lexical é, em vez disso, um exemplo de regularidade Neogramática”*¹⁵ (p. 450)

¹³ Op. cit., p. 103: “There are sound changes which show no present lexical conditioning (that is, they are regular) but which had past lexical conditioning.”

¹⁴ Op. cit., p. 103: “If the neogrammarian had no control of the transition from X to Y in a change of the form $X \rightarrow Y/Z$, how can one guarantee that this change was not lexically implemented?”

¹⁵ Labov, 1994: 450: “This reexamination of the Atayalic data indicates that a change that was initially presented as a clear case of lexical diffusion is instead a likely example of Neogrammarian regularity”.

No balanço final das mudanças investigadas, Labov continua apostando na divisão de dois tipos de mudanças: as **mudanças de baixo** (“change from below”), aquelas que são características dos estágios iniciais de uma mudança que se desenvolve dentro do sistema lingüístico, sem condicionamento gramatical ou nenhum grau de consciência social; e as **mudanças de cima** (“change from above”), aquelas que são características dos estágios mais tardios de uma mudança interna. Essas mudanças se diferenciam das outras pelo condicionamento gramatical e lexical que se tenham desenvolvido ou por um grau mais alto de consciência social ou através de empréstimos de outros sistemas. As mudanças de baixo são de natureza neogramática, enquanto que as de cima estão mais voltadas para a difusão lexical.

Dadas as propriedades de ambos os tipos de implementação da mudança sonora, Labov estabelece a seguinte classificação:

Quadro 3: Balanço final da mudança sonora regular e de difusão lexical

Mudança Sonora Regular	Difusão Lexical
Mudanças vocálicas no ponto de articulação	Encurtamento e alongamento de segmentos
Ditongação de vogais altas	Ditongação de vogais médias e baixas
Mudanças consonantais o modo de articulação	Mudanças consonantais no ponto de articulação
Vocalização de líquidas	Metáteses de líquidas e de oclusivas
Apagamento de glides e shwa	Apagamento de obstruintes

(Labov, 1994: 543)

Em artigo de 1995, Oliveira retoma a questão e sustenta que o léxico é o controlador primário da implementação das mudanças sonoras. Procura demonstrar tal hipótese, fundamentada em Leslau (1969), Fidelholtz (1975), Khrishnamurti (1978), Phillips (1984), Shen (1990) entre outros, a partir da noção de frequência como uma categoria explicativa para se determinar as primeiras vítimas lexicais de uma mudança.

Oliveira, nesse mesmo artigo, reafirma sua tendência difusionista e assume que “cada som é uma mudança *em potencial* pelas suas propriedades individuais”(p. 79). Dessa forma, à maneira do autor, *teremos sons mais propensos do que outros às mudanças (...). Uma vez concretizada uma mudança (...), ela se implementará lexicalmente*”(p.79).

A questão do léxico, segundo Oliveira, merece ser melhor esclarecida. Ele o considera a parte mais obscura de toda a questão. Comenta inclusive que uma teoria do léxico se faz necessária e que só pode ser elaborada se dispusermos de uma teoria da linguagem, não de teorias da gramática, o que, na sua visão, inexistente. As razões pelas quais um item lexical é ou não mais propenso a uma dada inovação são ainda muito vagas.

Num artigo recente de 1997 sobre o cancelamento do (r) em final de sílaba, descrito conforme o modelo de Difusão Lexical, Oliveira ressalta, a partir do trabalho de Shen (1990)¹⁶, a importância do papel do indivíduo no espalhamento da mudança sonora o qual tem sido, de modo geral, negligenciado. Segundo ele, numa abordagem sociolinguística laboviana clássica, o papel do indivíduo não interessa muito; o que interessa é o comportamento do grupo. Nesse artigo, Oliveira sugere que os indivíduos não são meros reprodutores do comportamento dos grupos que integram. Ele observa no fenômeno estudado que, na verdade, indivíduos do mesmo grupo social podem apresentar comportamento divergente. Mesmo que haja uma certa relação entre o comportamento dos indivíduos e o comportamento do grupo ao qual eles pertencem, não podemos dizer que o primeiro é uma função do segundo, ou vice-versa (pp. 55-6).

Até agora estivemos percorrendo a respeito das duas grandes vertentes que se propõem a explicar a questão da mudança linguística, a saber: o modelo Neogramático e o modelo de Difusão Lexical. Estivemos preocupados especificamente com o problema de implementação da mudança sonora, isto é, como a mudança se espalha de um lado a outro do léxico. Notamos que os princípios empregados por ambas as abordagens não são, de maneira alguma, irrefutáveis. Há na literatura evidências que comprovam empiricamente a

¹⁶ Shen (1990: 160): “... if (a change) affects the underlying phonological system, is indeed through the lexicon, and at the same time the process of lexical diffusion spreads through the population as well. Thus, in a sound change, there is not only considerable variation in the lexicon, but also among and within individuals.”

veracidade dos dois modelos. Como então decidir por uma ou outra proposta? Acreditamos que apenas a observação atenta dos dados nos possibilitará seguir uma ou outra direção. O nosso trabalho se encaixa aqui, justamente na tentativa de se buscar indícios que favoreçam um dos modelos aqui apontados, ou ambos.

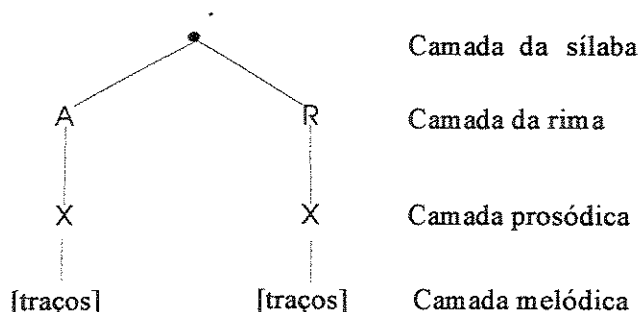
2.2. Propostas de Interpretação Fonológica dos Ditongos/ Monotongos

Outra preocupação nossa neste trabalho diz respeito à melhor maneira de representar fonologicamente o fenômeno aqui em estudo, isto é, a monotongação do ditongo [eɪ] para [e]. Para tanto, discutiremos nesta seção duas propostas, a de Bisol (1989, 1994) – baseada na Teoria da Geometria de Traços – e a de Schane (1995), fundamentada na Fonologia de Partículas (FP).

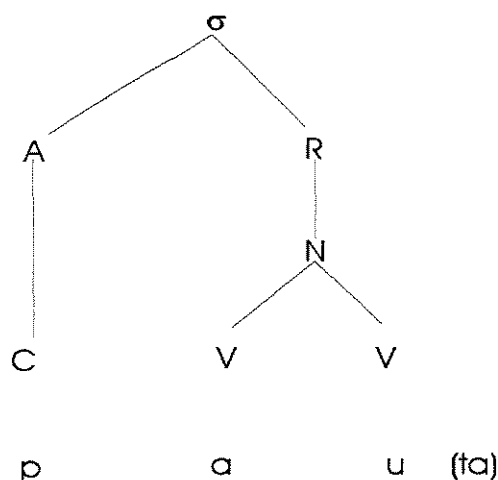
2.2.1. Bisol (1989, 1994)

Bisol (1989) distingue no português dois tipos de ditongos: os **ditongos pesados**, ligados a dois elementos V's, e os **ditongos leves**, ligados a um único elemento V na camada prosódica. Os ditongos pesados criam pares mínimos com a vogal simples: *pauta/pata*; *teima/tema*. Eles são ditongos fonológicos. Os ditongos leves alternam com a vogal simples mas não criam diferença de sentido: [feyɾa ~ feɾa]; [ˈpeɣʃi ~ ˈpeʃi]. São ditongos fonéticos. A autora admite a não monotongação dos primeiros e a monotongação dos segundos, postulando, a partir daí, uma representação dos ditongos em português da maneira como mostrado em (3a-b)¹⁷.

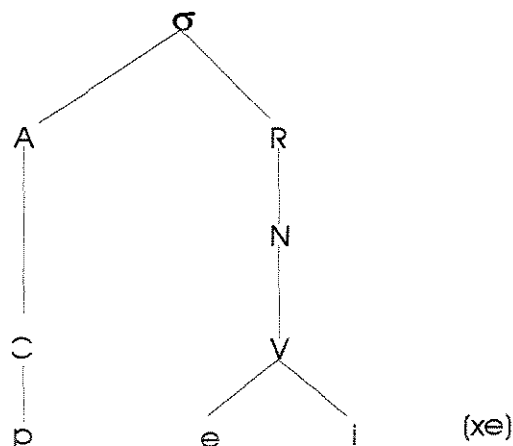
¹⁷ Segundo Bisol (1989: 187) a sílaba é tomada como um objeto multi-dimensional de sequência de segmentos, cujos constituintes são organizados hierarquicamente por camadas ("tiers"), como mostrado abaixo:



(3) a) Ditongo pesado



b) Ditongo leve



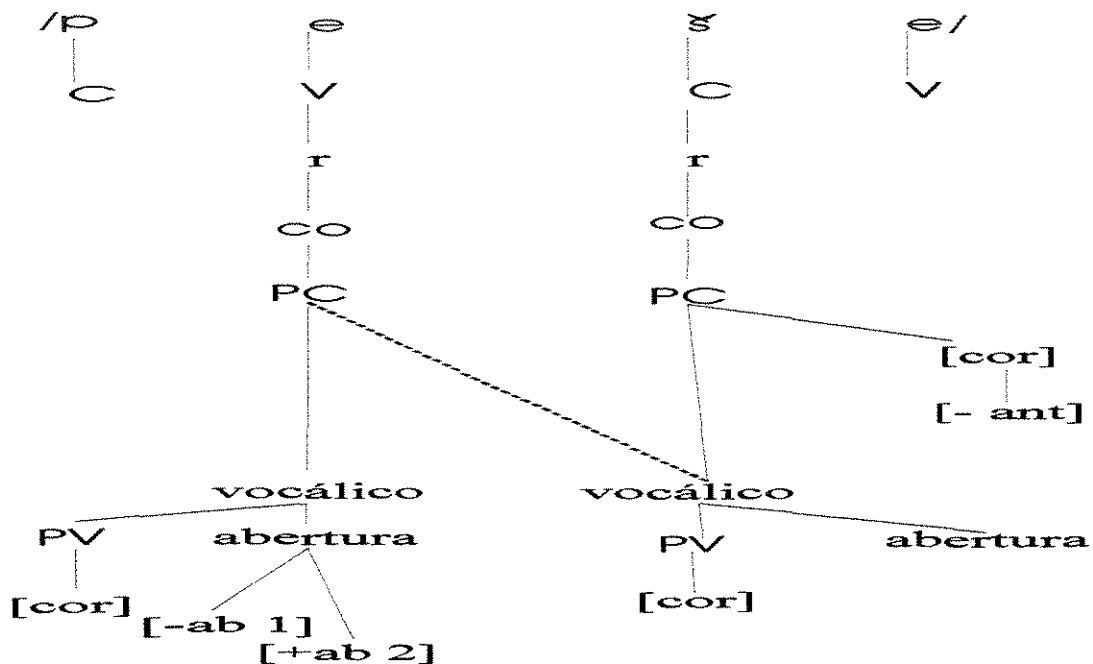
(Bisol, 1994:132)

Segunda a autora, os ditongos pesados (ou ditongos verdadeiros) (3a) são de natureza lexical¹⁸, i.e., estão representados na estrutura subjacente por duas vogais, ao passo que os ditongos leves (ou falsos ditongos) (3b) são pós-lexicais, ou seja, só aparece uma vogal na subjacência, formando-se o glide em nível mais próximo à superfície, num processo de assimilação de traços, como representado em (4) :

Cada camada é uma sequência de unidades. O espaço temporal correspondente aos elementos da sílaba (também representado por σ) é representado por X. Poderia sê-lo por C (consoante) ou V (vogal). São pontos da linha prosódica ligados aos constituintes imediatos da sílaba, i.e., ao ataque (A) e à rima (R). Os termos núcleo (N) e coda (C) servem para distinguir os elementos de R quando ramificado. Neste caso o núcleo da sílaba é dado pela escala de sonoridade, ou seja, ocupará a posição de núcleo silábico o elemento mais sonoro, geralmente as vogais.

¹⁸ A autora neste ponto retoma alguns princípios da Fonologia Lexical (cf. Kiparsky, 1982) que é um modelo gerativo. A concepção básica defendida por esta teoria é de que a estrutura do léxico é composta de alguns níveis, ou estratos, ordenados em termos de Mohanan (1982), que são os domínios de algumas regras fonológicas, além dos domínios de algumas regras morfológicas. A interação entre regras morfológicas e as regras fonológicas deriva as representações lexicais distintas da representação subjacente (ou representação de base). Nesse modelo há dois tipos de regras fonológicas: um tipo que se aplica no léxico, que corresponde às chamadas Regras Lexicais; um outro tipo, cuja aplicação se dá fora do léxico, e que corresponde às chamadas Regras Pós-Lexicais. Depois da aplicação das regras pós-lexicais, é que a representação fonética é realizada. Uma descrição didática e detalhada desta teoria é encontrada em Lee (1995).

(4)



(Bisol, 1994: 130)

Como se pode observar no exemplo (4), a organização dos segmentos em traços hierarquizados (Clements, 1991) permite-nos captar a origem do glide epentético. Como todo processo de assimilação implica espraçamento de traços, de acordo com Bisol (1994), isso é importante para explicar o fato aqui em discussão: “o nó *vocalico* que domina o [coronal] e abertura espraia para a esquerda, levando consigo os dominados, e como num legítimo processo de assimilação, cria um segmento. Eis aí a origem do glide” (p.129).

Em resumo, a proposta nos oferece elementos para exprimir a idéia de que palavras como *queijo*, *beijo*, *peixe*, *eixo*, todas com as variantes *ditongo* ~ *vogal* na fala, possuem uma só vogal na subjacência, e que a variante com ditongo tem a sua origem no traço secundário da palatal, que, ao expandir-se, cria o glide epentético. Segundo Bisol, esse tipo de ditongo, classificado como leve, tende a ser perdido.

Em suporte a essa proposta, a autora mostra que o comportamento do ditongo antes da palatal reflete o fato histórico de que a fonte latina não mostra posição para o glide, enquanto o faz no caso do verdadeiro ditongo. No último, o glide aparece

por substituição ou apagamento de uma consoante. Toma o lugar da consoante e tende a ser preservado (*reitor* < *retor*). Criado por espraçamento diante de palatal, forma um ditongo (*peixe* < *piscis*) que não assume função fonológica, isto é, distintiva, nos termos da fonologia clássica.

Com respeito ao ditongo [eɪ] no contexto tepe, a autora admite que o ditongo nesse ambiente é leve. Ele alterna livremente com a vogal simples, sem causar mudança de sentido. Os exemplos que contém [eɪ] são classificados em 4 tipos, como mostrados em (5).

(5) a) Palavras em correspondência pela relação –‘ario e ‘eiro:

primário, primeiro [pri'maɾiu, pri'meyɾu ~ primeɾu]

b) Palavras em correspondência pela relação –a'ria e –'eiro:

padaria, padeiro [pada'ɾia, pa'deyɾu ~ pa'deɾu]

c) Sufixos formadores de nomes, como nos exemplos acima, mas sem as relações mencionadas:

carta, carteiro [ˈkarta, kar'teyɾu ~ kar'teɾu]

d) Em qualquer ambiente, incluindo raiz ou radical:

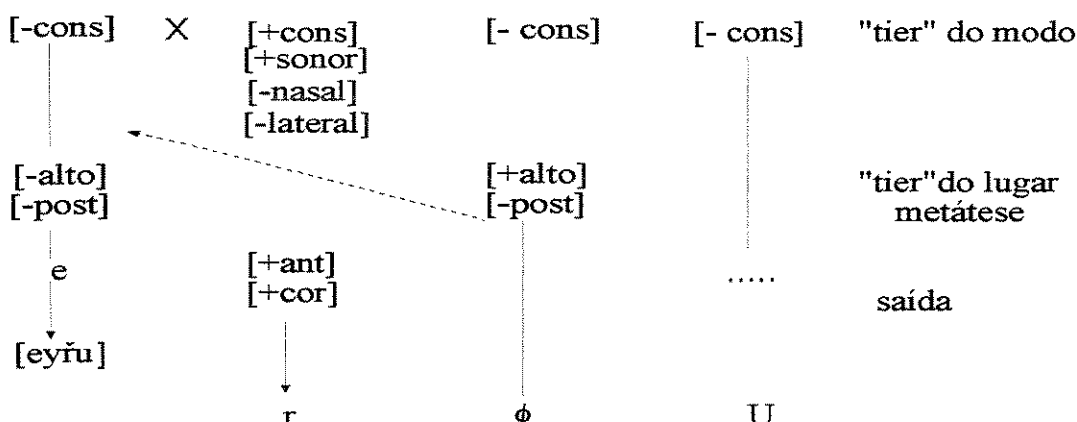
feira [ˈfeyɾa ~ ˈfeɾa]

beira [ˈbeyɾa ~ ˈbeɾa]

Tomando como referência o primeiro tipo, i.e., os pares /a, ey/ (primário, primeiro), e admitindo que as demais alternâncias se dão por analogia, a autora demonstra haver uma verdadeira relação de **metátese**, segundo a qual a vogal /a/ alterna com /ey/ na derivação. A autora faz a seguinte análise:

“A vogal alta do sufixo /-ario/ é desligada de sua posição para ser associada à vogal da rima precedente. No ponto de derivação em que a regra ocorre, isto é, em que a vogal /i/ é associada à sílaba precedente, a sonorante R (tepe) é uma consoante não plenamente especificada. Então o processo de espraçamento que também converte /a/ em /e/ não viola uma das condições básicas da fonologia auto-segmental *linhas de associação não podem cruzar* (Goldsmith, 1976)”, como (6), uma derivação parcial, ilustra:

(6)



(Bisol, 1989: 194)

Conforme Bisol, a análise completa desses dados não está totalmente esclarecida. A autora apresenta duas linhas de argumentação, ambas com certos problemas: a primeira hipótese, já comentada acima, tem a ver com a relação de metátese; a segunda explicação introduz a noção de escala de sonoridade¹⁹ que implica o espraçamento de traços

¹⁹ Com respeito à escala de sonoridade ou princípio da sonoridade hierárquica, as líquidas são a categoria mais próxima do fim da escala de sonoridade das vogais e parecem possuir características vocálicas. Segundo Bisol, considerando-se a organização hierárquica dos segmentos, definida em termos de traços binários, existe, entre a vogal e a líquida R (tepe), um vazio que pode ser preenchido por um glide, como se observa abaixo:

e	(y)	r	0	
+	-	-	-	silábico
+	+	-	+	vocóide
+	+	+	+	aproximante
+	+	+	+	sonorante

(Bisol, 1989: 196)

Conforme a autora, "duas sílabas vizinhas que estão separadas por um único valor na escala de sonoridade, podem ser ligadas, por meio do preenchimento desse vazio, fazendo-se presente o glide. Como no caso da palatal, na forma subjacente há apenas uma vogal. O glide só vai aparecer no "tier" melódico, quando os traços dos segmentos são incorporados ao item lexical." (p.196). Todavia, ainda segundo a autora, não fica claro se a sonoridade hierárquica *per se* motiva o glide. Outros fatores podem estar envolvidos. E a falta de

ou a inserção do glide. No entanto, ela admite que os dois tratamentos sugerem que o ditongo em pauta não existe na estrutura profunda de itens lexicais. O ditongo ocupa apenas uma posição no “tier” da rima.

No artigo de 1994, Bisol reafirma a diferença entre ditongos verdadeiros e ditongos falsos, além de apresentar uma análise estatística nos moldes de Labov, com sete falantes de Porto Alegre. A análise revela que a monotongação só ocorre em ditongos falsos, confirmando, assim, a afirmação feita no artigo anterior.

Nesse último artigo, a autora se dedica com maior profundidade à investigação da formação do glide por assimilação de traços diante da palatal. O objetivo principal da autora é discutir a semelhança entre dois processos aparentemente antagônicos: (i) o surgimento do glide em palavras tipo *bandeja* e *faxina* pronunciadas em certas variedades de fala [*bã'deyʒa*] e [*fayʃina*], e (ii) a perda do glide em palavras tipo *peixe* e *caixa* que alternam com [*'peʃi*] e [*'kaʃa*]. Para ela, “não há como interpretar inserção do glide de um lado (i) e apagamento de outro (ii), em se tratando de contexto similar. Essa é a evidência forte que nos leva a admitir que a forma subjacente das palavras em (i), da mesma forma que as de (ii), não possuem a vogal alta responsável pelo glide. São palavras de estrutura subjacente de uma vogal só, nessa posição.”(p. 126-7)²⁰

2.2.2. Schane (1995)

Outro modelo teórico de explicação dos ditongos/monotongos é o da Fonologia de Partículas (FP), defendido por Schane (1995:586-608). Este modelo teve seu impulso

evidência que dê apoio à proposta de que a presença ou ausência do glide esteja relacionada à escala de sonoridade leva a autora a se questionar quanto ao surgimento do glide como resultado de espraçamento ou inserção. Mas ela conclui que mesmo com alguns problemas existentes, a análise permite inferir que o glide deste ditongo não está presente na representação subjacente de itens lexicais. A nossa questão com respeito a esta via de análise é a seguinte: se o desenvolvimento do glide fosse realmente em decorrência à escala de sonoridade, por que, então, não se formou um ditongo, por exemplo, na palavra *cera*, já que possui todas as condições (“e” seguido por tepe, em sílaba tônica) necessárias para tal?

²⁰ A proposta de Bisol parece-nos particularmente válida para explicar a ocorrência de monotongos diante de palatais e de vibrante simples ou tepe. No entanto, quando a monotongação acontece diante de vogais – como, p.ex., nas palavras *meia* > [*'mea*], *aveia* > [*'avea*], etc. – conforme observado nos dialetos de Ribeirópolis, Sergipe, (Mota, 1986) e de Caxias, como veremos mais adiante, nada é mencionado a respeito. Fora isso, o

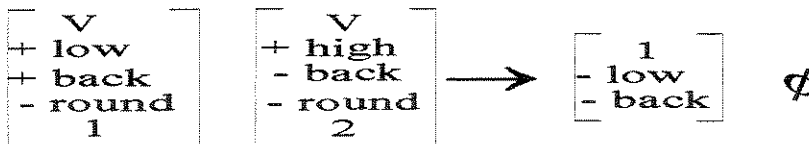
inicial na constatação das limitações dos traços distintivos binários da fonologia gerativa. A proposta padrão, como apresentada por Chomsky e Halle (1968), não dava conta de processos como, p. ex., a ditongação de [ü:] para [iu] ou da monotongação de [ai] para [e:]²¹. Em linhas gerais, a FP opera com um conjunto de traços unitários (partículas), tais como: a partícula de abertura, representada por [a] e as partículas de tom, representadas por [i] e [u]. Estas três partículas dão conta dos traços característicos de abertura, palatalização e labialização, respectivamente. Combinando-as, podemos obter as sete vogais em (7)²², que definem o perfil do sistema vocálico do português brasileiro, e com o qual iremos trabalhar daqui em diante.

(7)	[i]	[e]	[ɛ]	[a]	[ɔ]	[o]	[u]
	i	a	a	a	a	a	u
		i	a	a	a	u	
			i		u		

Schane distingue, com base no peso do núcleo, dois tipos de ditongos: **aqueles com duas unidades de tempo no interior do núcleo** (conseqüentemente, dois nós de raiz), e **os que portam apenas uma unidade de tempo** (conseqüentemente, um nó de raiz). Os primeiros alternam com vogal, isto é, variam (dando origem aos monotongos²³), e os

trabalho da autora representa um avanço significativo na interpretação dos ditongos/monotongos no português do Brasil.

²¹ Como uma seqüência de segmentos estava envolvida, os processos que afetavam os ditongos necessitavam de um formato transformacional que pudesse, por exemplo, na monotongação de [ai] para [e:], converter o primeiro elemento do ditongo para [e:] e apagar o segundo:



²² Dentro de um conjunto não há ordenação de partículas. Por isso, {ia} e {ai} ambos representam [e]. Na fonologia de partículas, as vogais de altura mais baixa têm ocorrência adicional da partícula [a].

²³ Os **monotongos** seriam, então, uma realização possível dos ditongos variáveis, portariam no núcleo silábico duas unidades de tempo, mas uma só raiz. Na Fonologia de Partículas, é o número de nós de raiz que distingue monotongos de ditongos: “[um monotongo] sempre terá um único nó de raiz, enquanto cada metade de um ditongo deve ter seu próprio nó (de raiz)” (Schane, 1995: 588).

últimos são invariáveis. A representação fonológica destes dois tipos de ditongos é mostrada nos exemplos (8) e (9), a seguir.

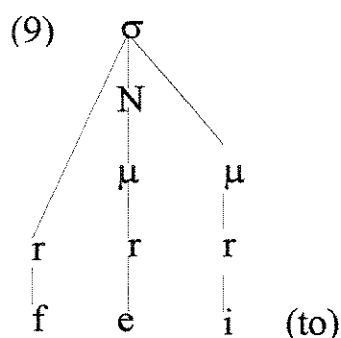
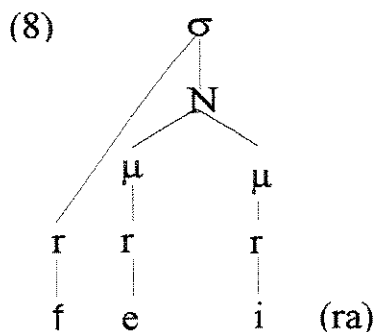
De acordo com esta proposta, alguns pontos fundamentais são estabelecidos *a priori*:

1. A representação dos ditongos/monotongos é pautada por duas restrições do OCP (Obligatory Contour Principle)²⁴, a saber: (i) dentro de um núcleo silábico, dois nós de raiz contíguos não podem dominar ocorrências isoladas da mesma partícula (veja-se (11b), p. 47); (ii) as duas metades de um ditongo não devem ter todas as suas partículas em comum. Isto é, todas as partículas não podem estar ligadas aos mesmos nós de raiz (veja-se (11c), p. 47).
2. A operação de **fusão** é o mecanismo formal que subjaz às monotongações (veja-se (12a-b), p. 48).
3. A notação para representar os ditongos contempla três possibilidades: (i) partículas compartilhadas por ambas as metades do ditongo, (ii) partículas únicas para a primeira metade do ditongo, e (iii) partículas únicas para a segunda metade do ditongo (veja-se (13), p. 49).

Os ditongos/monotongos são representados de maneira multi-dimensional, com cinco níveis, a saber: nível da sílaba (σ), nível do núcleo (N), nível do tempo (μ), nível da raiz (r) e nível da partícula ou nível melódico.

Os exemplos (8) e (9) mostram as representações fonológicas das palavras **feira** [*'feɪ.ra*] (variável) e **feito** [*'feytu*] (invariável), nos termos acima estipulados:

²⁴ O Princípio do Contorno Obrigatório (OCP) foi originalmente proposto para explicar certos problemas da fonologia tonal. Tratava-se da proibição de seqüências de auto-segmentos idênticos na linha tonal. Depois foi estendido para a fonologia segmental, especialmente nos modelos não-lineares, como filtro de traços ou nós idênticos na mesma camada.



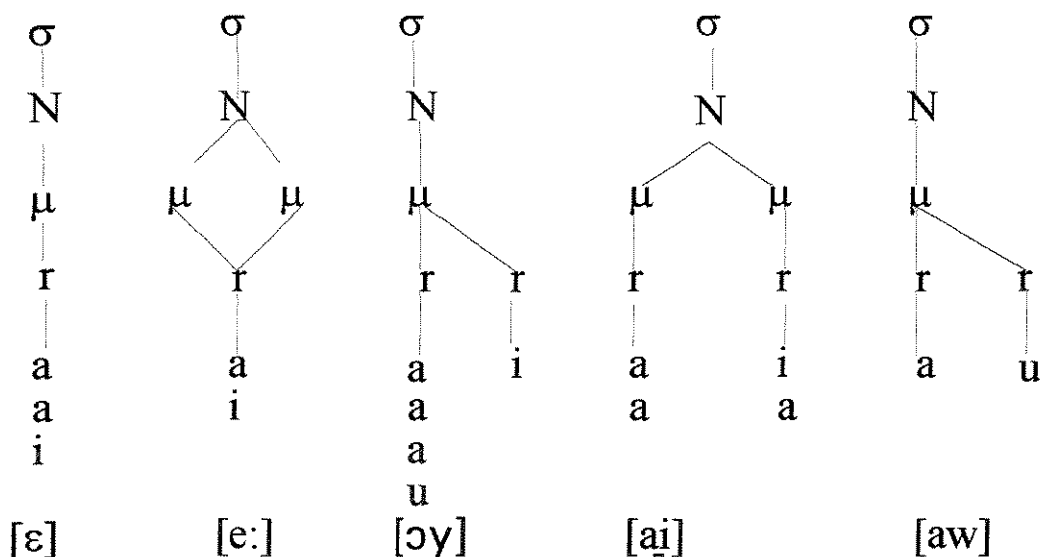
O **nó da sílaba** (σ) engloba todos os constituintes de uma sílaba: um *ataque*, um *núcleo* obrigatório e uma *coda* opcional. O **nó do núcleo** (N) domina os diferentes tipos de materiais nucleares: as vogais curtas e longas, as nasais e líquidas silábicas e os componentes de pico e não-pico silábicos de ditongos. As consoantes de *ataque* e as de *coda* estão ligadas diretamente à camada da sílaba. Esta notação é capaz de distinguir dois tipos de glides: os que funcionam como consoantes da coda (ou como consoante de ataque, como no inglês (*wipe*, “limpadela”)) e os que são elementos dos ditongos. Em (8), o glide vocálico é ligado ao nó de sílaba por intermédio do núcleo, ao passo que, no exemplo (9), o glide consonantal no final da sílaba é anexado diretamente à camada silábica.²⁵

Os **nós de tempo** (μ) representam o peso da sílaba: dentro do núcleo, um único μ denota a existência de uma mora (isto é, vogais curtas e ditongos decrescentes com coda consonantal, tal como [ey] de *feito*), enquanto que dois nós μ consistem na presença de duas moras (isto é, vogais longas e ditongos decrescentes com um glide vocálico, tal como [eĩ] de *feira*). O **nó de raiz** (r) é, nesta proposta, dominado pelo nó de tempo e organiza o conteúdo segmental, i.e., no caso das vogais e ditongos, ele domina as partículas [a], [i] e [u].

²⁵ Na perspectiva da FP, a posição interna de um glide dentro da sílaba determinará a sua função vocálica ou consonantal. Na maioria dos dialetos brasileiros, a semivogal do ditongo [ei] em palavras tipo *leitura*, *sei*, *reino*, que nunca é apagada, demonstra o funcionamento deste glide como coda consonantal e alternâncias de vogais e ditongos (p.ex., *cadeira* : *cadera*, *queixo* : *quexo*) indicam o glide pertencente a núcleo silábico. Para a transcrição dentro dos colchetes, [y] representa o glide funcionando como coda consonantal; [̥j], glide funcionando como elemento não-pico do ditongo em pauta. Esta distinção entre glide consonantal e nuclear é fonológica; suas manifestações fonéticas são frequentemente indistinguíveis.

Em (10), podemos ter as seguintes representações de estruturas silábicas no português²⁶, segundo a FP:

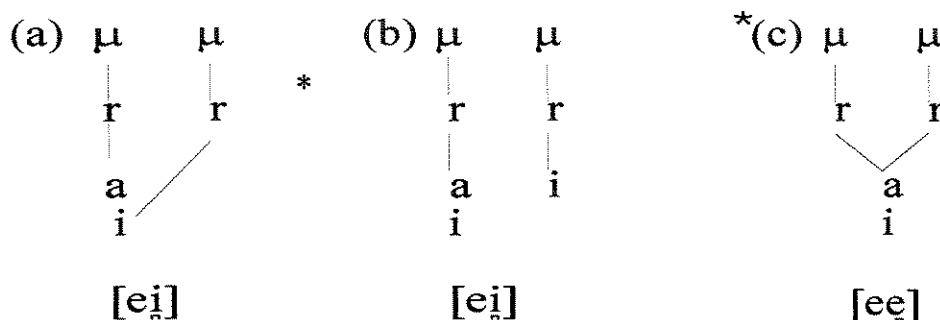
(10)



As ligações entre os nós *r* e as partículas que eles dominam são controladas pelo OCP, como já mencionado acima: dentro do núcleo da sílaba, dois nós *r* contíguos não podem dominar ocorrências isoladas da mesma partícula. Esta restrição pode ser vista como uma violação do OCP. Por exemplo, o ditongo [eɪ] pode ter a representação de (11a), onde as duas metades de um ditongo compartilham [i] e não a de (11b), onde cada metade teria sua própria partícula [i].

²⁶ Nestas representações os símbolos [y] e [w] indicam glides funcionando como coda consonantal; [i̯] e [u̯], glides funcionando como elementos não-picos dos ditongos. Os primeiros alternam com consoantes (estes não são apagados durante o processo de monotongação) e os segundos com vogais (de modo geral, são apagados durante o processo de monotongação). Segundo a FP, o estabelecimento de tal distinção fonológica é a evidência de que os glides consonantais são provenientes da vocalização de uma consoante etimológica, p. ex., *leito* < do lat. *lectu-*, ao passo que os glides vocálicos são formados a partir de um *-i-* epentético, p. ex., *cadeira* < do lat. *cāthēdra*.

(11)



OCP também controla a representação dos ditongos. As duas metades de um ditongo não podem ter todas as suas partículas em comum, ou seja, todas as partículas não podem estar ligadas duplamente aos dois nós r . A estrutura (11c) apresenta este tipo de configuração ilegal. Conseqüentemente, os nós r adjacentes dominando traços idênticos representariam o mesmo segmento, e uma representação sequencial de nós r dessa natureza violaria o OCP. Esta restrição é denominada de *diferenciação ditongal* (diphthongal differentiation). Segundo Schane (1984, 1989), “As duas metades de um ditongo não podem ser iguais. Isto é, pelo menos uma das metades deve ter uma partícula não compartilhada”²⁷.

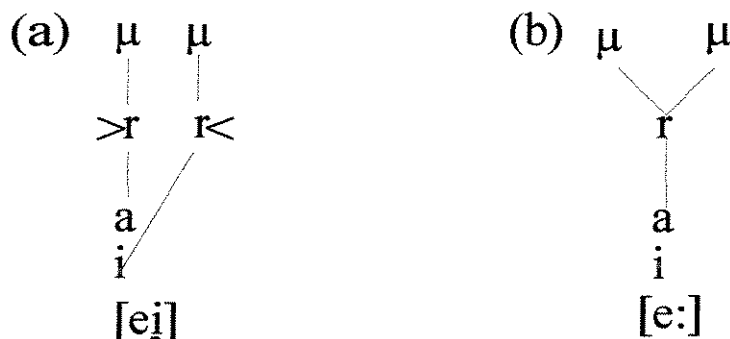
As restrições do OCP encontram-se fortemente apoiadas em conversões de monotongos, conforme segue:

A monotongação pode ser definida como a fusão (ou fechamento) dos nós r de um ditongo. Como consequência da fusão, todas as partículas se tornarão compartilhadas.

²⁷ Schane, 1984, 1989: “The two halves of a diphthong may not be identical. That is, at least one of the halves must have a particle that it does not share with the other”. Segundo a FP, isso não quer dizer que não exista a possibilidade de seqüências fonéticas como [i:] ou [u:], mas quando tais seqüências são encontradas, elas funcionam como variantes não contrastivas das vogais longas correspondendo a [i:] e [u:], respectivamente. Embora algumas línguas tenham em seus núcleos o contraste tanto de [e:] quanto [e], nenhuma língua terá um contraste fonêmico entre [i:] e [ii]. Uma língua pode contrastar [i:] e [iy] não como um ditongo com ambos os elementos no núcleo, mas com uma vogal seguida por um glide na coda.

Para ilustrar, tomamos por base a monotongação de [eᵢ] para [e:] em (12). As setas convergindo em torno dos nós *r* em (12a) simbolizam a operação de fusão que resultará em (12b).

(12)



O que é importante, naturalmente, ressaltar aqui, é que o ditongo [eᵢ] partilha |i| e, nesta partilha dentro de um único segmento, pode resultar apenas em [e:], monotongando-se. Devido ao número de nós (i.e., dois vs. um) que distingue os ditongos dos monotongos, pode-se ver a monotongação como uma sobreposição total de segmentos, ou seja, qualquer partícula ocorrida separadamente de uma ou outra metade de um ditongo encontrar-se-á sob o mesmo nó *r* da vogal reduzida.

2.2.2.1 Notação dos ditongos

Devido ao fato de determinadas partículas poderem ser compartilhadas por ambas as metades de um ditongo, e de poderem pertencer exclusivamente à primeira ou à segunda metade, cada ditongo pode ser especificado por um conjunto ordenado de três parâmetros: { *s*, *h*₁, *h*₂ }²⁸. Nesta fórmula *s* é o lugar da(s) partícula(s) compartilhada(s) no ditongo, *h*₁ representa as partículas da primeira metade e *h*₂ as partículas da segunda metade. Um ou dois parâmetros podem ser nulos (vazios).

²⁸ *s*, do inglês *shared* (= compartilhada); *h*, do inglês *half* (= metade).

Veja-se abaixo a representação do $[e_i]$ com base nestas considerações. rr significa os dois nós r que caracterizam os ditongos que vão ser reduzidos. Pelo fato de haver partilha das partículas de tom $|i|$ entre as duas metades do ditongo $[e_i]$, esta partícula ocupa a posição s em (13). Como a segunda metade deste ditongo tem todas as suas partículas compartilhadas, ela é a posição h_2 , que é nula.

$$(13) \quad rr \{i, a, \phi\} \\ [e_i]$$

Quando um ditongo torna-se um monotongo há uma fusão dos nós r e conseqüentemente todas as suas partículas passam a ser compartilhadas. A notação abaixo representa o monotongo resultante. Na fórmula, como mostrado em (14) para $[e]$, um monotongo tem um único r e ambas as posições h podem apenas ser nulas.

$$(14) \quad r \{ai, \phi, \phi\} \\ [e]$$

2.2.2.2 Extensão da notação: fusão

Através da notação dos ditongos podemos expressar diretamente os processos de fusão. Bastaria apenas acrescentar setas convergindo em torno dos nós r do ditongo-base para indicar a fusão. Podemos indicar também na fórmula o número de moras, isto é, que as vogais resultantes são longas e que elas surgem a partir de ditongos decrescentes. As flechas (partindo das partículas nas posições h) apontando para a posição s indicam, para o monotongo resultante, a partilha daquela(s) partícula(s) que foi(ram) única(s) para cada metade do ditongo. Por exemplo, a regra seguinte converterá as estruturas (12) para (15), indicando a monotongação de $[e_i]$ para $[e:]$.

$$(15) \quad [e_i] > [e:] \quad \mu\mu, >rr< \{ \overset{\curvearrowright}{i}, a, \phi \}$$

A fusão, enfim, seria, neste modelo, similar ao conjunto de união: se r_1 domina o grupo de partículas {ai} e r_2 {au} (onde |a| é compartilhado na árvore) então a fusão produz r , que domina o grupo de partículas {aiu}. Segundo Schane (1995: 604), “este conjunto teórico união trabalha apenas com traços unitários, e é esta propriedade de fusão que foi a inspiração original para a Fonologia de Partículas(...)”. O autor observa que, se se trabalhasse com valores binários – se r_1 domina o conjunto {+ baixo, -anterior} e r_2 {+baixo, +anterior} (onde [+baixo] é espreado na árvore) – o grupo r fundido contendo [+baixo, -anterior, +anterior] teria especificações contraditórias para o traço [anterior].

Neste seção apresentamos duas alternativas de interpretação do ditongo em estudo. A primeira tem como base a proposta de Bisol (1989, 1994), na qual verificamos uma distinção entre ditongos pesados (ou verdadeiros ditongos), associados a duas posições na camada da rima, e leves (ou falsos ditongos), associados a uma única posição na rima, formando-se o glide durante o processo de derivação, próximo à superfície. A possibilidade de monotongação é atribuída apenas aos ditongos leves, via assimilação de traços da consoante palatal, ou, por uma relação de metátese no caso de “ei + tepe”. Esta proposta é apoiada no fato de que, segunda a autora, “diante de palatal ou vibrante simples, o ditongo consagrado pela escrita em muitas palavras possui apenas uma vogal na forma subjacente” (cf. Bisol 1994:125).

A segunda via de análise, baseada em Schane (1995), também nos oferece duas representações fonológicas para os ditongos/monotongos: uma que contempla os ditongos variáveis, i.e., aqueles com dois tempos no núcleo; outra que contempla os ditongos invariáveis, i.e., aqueles com uma única unidade temporal no núcleo. Esta distinção existe conforme a ocorrência de glides funcionando como elemento não-pico do ditongo ou como coda silábica. O modelo indica que a monotongação ou a fusão só acontece em ditongos portadores de glide pós-vocálico. O monotongo resultante é sempre uma vogal longa, uma vez que a fusão só atinge os nós de raiz do ditongo original, não afeta a duração silábica. Do ponto de vista articulatorio, esse alongamento pode estar relacionado à incidência da monotongação nas sílabas tônicas. Conforme Fernandes (1976), Delgado Martins (1986, 1988), Moraes (1986, 1987), Massini (1991), Massini-Cagliari (1992) entre outros autores, as vogais tônicas são foneticamente mais longas do que as átonas.

A distinção entre glides vocálicos e consonantais é fonológica, e está vinculada, assim como a proposta de Bisol, ao fato histórico de que a fonte latina dos ditongos indica que muitos deles evoluíram a partir da vocalização de uma consoante de coda (daí glide consonantal), p.ex., leite < *lacte*, e tende a ser preservado; enquanto outros sofreram uma regra de inserção ou metátese, i.e, a semivogal ora foi inserida ou transportada de um lugar a outro dentro do vocábulo (daí glide vocálico), p.ex., cadeira < *cǎthedra*, madeira < *materia*. Este glide tende a ser perdido.

Como podemos perceber, tanto a proposta de Bisol (op. cit.) quanto a de Schane (op. cit.) parecem contemplar os mesmos fatos, ambas as interpretações dadas levam em conta a história dos ditongos na língua. Por outro lado, a diferença básica entre as duas está no produto da monotongação. Para Bisol o monotongo resultante é uma vogal **breve**; para Schane, no entanto, é **longa**. Outra diferença é quanto à posição da semivogal no esqueleto prosódico: ela fica no núcleo ou na coda? Para Bisol, a semivogal dos ditongos invariáveis ocupa um espaço no núcleo silábico ao lado da vogal (seguindo, então, o padrão silábico VV²⁹), o mesmo se diz com respeito à semivogal dos ditongos variáveis, no nível pós-lexical: a semivogal passaria a ocupar também uma posição no núcleo silábico, através da bifurcação do tempo vocálico nuclear (seguindo também o padrão silábico V(V)). Para Schane, entretanto, nos ditongos variáveis e invariáveis, a semivogal ocuparia uma posição diferente no nível CV. Nos ditongos invariáveis, a semivogal ocuparia a posição de coda silábica (seguindo, assim, o padrão silábico VC); nos ditongos variáveis, a semivogal ocuparia uma posição dentro do núcleo silábico, como elemento secundário (seguindo, portanto, o padrão silábico VV).

Com base no que foi dito acima, podemos notar que as duas análises são viáveis, e nem uma nem outra pode ser descartada. No entanto, a escolha desta ou daquela proposta não envolve apenas uma simples opção, mas sim, análises diferentes, porque VV pressupõe uma sílaba aberta, enquanto VC é uma sílaba travada, conforme Câmara Jr.

²⁹ VV refere-se ao padrão silábico da língua portuguesa do tipo vogal-vogal; VC: vogal-consoante; CV: consoante-vogal, etc. Sobre isto, ver Collischonn (1996: 95-120).

(1982)³⁰. O padrão VC implicaria, também, considerar o glide como consoante, isto é, como um fonema distinto da vogal alta correspondente. Neste sentido, qual a melhor alternativa? Esta questão será retomada no capítulo 4, com o apoio da análise estatística de dados sincrônicos, realizada segundo os moldes de Labov.

³⁰ Na verdade (cf. Collischonn, 1996: 117), há duas análises de Câmara Jr., em *Estrutura da Língua Portuguesa*, ele analisa as sílabas com ditongo [de acordo com o que mostramos acima]. Já em *Problemas de Linguística Descritiva*, analisa as sílabas com ditongo como travadas (“... há quatro modalidades de sílabas travadas em Português: V/z/, V/r/, V/l/ (...) e V/y,w/ (ditongo decrescente)”) [Câmara Jr., 1981: 30].

2.3. Breve História dos Estudos de Monotongação do Ditongo [eɪ] no Brasil

A monotongação do ditongo [eɪ] vem sendo estudada há algum tempo. O fenômeno já tem sido citado por inúmeros gramáticos. Paes (1938:31-41), por exemplo, aponta que o ditongo [eɪ] quando, seguido de [ʃ], [ʒ] e [r], perde a semivogal na pronúncia do Rio Grande do Sul; Silva Neto (1960: 37), comentando o aspecto conservador do português do Brasil com relação ao de Portugal, tomando com padrões a pronúncia carioca e a de Lisboa, observa que a pronúncia carioca não participou da evolução de [eɪ] para [aɪ] e manteve uma pronúncia conservadora, reduzindo o ditongo a [e], antes de [ʃ], [ʒ] e [r] e conservando-o nos outros casos: *Almeida, azeite, azeitona, ceifa, lei, amei, peito, feio, areia, etc.* Contudo, segundo ele, na pronúncia distensa, ouvia-se *mantega* em vez de *manteiga*. Outro exemplo pode ser encontrado em Melo (1981 [1917]): 127), que, comentando a fonética do Brasil, aponta que a redução do ditongo [eɪ] antes de palatal e até mesmo antes de [r], também se dá em Portugal.

Mais recentemente foram realizados alguns trabalhos abordando especificamente esse assunto: Meneghini (1983), Mota (1986), Bisol (1989, 1994), Paiva (1996), Cabreira (1996) e Mollica (1998), dos quais apresentarei, a seguir, o resumo das principais conclusões.

Meneghini (1983) investigou todos os ditongos orais decrescentes da língua portuguesa entre falantes de Ibiaçá (RS). O objetivo do autor era identificar quais os ditongos que estão sujeitos ao cancelamento da semivogal, além de verificar a influência de fatores lingüísticos, tais como: o contexto seguinte e a tonicidade, e extralingüísticos, como a zona rural ou urbana, o sexo e a idade, sobre a regra. Utilizou em sua pesquisa dados coletados através de um questionário aplicado a 115 informantes, perfazendo um total de 9.233 dados. Todos os informantes apresentavam grau de instrução equivalente ao primeiro grau, completo ou não.

Meneghini constatou a presença de variação na pronúncia de apenas três ditongos: [ay], [ey] e [ow]. Nos demais ditongos decrescentes, o resultado foi categórico no sentido de não aplicação da regra de monotongação.

Com relação ao *contexto seguinte*, este atuou de modo a determinar a monotongação dos ditongos [ey] e [ay]. No primeiro caso, a regra só se aplica diante dos segmentos [ř], [š], [ž] ou [g]; já no segundo caso, a apagamento da semivogal só é verificada na presença da consoante [š]. Quanto ao ditongo [ow] a regra não tem relação com o contexto, aplicando-se em qualquer ambiente.

A variável *tonicidade da sílaba* mostrou-se relevante para ambos os ditongos, sendo as sílabas átonas as que mais fortemente se correlacionam com a aplicação da regra.

Quanto à *zona urbana* ou *rural*, a regra de monotongação mostrou-se também positiva para ambos os ditongos, no sentido de ser mais efetivamente aplicada na zona rural do que na zona urbana.

Com respeito à variável *sexo*, os resultados mostraram-se pouco consistentes. Segundo o autor, “A oposição homem/mulher na produção de monotongos parece não ser relevante”.

Os resultados referentes à *idade* indicam uma tendência, não muito acentuada, de os mais velhos empregarem mais a forma monotongada do que os mais jovens.

No trabalho de Meneghini não há uma tentativa de explicação dos resultados obtidos. O autor se preocupa apenas em descrever o fenômeno em função dos contextos estipulados para tal.

Mota (1986) analisou a variação de [ey] e [e] na cidade de Ribeirópolis (Sergipe), junto a informantes rurais, por ocasião da elaboração do *Atlas Lingüístico de Sergipe (ALS)*, procurando estabelecer os contextos fônicos que motivam cada uma das

variantes. A partir do levantamentos das ocorrência de [ey] e de [e] ou de [ɛ]³¹, foram identificados três contextos: os pré-vocálicos, os pré-consonantais e os finais de palavras.

Nos contextos pré-vocálicos, a realização [ey] ou [e] está associada à qualidade da vogal seguinte: antes da vogal central baixa [a] ocorre tanto o [ey] quanto [e], por exemplo, *c[ey]a* e *c[e]a*, *m[ey]a* e *m[e]a*; antes da vogal posterior alta [u] ocorre apenas [ey]: *cheio*, *leio*, *receio*, etc.

Nos contextos pré-consonânticos, a realização [ey] ou [e] relaciona-se com a qualidade da consoante contextual. Dessa forma, diante de [t], registra-se apenas [ey] (*l[ey]to*, *ac[ey]to*, etc). Contudo, se a realização é africada [tʃ], ocorrem tanto [ey] quanto [e], o primeiro com frequência um pouco mais elevada. Os exemplos foram assim distribuídos: com [ey] e [e]: *estrito*, *feito*; com apenas [ey]: *deito*, *deita*, *peitão*, e com apenas [e]: *deitada*, *prefeito*, *rejeito*, etc. Diante de [ʃ] ou de [ʒ], encontram-se [ey] e [e] nas mesmas formas: *deixa*, *eixo*, *feixe* e *feijão*, registrando-se com [e] (e também com [ɛ]) apenas *aleijado* e formas arrizotônicas do verbo *deixar* (*deixar*, *deixei*, *deixou*). Diante de [s], registraram-se dois exemplos, um deles com as duas variantes (*tr[ey]çol* e *tr[e]çol*) e o outro com apenas [ey]: [sɔréysu] (denominação de um tipo de beiju com coco, “bem molhadinho, fofinho”). Antes de [m] registraram-se apenas duas formas do verbo *queimar*, uma com a realização [ey] (*queimar*) e outra com [e] (*queima*). E com a vibrante simples [r], segundo a autora, ocorre sistematicamente [e] em todos os exemplos do *corpus*, tendo-se registrado com [ey] apenas uma ocorrência da palavra *esteira*, e uma ocorrência de *queira*.

Em finais de palavras, conforme a autora, a norma no dialeto sergipano é a realização [ey]: *pulei*, *gritei*, etc..

³¹ Cf. Mota (1986: 120): “É interessante observar, ainda, na área sergipana, a ocorrência de vogal anterior média aberta em formas que também se registram com a sequência vogal anterior média fechada + semivogal, em posição pré-acentuada, configurando-se uma variação entre [ey], [e] e [ɛ]. Como exemplo, citamos as variantes f[ɛ]lão, f[ey]lão e f[e]lão.”

Quanto à ocorrência da vogal média aberta [ɛ] em formas também documentada com [ey] ou com [e], alguns dos fatores que atuam na sua realização são: (i) a presença na sílaba acentuada imediatamente seguinte ao ditongo de vogal oral, baixa ou média aberta, ou de vogal nasal média (*aleijada, deixar, deixado, queixal, feijão*) e (ii) a contigüidade da consoante vibrante simples (*beirada, caldeirão, cheirar, peneira, peneirar, Ribeirópolis*).

Com respeito ao trabalho de Bisol (1989, 1994), podemos dizer que representa hoje um avanço significativo quanto à interpretação fonológica dos ditongos/monotongos no português do Brasil. Sobre ele já nos referimos na seção 2.2.1, e a ele retomaremos no capítulo 4, da presente pesquisa.

Quanto ao trabalho de Paiva (1996), foram analisados, numa perspectiva sincrônica e à luz da Teoria da Variação, 3133 dados (2111 com ditongo [ey] e 1022 com ditongo [ow]) referentes ao dialeto do Rio de Janeiro. Os ditongos ocorridos em final de palavras não constituíram dados desta pesquisa, pois esta posição resultou categórica no que diz respeito à manutenção da semivogal [y] e cancelamento de [w]. Segundo a autora, o fenômeno em pauta é processo fonético de larga extensão no português, seja numa dimensão sincrônica ou diacrônica. A hipótese que norteava o trabalho foi de que a supressão das semivogais é sistêmica e condicionada essencialmente por fatores de ordem estrutural e não social. A autora buscava evidências também de que a supressão de [y] e de [w] são dois processos distintos, com motivações fonéticas diferenciadas.

A autora considerou a correlação de cinco variáveis, a saber: ponto e modo de articulação do elemento imediatamente seguinte ao ditongo, a extensão da palavra, a tonicidade da sílaba em que ocorreu o ditongo e a estruturação interna da palavras, ou seja, incidência da variante no radical ou no sufixo do item lexical. Os dois ditongos foram analisados separadamente. Foram consideradas estatisticamente relevantes as variáveis ponto e modo de articulação. Quanto ao ponto de articulação, os segmentos velares (.89) e os alveopalatais (.93) são os que mais contribuem com a aplicação da regra de monotongação do ditongo [ey]. Os segmentos dentais (.15), os alveolares (.27) e as vogais

(.10) não favorecem a regra. A autora ressalta, porém, que os valores relativos às velares restringem-se, na verdade, à supressão da semivogal na palavra *manteiga*, razão pela qual ela os excluiu. Com relação ao modo de articulação, é o tepe (.99) que mais favorece a supressão de [y]. Os segmentos fricativos (.56) são também considerados favorecedores. Os demais segmentos (oclusivos (.13), nasais (.13) e laterais (0/4)) são inibidoras do processo.

Com base nos altos índices de monotongação exibidos pelos segmentos alveopalatais, fricativos e tepe a autora ressalta a natureza fonética da vogal de base, i.e. da vogal [e] (do ditongo [ey]) e da vogal [o] (do ditongo [ow]) como o único fator que atua positivamente no cancelamento da semivogal. A explicação para este fato, segundo ela, consiste em considerar a monotongação como um processo de assimilação decorrente da contigüidade de segmentos fonéticos idênticos. Isto é, quando o segmento seguinte ao ditongo apresenta certos traços em comum com a semivogal, esta é cancelada.

Os segmentos alveopalatais compartilham com a semivogal os traços [+ alto] e [+ coronal]. As alveolares e as dentais, ao contrário, têm o traço [- alto], o que explica o seu efeito bloqueador. O tepe, por sua vez, apresenta “o maior número de propriedades vocálicas” (p. 228), como os traços [+ sonorante] e [+ contínuo]. O traço [+ contínuo] se revela responsável pelo efeito de cancelamento da semivogal [y].

A autora salienta ainda que as vogais são a única classe de segmentos que foge às previsões, uma vez que apresentam um comportamento bloqueador do fenômeno, mesmo possuindo uma propriedade fonética, i.e., o traço [+ contínuo], à semelhança dos segmentos tepe e fricativos, que poderia desencadear uma modificação na estrutura do ditongo. A autora concebe este fato como uma tendência geral da língua para evitar a formação de hiatos.

A extensão da palavra mostrou-se sensível à aplicação da regra. As palavras monossilábicas (.07) foram as menos afetadas, enquanto as dissilábicas (.67), trissilábicas (.71) e as polissilábicas (.71) tiveram um aumento gradativo de cancelamentos da semivogal

[y]. A regra se aplicava mais intensamente à medida que aumentava o tamanho do item lexical.

Os resultados com base na tonicidade da sílaba foram descartados, uma vez que não demonstraram relevância na aplicação da regra.

A estruturação interna da palavras foi o último grupo de variáveis lingüísticas selecionadas, demonstrando que os ditongos localizados no sufixo do vocábulo (.61) são mais afetados pela regra do que os localizados no radical (.38). Esses resultados, segundo a autora, decorrem de uma provável superposição entre os grupos *estruturação interna da palavras e características fonéticas do segmento seguinte à vogal*. Ela ressalta, entretanto, que esses números estão restritos a um único sufixo derivacional, *-eiro (a)*, que é formado pelo tepe. Como esse segmento resulta extremamente favorecedor da regra, a supressão nesse ambiente “pode se dever à presença do tepe e não exatamente à categoria morfológica de *-eiro(a)*” (p. 230).

Tendo em vista essas considerações, Paiva conclui que a supressão da semivogal [y] no ditongo [ey] pode ser vista como um processo quase categórico quando na presença de segmentos alveopalatais ou tepe. Conclui também que são duas regras de motivações fonéticas que interferem no processo: a primeira diz respeito à contigüidade de segmentos compartilhando ponto de articulação, por exemplo, a semivogal e segmentos alveopalatais; e a segunda se baseia na contigüidade de segmentos aproximados pelo modo de articulação.

Com respeito à supressão de [w] no ditongo [ow], os resultados evidenciam que a regra opera independentemente de qualquer contexto lingüístico. Os resultados fortalecem a hipótese de que a monotongação do ditongo [ow] está bem mais disseminada do que a de [ey], já que a primeira, além de não se sujeitar às restrições do segmento que lhe segue, apresenta um índice geral de aplicação da regra igual a 0.98; ao passo que a segunda apresenta restrições de contexto e um índice de aplicação da regra igual a 0.61. São por estas razões que a autora diz suspeitar de que a mudança de [ow] para [o] já esteja concluída e totalmente implementada no sistema. Mas destaca também que talvez existam restrições de ordem lexical, o que exigiria uma investigação em termos de difusão lexical.

A pesquisa envolveu também algumas variáveis sociais, tais como: o grau de escolaridade, idade e gênero. Essa análise contemplou apenas o ditongo [ey]. Os resultados foram pouco expressivos, corroborando também a hipótese inicial de que o processo é motivado principalmente por fatores de ordem lingüística.

Cabreira (1996) investigou dados dos dialetos das cidades de Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre, analisando-os também nos moldes da Teoria da Variação. O objetivo principal da pesquisa era testar a correlação de certos fatores lingüísticos e extralingüísticos com a aplicação da regra de monotongação dos ditongo [ay], [ey] e [ow] nos dialetos focalizados; procurou verificar também se os três dialetos apresentavam comportamento semelhante ou não com respeito ao grau de aplicação da regra. O *corpus* utilizado era proveniente de 36 entrevistas levando-se em conta todas as cidades consideradas, totalizando 3765 ocorrências do ditongo na primeira análise e 5988 ocorrências na segunda análise.

Na análise dos dados, o autor considerou a correlação de sete variáveis lingüísticas: natureza morfológica do ditongo, posição do elemento quanto à sílaba, sonoridade do elemento seguinte, tonicidade da sílaba, contexto seguinte, valor fonemático do ditongo, estrutura profunda do ditongo; e quatro variáveis extralingüísticas: idade, sexo, escolaridade e variedade geográfica.

A atuação da variável *natureza morfológica do ditongo* sobre a regra de monotongação foi importante para os ditongos [ey] e [ay] seguidos por palatal e para o ditongo [ey] seguido por tepe, no sentido de indicar uma aplicação maior da regra nos radicais das palavras. Esse resultado contradiz, segundo o autor, os dados de Paiva (1996) uma vez que, para ela, a regra se dava fortemente no sufixo do vocábulo. Cabreira faz uma observação a esse respeito, dizendo que a análise dele, no caso de [ey] seguido por tepe, se restringe às ocorrências do ditongo apenas diante de [r] enquanto que o trabalho de Paiva, ao contrário, incluía todas as ocorrências do ditongo. Dessa forma, ele aponta que a sua análise ganha vantagem na medida em que evita a possibilidade de superposição entre os dois fatores em destaque.

A *posição do elemento seguinte quanto à sílaba* foi relevante para os ditongos [ey] e [ay] seguidos por [š̌] ou [ž̌]. Essa variável demonstrou que a aplicação da regra é maior com o elemento seguinte heterossilábico (0,92) do que como o elemento seguinte tautossilábico (0,02). Conforme o autor, os seus resultados vêm fortalecer a proposta de Bisol (1989:189-190) segundo a qual a monotongação é maior em ditongos leves do que em ditongos pesados. Como frisa Cabreira, os ditongos leves (interpretados como elemento seguinte heterossilábico) tendem a ser reduzidos, ao passo que os pesados (interpretados como tautossilábicos) são preservados de maneira quase categórica (0,02) (p. 105-106).

A *sonoridade do elemento seguinte* foi importante para os ditongos [ey] e [ay] seguidos por palatais, indicando que aplicação da regra diante do segmento surdo [ʃ] (0,58) é maior do que diante do segmento sonoro [ʒ] (0,22), e que a vogal do ditongo ([a], [e]) não exerce qualquer influência sobre a regra.

A variável *tonicidade* atuou positivamente apenas com relação ao ditongo [ow], no sentido de as sílabas tônica estarem mais sujeitas à aplicação da regra. Levando em conta a noção de saliência fônica, o autor nota que o avanço da regra se dá mais rapidamente nas sílabas com maior saliência fônica, como é o caso das sílabas tônicas. Cabreira ressalta, baseando-se em Moraes & Wetzels (1992: 153-166), que a monotongação em sílaba tônica afeta a estrutura da sílaba-base (i.e, a sílaba fechada³² deixa de existir, dando lugar a uma sílaba aberta), mas preserva a estrutura temporal da sílaba através do alongamento compensatório da vogal reduzida.

Quanto ao *contexto seguinte*, examinando apenas o ditongo [ow], este contexto não teve nenhum papel significativo na aplicação da regra. O fenômeno é indiferente às restrições de contexto. Segundo o autor, este resultado corrobora os de Paiva (1996).

O *valor fonemático do ditongo*, ainda com relação apenas ao ditongo [ow], indicou que os ditongos fonemáticos (nos termos de Bisol, 1991) são os menos suscetíveis à

³² Cf. Câmara Jr., 1981: 30.

monotongação. Segundo o autor, a baixa frequência de aplicação da regra em ditongo dessa natureza sugere uma motivação funcional: evita ambigüidade. Contudo, o próprio autor se questiona quanto a isso, dada a alta incidência de apenas dois itens lexicais: *vou* e *ou*, sem redução.

Com relação à *estrutura profunda do ditongo*, o ditongo [ow] nunca é reduzido quando a semivogal resulta de uma vocalização da lateral pós-vocálica [l]. Em outras palavras, os ditongos derivados nunca são afetados pela regra.

A variável *idade dos informantes* foi descartada pelo programa na análise dos três ditongos ([ay], [ey] e [ow]), demonstrando não haver diferenças significativas na fala dos jovens e velhos.

A variável *sexo*, com relação ao ditongo [ey] seguido de [r] e [ay] seguido por palatal, aponta que as mulheres aplicam mais a regra do que homens; para o ditongo [ow], essa variável foi descartada, indicando que “homens e mulheres não apresentaram diferenças significativas” (p. 94). Essa situação foi interpretada como resultante do fato de não haver prestígio associado a tal regra, segundo a proposta de Chambers e Trudgill (1980: 97): “homens e mulheres se comportam diferentemente quando uma das formas é mais valorizada socialmente do que a outra”.

Quanto à *escolaridade*, os resultados para os ditongos [ey] e [ay] foram semelhantes, indicando que os indivíduos de baixa escolaridade são os que mais aplicam a regra. Esses resultados corroboram a suposição de que o contato com a norma escrita, proporcionado pela escola, inibe o uso da forma não padrão. Esse resultado se revela diferente com respeito à análise ao ditongo [ow]: a monotongação é mais freqüente entre os falantes que possuem grau de instrução correspondente ao ginásio. Com base nos três níveis de escolaridade: primário, ginásio e segundo grau, o autor fez uma aproximação das classes sociais para classe baixa, classe intermediária e classe social mais alta, respectivamente, a fim de obter informações quanto a origem e difusão da mudança sonora, tendo como suporte as propostas de Labov (1980) e Kroch (1978). Labov prevê um maior grau de aplicação da

regra na classe intermediária, correspondendo ao que se denominou na literatura lingüística de padrão curvilíneo de distribuição. Já Kroch prevê um maior grau de aplicação da regra inovadora na classe mais baixa. Segundo Cabreira, duas conclusões distintas foram depreendidas a partir dessas duas propostas mencionadas: 1ª para o ditongo [ow], o padrão curvilíneo se apresenta de modo a fortalecer a proposta de Labov; 2ª para os demais ditongos, [ey] e [ay], o padrão curvilíneo não aparece, exatamente como preconizado por Kroch.

No tocante à *variedade geográfica*, os três dialetos (Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre) não apresentam diferenças significativas com relação ao ditongo [ow]. O dialeto de Curitiba (0,79) se encontra bem mais avançado com respeito à monotongação do ditongo [ey] seguido de [r], do que as outras duas cidades: Florianópolis (0,32) e Porto Alegre (0,35). Segundo o autor, a monotongação de [ey] antes de [r] se encontra em fase mais atrasada do que a monotongação de [ow]; já com relação ao ditongo [ey] seguido de palatais, o dialeto de Florianópolis (0,62) se apresenta mais inovador do que o de Porto Alegre (0,46) e Curitiba (0,22). Conclusão: os três dialetos aplicam a regra de monotongação diferentemente, segundo o tipo de ditongo em pauta.

Mollica (1998) investigou o processo de monotongação dos ditongos [ey] e [ow] em três escolas do Rio de Janeiro, a saber: no Centro Integrado de Educação Pública (CIEP), no Instituto São Francisco de Sales e no Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho. Sua pesquisa levou em conta a produção escrita de alunos desde a fase de alfabetização até a terceira série do segundo grau, classificados de acordo com o recebimento ou não da “instrução” que segue: *‘na língua oral, muitas vezes, deixamos de pronunciar determinados sons que não chegam a causar danos na comunicação. Todavia, é indispensável saber que devemos representar esses sons em forma de grafemas na língua escrita de acordo com as normas ortográficas vigentes’* (p. 56). O objetivo da pesquisa era estabelecer a ligação entre o fenômeno de variação e o processo de aquisição da escrita, como pressuposto básico para uma pedagogia bem orientada e dirigida.

Dentre os resultados mais relevantes, destacam-se: (i) as turmas de alfabetização e de 1ª série mostraram-se indiferentes a um comando explícito sobre a influência da fala na escrita. Só a partir da 2ª série é que os alunos começam a assimilar as diferenças entre o oral e o escrito; (ii) os alunos aprenderam mais rapidamente a forma “correta” de /ey/ em comparação a /ow/. Segundo Mollica, “quanto mais operado o processo na língua falada, tanto mais resistente é a aprendizagem das regras de escrita” (p. 59); (iii) com a evolução das séries, a monotongação de /ey/ e /ow/ tende a reduzir-se mais rapidamente havendo orientação específica nesse sentido; (iv) a tendência à monotongação ocorre em menor escala no sexo feminino. Entretanto, na 1ª e 3ª séries, os meninos monotongam menos. A autora ressalta que essa diferença costuma ser maior em turmas onde o nível socioeconômico é mais baixo. Ressalta ainda que as mulheres tendem a aderir mais facilmente às formas *standard*, motivadas pelo “prestígio encoberto”³³; (vi) no que diz respeito à instrução realizada na sala de aula no momento da pesquisa, há mais eficácia pedagógica nos casos de monotongação de /ey/ do que nos casos de monotongação de /ow/.

³³ O termo **prestígio encoberto** (*covert prestige*) foi empregado por Labov (1966) para indicar a forte sensibilidade feminina às formas lingüísticas padrão. Essa tendência feminina tem recebido diferentes explicações, na sua maioria ligadas ao papel mais efetivo da mulher na socialização da criança. Responsável pela transmissão das normas de comportamento social, dentre elas a lingüística, à mulher cabe a obrigação de ser o modelo exemplar. Dessa forma, a atenção da mulher às formas lingüísticas de prestígio pode ser vista como manifestação de uma tendência mais geral ao ‘bom’ comportamento. De forma geral, permite-se ao homem e não à mulher a quebra de regras sociais, fato que se reflete no comportamento lingüístico (cf. Chambers & Trudgil, 1980).

2.4. Metodologia

Enfocamos a alternância do ditongo [ei] para [e] à luz da metodologia da variação (cf. Labov, 1972, 1994; Sankoff, G., 1982; Sankoff, D., 1988; Tarallo, 1994a; Chambers, 1995; Mollica, 1998; Callou et alii, 1998 e outros).

2.4.1. A população alvo da pesquisa

A população alvo desta pesquisa compreende os falantes de português nascidos em Caxias (MA) (ou que aí tenham chegado até os cinco anos de idade), que tenham idades entre 15 e 25 anos ou mais de 50 anos, escolarizados ou não. A escolha do lugar partiu do interesse particular de conhecer o comportamento lingüístico da cidade em destaque – e, por extensão, do maranhense – no que diz respeito à aplicação da regra de monotongação, um fenômeno lingüístico de larga extensão no português, tanto do ponto de vista sincrônico quanto diacrônico (cf. Paiva, 1996:219), sobejamente estudado nas capitais do sul e sudeste (Paes (1938), Meneghini (1983), Cabreira (1996), Paiva (1996), Mollica (1998) entre outros), mas pouco entendido em termos de norte e nordeste. Estaremos, nesse sentido, contribuindo para a descrição do português falado no Brasil.

Caxias é uma das principais cidade do Maranhão, com população estimada em 133.710 habitantes³⁴. Foi considerada, no passado, a ‘Princesa dos Sertões’, devido à beleza e à riqueza de suas terras. Hoje constitui um centro histórico por conservar belos casarões coloniais, fachadas de azulejos de origem portuguesa, e as ruínas da guerra da Balaiada. É comumente conhecida por “Terra das Palmeiras” e berço de poetas, historiadores e escritores imortais, tais como: Gonçalves Dias, Coelho Neto, Teófilo Dias, Teixeira Mendes, César Marques, Federico José Correia, João Mendes de Almeida, Ricardo Leão Sabino, João de Deus Rego, entre outros.

³⁴ Dados colhidos no IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de Caxias no ano de 1996.

2.4.2. A Amostra

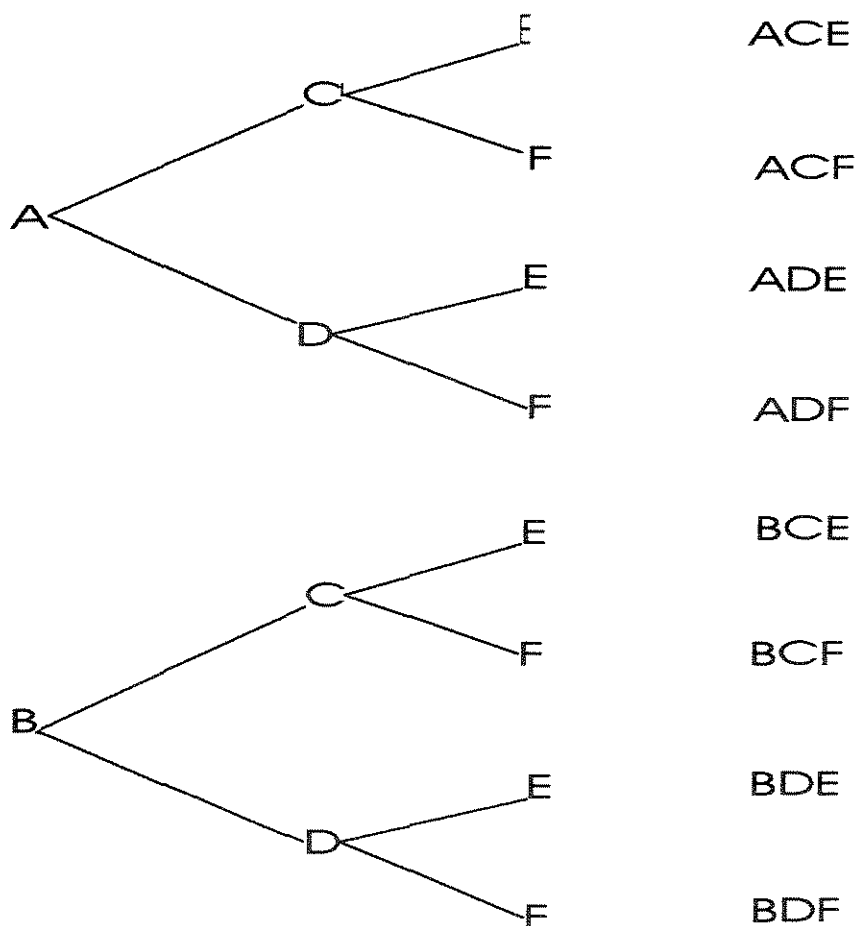
Os dados do presente trabalho provêm de gravações de amostras de fala de informantes caxienses, previamente selecionados. O processo de amostragem segue o método da amostra estratificada. A estratificação foi feita com base no gênero-sexo, no grau de instrução e na idade do falantes, da maneira esquematizada abaixo:

Gênero-sexo: A- masculino, B- feminino;

Grau de instrução: C- analfabetos, D- de 9 a 10 anos de escolaridade;

Idade: E- entre 15 e 25 anos, F- mais de 50 anos.

Dessa forma, a amostra contém 8 células diferentes, conforme o gráfico a seguir:



Cada célula representa um tipo diferente de informante. Foram entrevistados 24 informantes, cobrindo assim todas as células estipuladas. Cada célula contém 3 informantes³⁵. Além das características referentes a sua célula, os informantes deveriam preencher os seguintes requisitos:

- Ter nascido na cidade em questão (ou ter chegado até os cinco anos de idade);
- Ter morado na cidade a maior parte de sua vida;
- Não ter realizado muitas viagens para fora da comunidade.

2.4.3. Coleta de Dados

A gravação dos dados foi realizada com base no método de entrevista sociolinguística proposto por Labov (1972, 1994), mais tarde reinterpretado por Mollica (1992), Tarallo (1994a), entre outros. O entrevistador, tendo sido orientado a não mencionar jamais o objetivo linguístico da pesquisa, vai a campo representando o papel de aprendiz-interessado na comunidade de falantes e em seus problemas e peculiaridades. As perguntas seguiram um questionário-guia previamente formulado (cf. anexo 2, p. 134) com o intuito de controlar os tópicos de conversação, e – em especial – provocar narrativas de experiências pessoais do falante. As perguntas versavam em torno de temas comuns, tais como: jogos, passeios, brigas, namoro, casamento, dia-a-dia no serviço, perigo de morte, medo, amigos, alegrias, tristezas, crime nas ruas, situação do bairro (ou da cidade), esporte, salário, etc. Para garantir a qualidade da gravação foi utilizado gravador com microfone de lapela, procurando, assim, eliminar ou reduzir ao máximo os ruídos do ambiente. As entrevistas tiveram uma duração de 45 a 60 minutos. Antes da gravação das mesmas, foi preenchida uma ficha social (cf. anexo 1, p. 133) contendo os seguintes dados: nome, ano e

³⁵ Segundo Labov o número ideal de informantes por células é cinco. Mas, tendo em vista a dificuldade de se trabalhar com uma amostra maior - o que seria um trabalho para uma equipe e não para um único pesquisador - resolvemos incluir apenas três informantes por células, a fim de tornar viável a pesquisa. Esse número de maneira alguma compromete a confiabilidade dos dados. Grupos de estudos como, por exemplo,

local de nascimento, profissão, local de residência, locais de residências anteriores, local de nascimento dos pais, renda familiar aproximada, grau de instrução, estado civil e número/idade dos filhos, quando fosse o caso.

As entrevistas foram gravadas no mês de julho/97 e nos meses de fevereiro e março/98.

2.4.4. Levantamento dos Dados

O levantamento dos dados foi feito ouvindo-se as entrevistas e transcrevendo-se todas as ocorrências do ditongo oral [ei]. Da transcrição, constava a palavra em que ocorria o ditongo/monotongo em questão e a maneira como foi pronunciada. Se o ditongo/monotongo ocorresse no início da palavra, a transcrição conteria a palavra anterior; se o ditongo/monotongo ocorresse em final de palavra, a transcrição conteria a palavra seguinte. Desse levantamento resultaram 1.305 ocorrências do ditongo, correspondendo a 12 horas de fala (30 minutos de cada inquérito)³⁶. Nesta pesquisa foram descartados os dados que ocorreram na fala de um único informante, a fim de evitar que os traços idiossincráticos interferissem na apresentação dos resultados da pesquisa.

2.4.5. Análise Estatística dos Dados

A análise estatística dos dados foi feita mediante a utilização de um conjunto de programas denominados pacote VARBRUL, que visa estabelecer, matematicamente, quais são os fatores, lingüísticos e não-lingüísticos, que contribuem para a aplicação ou para a inibição de uma regra que represente um determinado processo lingüístico.

o PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua), do Rio de Janeiro, trabalha também com um número de informantes menor do que cinco.

³⁶ Vale acrescentar que a ocorrência do ditongo em sufixo flexional, p.ex., nas palavras *comerei*, *gostei*, não constitui dado desta pesquisa. Resolvemos excluir esses casos levando em conta que nesta posição o ditongo nunca se reduz. Talvez pelo fato de se tratar de uma marca morfológica, que, por natureza, é mais resistente à mudanças. Acreditamos que esse tipo de dado deve ser tratado à parte. Na presente investigação procuramos nos restringir à presença do ditongo apenas em radicais de palavras ou em sufixos derivacionais, tipo *feira* e *peneira*.

2.4.6. As Variáveis

a) Variável Dependente

A *monotongação*, i.e., o cancelamento da semivogal do ditongo [eɪ], transformando-o numa vogal simples [e]. Por exemplo: cadeira > [ka'dera], feijão > [fe'ʒãʊ], manteiga > [ma'tega].

b) Variáveis Independentes

As variáveis independentes dizem respeito às propriedades dos contextos lingüísticos – i.e., a correlação das variantes com fatores internos e extralingüísticos, i.e., a correlação das variantes com fatores externos ou sociais.

O corpo de *variáveis lingüísticas* foi composto pelos grupos de fatores: contexto fônico precedente, segmento seguinte, sonoridade do segmento seguinte, classes de palavras, posição do ditongo I, posição do ditongo II, tonicidade da sílaba, dimensão do item lexical e velocidade de fala.

O *contexto fônico precedente* se refere ao tipo de segmento que vem imediatamente antes o ditongo [eɪ]. Esta variável foi desmembrada em duas outras, tendo como base os diferentes **pontos**: Bilábias [p, b, m]; Labiodentais [f, v]; Alveolares [t, d, n, r, s, z, l]; Alveopalatais [ʃ, ʒ, tʃ, dʒ]; Velares [k, g] e Vogais [a, o]; e **modos**: Oclusivas [p, b, t, d, k, g]; Nasais [m, n]; Tepe [ɾ]; Fricativas [f, v, s, z, ʃ, ʒ, h, x] e Laterais [l]. Até agora, os trabalhos lidos que analisaram estas possibilidades não encontraram nenhum efeito sobre o fenómeno (Cabreira, 1996 e outros). A nossa expectativa é verificar se isto é válido também para o dialeto de Caxias (MA).

Com o grupo de fatores *segmento seguinte* buscamos detectar quais os elementos imediatamente depois do ditongo [eɪ] estão associados com a aplicação da regra de monotongação. Nesse sentido, inicialmente agrupamos e rodamos (num só arquivo)

todas as palavras do *corpus*, considerando todos os segmentos possíveis nesta posição, a saber:

[a]: aveia
 [d]: Almeida
 [dʒ]: Cleide
 [g]: meigo, manteiga
 [k]: Seiko
 [ʃ]: Seixas, queixo
 [ʒ]: feijão
 [r]: feira
 [s]: seiscentos
 /o/ -> [o]: feio, odeio
 [l]: leilão
 [m]: queimar
 [n]: reino, treino
 [t]: prefeito
 [tʃ]: leite
 Pausa. É a lei.

Notando que a redução do ditongo [ei] no dialeto em foco só acontecia antes de [r], [ʃ], [ʒ], [a], [g] e [n], nunca diante de outros segmentos, procuramos então restringir nossa investigação a esses contextos, ou melhor, separamos posteriormente todas as palavras do *corpus* em dois grandes arquivos:

- (i) o arquivo de dados variáveis, contendo apenas os itens lexicais que na pronúncia do informante se apresentavam variáveis quanto à forma, ora com o ditongo nitidamente expresso, ora sem o ditongo. Neste arquivo, pudemos contar com 801 vocábulos nestas condições e os contextos em que, nestes vocábulos, o ditongo se reduzia eram em geral [r], [ʃ], [ʒ], [a], [g] e [n];
- (ii) o arquivo de dados categóricos de não-aplicação da regra (ou invariáveis), contendo todos os itens lexicais que em nenhum momento se mostraram instáveis na pronúncia dos indivíduos entrevistados. Pudemos contar com 504

palavras com esta característica. Neste arquivo as palavras se restringiam aos demais ambientes³⁷, a saber:

[t]: prefeito
 [tʃ]: leite
 [g]: meigo
 /o/ -> [o]: feio
 [ʃ]: Seixas
 [s]: seiscentos
 [d]: Almeida
 [dʒ]: Cleide
 [k]: Seiko
 [l]: leilão
 [m]: queimar
 [n]: reino
 Pausa. É a lei

Para a análise estatística dos dados através do programa VARBRUL, só utilizamos o primeiro arquivo (os variáveis). Os dados do segundo arquivos foram rodados apenas no MAKECELL. O nosso interesse era neste momento destacar o contexto fonológico seguinte. Esta estratégia foi usada para verificarmos se havia casos em que, no mesmo ambiente, as palavras se comportavam diferentemente. Os dados desse arquivo também foram importantes para exame da representação fonológica do fenômeno em pauta.

No grupo *sonoridade do segmento seguinte*, consideramos a oposição dos traços surdo vs. sonoro do elemento imediatamente seguinte ao ditongo em pauta. Partimos do pressuposto de que o segmento sonoro estaria mais sujeito ao processo de monotongação.

Surdo [ʃ]: peixe

Sonoro [n, r, ʒ, g e vogais]: beijo

³⁷ Para a nossa surpresa, conforme veremos no capítulo seguinte, encontramos dentro deste arquivo contextos semelhantes aos do arquivo de dados variáveis, tais como os ambientes [g] e [ʃ]. Este fato nos fez levantar a suspeita de que a aplicação da regra não está em distribuição complementar, dando margem a

A variável *classes de palavras* foi estabelecida para verificar se a aplicação da regra estaria restrita a algum tipo particular de palavras. Consideramos, então, as seguintes classes:

Adjetivos: feia

Substantivos comuns: beijo, costureira

Substantivos próprios: Teixeira

Numerais: primeiro, terceiro

Verbos: deixo, treinar

A *posição do ditongo I* se refere ao tipo de morfema em que se encontra a variante em análise. Buscamos verificar se o fenômeno está sujeito a motivações de ordem morfológica. Estabelecemos duas possibilidades:

O ditongo faz parte do radical: madeira

O ditongo faz parte do sufixo derivacional: cafeteira

A *posição do ditongo II* se refere à localização do ditongo dentro do item lexical. Foram considerados os seguintes grupos:

O ditongo está no início da palavra: eixo

O ditongo está no meio da palavra: milheiro

Com a *tonicidade da sílaba* buscamos verificar se a regra de monotongação está sujeita à influência do acento de palavra. Separamos as palavras conforme a ocorrência do ditongo numa sílaba tônica (*beijo*) ou átona (*beijinho*).

No grupo *dimensão do item lexical*, agrupamos as palavras em dois blocos, a saber:

uma interpretação do fenômeno via difusão lexical. Isto é, num mesmo contexto X, tanto a regra pode ser aplicada quanto não.

Até duas sílabas: veia

Mais de duas sílabas: cafeteira

A nossa expectativa era de que as palavras do primeiro bloco fossem menos afetadas pelo processo do que as do segundo bloco.

Além das *variáveis* mencionadas acima, incluímos também neste estudo a variável *velocidade de fala*³⁸ do informante, que, pela primeira vez, está sendo investigada neste tipo de fenômeno. Estabelecemos, então, três velocidades que poderiam se aplicar à fala do informante, a saber:

Lenta ou pausada

Moderada

Rápida

A nossa expectativa era de que o número de ocorrências de monotongação do ditongo [ei] aumentasse à medida que o indivíduo acelerasse a sua fala.

O corpo de *variáveis extralingüísticas* foi composto pelas mesmas variáveis da estratificação da amostra (idade, escolaridade e sexo), mais a classe social do falante.

Quanto à variável *idade*, os informantes foram divididos em duas faixas etárias, 1ª faixa, de 15 a 25 anos (os mais jovens); e 2ª faixa, de 50 anos em diante (os mais velhos).

Com relação à variável *escolaridade*, os informantes foram classificados em escolarizados, aqueles que tinham de 9 a 11 anos de escola, e não escolarizados, i.e., aqueles

³⁸ A distribuição dos dados nas três velocidades mencionadas, a saber: velocidade lenta, moderada e rápida, foi feita com base na minha intuição de falante nativo do dialeto em questão de que seria possível distinguir, pelo menos, três velocidades distintas em que as palavras eram pronunciadas pelos informantes. Isto não implica necessariamente a afirmação de que são essas efetivamente as velocidades relevantes para o dialeto caxiense. Estudos experimentais podem revelar um número maior ou menor de velocidades. Sobre *velocidade de fala*, veja mais detalhes em Abaurre (1976, 1979), quem, pela primeira vez, no Brasil, começou a investigar esta questão.

que nunca freqüentaram uma escola. A nossa intenção era saber se havia uma influência significativa da escolaridade sobre o fenômeno em estudo.

A respeito da variável *gênero-sexo*, os informantes foram divididos em dois grupos: homens e mulheres. Buscávamos detectar diferenças no comportamento de homens e mulheres, associado à aplicação da regra.

Com relação à variável *classe social*, dividimos os informantes nos três grupos, a saber: classe social baixa, classe social média-baixa e classe social média-alta.

Essa variável foi organizada com base na renda do indivíduo, i.e., os falantes de classe baixa eram aqueles que tinham renda mensal de até cinco salários mínimos; os de classe média-baixa, aqueles que tinha entre seis a dez salários mínimos, e os de classe média-alta, com renda mensal entre onze e dezesseis salários mínimos.

3. ANÁLISE DOS RESULTADOS

A primeira pergunta que fizemos foi a respeito dos fatores – lingüísticos e extralingüísticos – que se correlacionam com a aplicação da regra de monotongação no dialeto em foco. A segunda foi quanto à implementação do fenômeno no léxico: teria sido o fenômeno implementado de acordo com as proposições do modelo Neogramático ou de Difusão? Examinaremos estas duas questões lado a lado, pois estão intimamente relacionadas.

Recapitulando um pouco a discussão entre esses dois modelos descritivos e explicativos para as mudanças sonoras – já apresentados na seção 2.1, p. 20, do presente trabalho – podemos dizer que um dos problemas centrais é exatamente o do papel do léxico nas mudanças sonoras, isto é, na ordenação relativa dos efeitos lexical e fonético (cf. Oliveira, 1997: 35). É possível notar que os lingüistas de inclinação Neogramática resistem à idéia do léxico como controlador primeiro de uma mudança sonora, mas não à idéia de que, uma vez disparada, a mudança possa ser implementada lexicalmente. Do mesmo modo, nenhum trabalho de inclinação difusionista assumirá que o efeito fonético não deva ser levado em conta; o que o modelo de Difusão Lexical rejeita é que o efeito fonético seja a única explicação para uma determinada mudança sonora. Podemos dizer, então, que a diferença básica entre os dois modelos reside na escolha do controlador principal e do controlador secundário de uma mudança: para os Neogramáticos temos em primeiro lugar o efeito fonético, e em segundo, o lexical; enquanto que para os Difusionistas temos em primeiro lugar o lexical, e depois o fonético. Para os primeiros, a mudança se implementa de maneira *foneticamente gradual, mas lexicalmente abrupta*; para os últimos, ao contrário, a *mudança é foneticamente abrupta, mas lexicalmente gradual*. Para os primeiros, a mudança *opera mecanicamente sem deixar exceções*. Para os últimos, a mudança *não é mecânica e pode deixar resíduos*.

Segundo Labov, tomando como base a classificação que ele faz dos tipos de mudanças – como pudemos observar em seus trabalhos de 1981:303, e de 1994:543 – a

monotongação é prevista por regras Neogramáticas. Trata-se de uma mudança controlada pelo efeito fonético. Neste sentido, a mudança opera no segmento da palavra, afetando todos os itens de uma classe relevante. Contrariamente à posição de Labov, Oliveira (1991, 1992, 1995, 1997) defende a idéia de que todas as mudanças sonoras se implementam via difusão lexical. O efeito lexical é o controlador principal da mudança. A mudança acontece na palavra e não no segmento (ou parte dela) (1992:34), podendo existir exceções à regra uma vez que a mudança não afeta todas as palavras ao mesmo tempo.

Tomando como base os dados do dialeto de Caxias, tentamos ver a possibilidade de aplicação dos dois modelos mencionados. Se se confirma a hipótese de Labov quanto à implementação do fenômeno de monotongação via modelo neogramático, ou se devemos levar a cabo a postura difusionista de Oliveira quanto ao assunto.

A redução do ditongo [ei] já foi investigada nos mais diferentes dialetos do Brasil, conforme mencionamos na seção 2.3, mas nenhum destes trabalhos, exceto os de Oliveira (1981, 1992, 1995), tem se preocupado com a questão de implementação da mudança. A atenção maior tem sido dada para a descrição do processo.

Com relação a outros autores que se preocuparam com o estudo da monotongação, alguns deles se voltaram para os aspectos lingüísticos (Paiva, 1996 e Mollica, 1998), enquanto outros se preocuparam com a representação dos ditongos/monotongos, como é o caso de Bisol (1989, 1994) e de Schane (1995) cujas análises serão discutidas ao longo do capítulo que segue.

Passemos à análise dos dados do fenômeno aqui em estudo.

Os resultados da análise estatística, realizada por meio do programa VARBRUL, foram importantes para avaliar as questões supracitadas. Este nos forneceu a seleção de grupos de fatores relevantes e não relevantes para a aplicação da regra de monotongação. Apresentaremos primeiramente os resultados para todas as variáveis que foram importantes, e em seguida arrolaremos as variáveis não relevantes para a questão em estudo.

3.1. Os grupos de fatores selecionados

Os dados desta pesquisa, conforme mencionamos na seção 2.4, foram divididos em dois grandes arquivos, a saber: o arquivo de dados variáveis e o arquivo de dados categóricos de não-aplicação da regra de monotongação (ou invariáveis). Contamos com 801 dados no primeiro arquivo e 504 no segundo arquivo. Esta estratégia nos possibilitou a ver se, em algum momento, palavras com o mesmo contexto se comportavam de modo distinto nos arquivos estipulados, ou, em outras palavras, se os dados estavam (ou não) em distribuição complementar. Isto é, se a regra se aplicasse para os dados variáveis, a nossa expectativa era de que deixasse de se aplicar para os dados invariáveis e vice-versa. Caso isto ocorresse de fato, então teríamos fortes argumentos a favor da hipótese Neogramática; do contrário, a proposta de Difusão seria favorecida.

Trabalharemos com estes dois arquivos lado a lado, na tentativa de comparar seus resultados.

Levando em conta o arquivo de dados variáveis, o programa selecionou, conforme a ordem de importância, os seguintes grupos de fatores: (1) o segmento seguinte, (2) a velocidade de fala, (3) a escolaridade, (4) a tonicidade da sílaba e (5) a idade.

3.1.1. Segmento seguinte

A tabela abaixo apresenta os resultados relativos à monotongação de $[e\bar{I}] \sim [e]$ no arquivo de dados variáveis.

Tabela 2: A monotongação do ditongo [eɪ]: efeito do segmento seguinte no arquivo de dados variáveis

SEGMENTO SEGUINTE	FREQUÊNCIA		PESO RELATIVO
[r]: feira	479/541	89%	.85
[a]: meia	34/48	71%	.61
[g]: manteiga ³⁹	10/17	59%	.47
[ʃ]: eixo	62/105	59%	.46
[ʒ]: feijão	23/59	39%	.18
[n]: treino	7/31	35%	.12
Total	615/801	77%	

Input .87

Significance .007

A tabela 2 mostra que dois segmentos, a saber: [r] (.85) e [a] (.61), se correlacionam positivamente com a aplicação da regra de monotongação, enquanto dois outros, a saber: [ʒ] (.18) e [n] (.12), se correlacionam negativamente. Os demais segmentos ocupam posição intermediária: [g] (.47) e [ʃ] (.46). É curioso observar ainda que o segmento [r] é o que concentra o maior número de ocorrências (479/541) do ditongo; mais da metade de todas as ocorrências do *corpus*. Segundo Veado (1983: 214) “poderemos (...) suspeitar que o fenômeno da simplificação do [eɪ] tenha se originado diante do segmento /r/ e não diante de [ʃ] e [ʒ], conforme mencionado por Lemle (1978:69)”. Vale mencionar também que diante de [g] a única palavra envolvida foi *manteiga*⁴⁰. Segundo Paiva (1996:226) “é fácil verificar que em outras palavras com o mesmo contexto (...) a supressão é bloqueada como em (...) *meigo*”. O mesmo podemos dizer com respeito ao contexto [n], a única palavra envolvida foi *treino*. Outras palavras tipo *reino*, *pimenta-do-reino*, não são afetadas pela regra. Não seria esta distribuição um indício de implementação via difusão? Vejamos.

³⁹ Vale mencionar que diante dos segmentos [g] e [ʃ] houve um ligeiro enviesamento dos resultados. Os dois ambientes têm a mesma frequência, mas os pesos relativos são singularmente distintos. Este fato decorre da interferência maciça do item lexical *manteiga* nos dados do contexto [g], pois nele só há a presença desta única palavra, enquanto que, antes de [ʃ], outras palavras estão envolvidas.

⁴⁰ Cf. Machado (1959 [1952]:1419), a palavra *manteiga* é de origem incerta, o mais provável é que ela seja pré-romana e sempre manifestou forte variação dialetal entre presença/ausência da semivogal.

No quadro 4, abaixo, são mostrados alguns dados do arquivo de dados categóricos de não-aplicação da regra de monotongação para tentarmos enxergar mais nitidamente o que está ocorrendo em relação à monotongação.

Quadro 4: A monotongação do ditongo [eɪ]: efeito do segmento seguinte no arquivo de dados categóricos de não-aplicação da regra de monotongação

SEGMENTO SEGUINTE	Nº DE OCORRÊNCIAS
[t]: prefeito	252
[tʃ]: leite	58
[g]: meigo	11
/o/ -> [o]: feio	22
[ʃ]: Seixas	18
[s]: seiscentos	46
[d]: Almeida	22
[dʒ]: Cleide	17
Pausa. É a lei.	28
[l]: leilão	5
[m]: queimar	8
[n]: reino	12
[k]: Seiko	5
Total	0/504

Comparando a tabela 2, que exhibe os dados ‘variáveis’, e o quadro 4, que apresenta os dados ‘invariáveis’, focalizando os contextos [ʃ], [g] e [n], em grifo, notamos que as palavras, com o mesmo contexto, se comportam de maneira diferente. A nossa expectativa era de que os dados desses dois arquivos estivessem em distribuição complementar, fato esse não verificado. Em algumas palavras a regra de monotongação se aplica, p.ex., em *eixo*, *treino* e *manteiga* (antes de [ʃ], [n] e [g], respectivamente), como observamos na tabela 2; e em outras o fenômeno nunca ocorre, p.ex., em *Seixas*⁴¹, *reino* e

⁴¹ Cf. Segundo Oliveira (1991:104) os nomes próprios são mais resistentes a implementação de uma mudança sonora. “I would say that at least three factors may act as inhibitors to sound change: proper names, social class reaction, and formal speech styles. Proper names are probably the clearest cases. It is a well-known fact that names of persons, cities, rivers, mountains, etc., may preserve an old form and resist

meigo (também antes de [ʃ], [n] e [g], respectivamente), como visto no quadro 4. Face a estes resultados, podemos indagar: o que está mudando: a palavra ou o som? A distribuição dos dados apresentada acima parece constituir um indício de que a palavra é o alvo da mudança. Reiterando, embora o contexto seja o mesmo, a regra não se aplica uniformemente.

Estes resultados corroboram os de Oliveira (1991:104) para quem o comportamento irregular das palavras constitui um indício de que a regra estaria se implementando pelo modelo de Difusão Lexical, e não pelo modelo Neogramático, como propõe Labov (1981, 1994)⁴².

A comparação dos nossos resultados com os de Paiva (1996) e com os de Cabreira (1996), mostra-nos que a regra sofre uma enorme diferenciação dialetal. Enquanto que, para o dialeto caxiense, o contexto vocálico [a] é altamente positivo (.61) para a aplicação da regra, o mesmo não ocorre para o dialeto do Rio (.10) – analisado por Paiva (op. cit. p. 225) – nem para os dialetos de Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre que exibiram 0% de aplicação, conforme observa Cabreira (op. cit. p. 45). Se o condicionamento fônico fosse realmente forte, então seria esperado que todos os dialetos exibissem um comportamento igual, ou pelo menos aproximado. Não seria isso um caso de Difusão Lexical?

3.1.2. Velocidade de fala

Depois do grupo *segmento seguinte*, a *velocidade de fala*⁴³ é a variável de maior importância na implementação da regra de monotongação do ditongo [eɪ] no dialeto em foco. Os resultados estão apresentados na tabela 3, abaixo:

change.” Mollica & Mattos (1992) também encontraram o mesmo fato com relação à regra de apagamento de /d/ na formação do gerúndio -ndo. Nomes próprios, como *Armando*, não eram afetados pela regra.

⁴² Para Labov, esses casos são resultantes de misturas dialetais, que poderiam ser tratados como exceções do modelo Neogramático. O problema reside no fato de que essas misturas dialetais são difíceis de serem provadas. Esses casos só são detectados através de uma análise diacrônica, o que foge ao nosso alcance.

⁴³ A variável *velocidade de fala* está sendo investigada pela primeira vez neste tipo de fenômeno e tem demonstrado uma significativa importância. A distribuição dos dados nas três velocidades (rápida, moderada

Tabela 3: A monotongação do ditongo [eɪ]: efeito da velocidade de fala no arquivo de dados variáveis

FATORES	FREQUÊNCIA		PESO RELATIVO
Rápida	242/258	94%	.80
Moderada	344/454	76%	.42
Lenta	29/89	33%	.07
TOTAL	615/801	77%	

Input .87 Significance .007

Conforme a tabela acima, podemos notar que à medida que aumenta a velocidade de fala aumenta a aplicação da regra. Esses resultados confirmam o que já é sobejamente comprovado na literatura lingüística (cf. Abaurre, 1976, 1979; Moraes & Leite, 1993): segmentos fônicos são mais facilmente perdidos numa aceleração maior da fala. Segundo Abaurre (op. cit.), este fato é puramente fonético e tem muito a ver com a diminuição das diferenças articulatórias de produção dos sons. Neste sentido e, ao mesmo tempo, contrariando o que é demonstrado pelo contexto seguinte, acima analisado, esta variável mostra evidência de condicionamento neogramático, já que não é possível identificar qualquer explicação de natureza difusionista para este fato.

É interessante observar, no entanto, que este grupo de fatores não teve nenhum efeito para os dados do arquivo invariável, conforme podemos notar a seguir, tomando com base as palavras *prefeito* e *leite* nas três velocidades estipuladas:

e lenta), como já mencionamos na seção 2.4.2, foi feita com base na minha intuição de falante nativa do dialeto em estudo.

Tabela 4: A monotongação do ditongo [eɪ]: efeito da velocidade de fala com relação à palavra dentro do arquivo de dados categóricos de não-aplicação da regra de monotongação

A palavra em questão	Velocidade de fala	Frequência de ocorrência	
Prefeito	Moderada	62/72	86%
	Rápida	9/72	13%
	Lenta	1/72	1%
Leite	Moderada	45/64	70%
	Lenta	17/64	27%
	Rápida	2/64	3%

Não importa a velocidade, a palavra nunca é monotongada.

3.1.3. Escolaridade

A variável *escolaridade* também mostrou-se importante para a aplicação da regra. Os resultados são os seguintes:

Tabela 5: A monotongação do ditongo [eɪ]: efeito da escolaridade no arquivo de dados variáveis

FATORES	FREQUÊNCIA		PESO RELATIVO
Não escolarizados	357/428	83%	.63
Escolarizados	258/373	69%	.35
TOTAL	615/801	77%	

Input .87

Significance .007

Os indivíduos escolarizados (.35) aplicam menos a regra de monotongação do que os falantes não-escolarizados (.63).

A relevância desta variável nos dados demonstra que a regra de monotongação no dialeto em foco possui *diferenciação diastrática*, i.e., que o fenômeno está associado à diferenças de ordem sociocultural (nível culto, língua padrão, nível popular, etc.), mostrando, portanto, a ação inibidora da escola em relação à implementação do fenômeno. Ao que parece, o contato com a norma padrão e com a escrita, proporcionado pela escola, faz com que os falantes modifiquem o seu comportamento lingüístico e passem a usar menos a forma monotongada. De acordo com Labov (1994), ao diferenciar mudanças NG e DL, esse grau de consciência social constitui indício de implementação via difusão lexical:

"Difusão lexical [grifo do autor] é o resultado da substituição abrupta de um fonema por outro nas palavras que contêm aquele fonema. (...) Este processo é mais característico dos estágios tardios de uma mudança interna que foi diferenciada pelas condições gramaticais e lexicais ou que se desenvolveu um alto grau de consciência social [grifo nosso](...) ⁴⁴"(p. 542)

3.1.4. Tonicidade da sílaba

Tabela 6: A monotongação do ditongo [eɪ]: efeito da tonicidade da sílaba no arquivo de dados variáveis

FATORES	FREQUÊNCIA		PESO RELATIVO
Sílaba tônica. Ex.: beijo	524/631	83%	.71
Sílaba átona. Ex.: beijinho	91/170	54%	.20
Total	615/801	77%	

Input .87

Significance .007

⁴⁴ Labov (1994:542): "*Lexical diffusion is the result of the abrupt substitution of one phoneme for another in words that contain that phoneme. (...) This process is most characteristic of the late stages of an internal change that has been differentiated by lexical and grammatical conditioning, or has developed a high degree of social awareness (...)*".

As sílabas tônicas (.71) são mais sensíveis à monotongação do que as sílabas átonas (.20). Os números indicam uma certa polarização: de um lado, as sílabas tônicas desencadeiam a aplicação da regra; de outro, as sílabas átonas inibem o processo.

O que mais nos chamou atenção nesses resultados foi o fato de as sílabas tônicas propiciarem a perda da semivogal. Existem vários trabalhos realizados em Fonética experimental que demonstram que a *duração* é o correlato físico mais importante da acento do português do Brasil (Delgado Martins, 1986, 1988; Fernandes, 1976; Moraes, 1986, 1987; Massini, 1991; Massini-Cagliari, 1992). Ou seja, as sílabas tônicas são produzidas com uma duração maior do que as sílabas átonas. Conseqüentemente, seria de se esperar que a perda de segmentos fosse mais comum em sílabas átonas, por serem produzidas com menor duração. Porém, é justamente o contrário o que os pesos relativos revelam para a monotongação do ditongo [eɪ].

De acordo a interpretação acima, as vogais tônicas, em Português, são foneticamente mais longas do que as átonas. É como se as vogais tônicas, em sílaba aberta, tivessem um tempo a mais do que as átonas. É possível que essa diferença esteja relacionada com os resultados encontrados aqui, no seguinte sentido:

A sílaba com ditongo possui um elemento depois da vogal. Portanto, em termos de duração, no nível fonológico, possui uma unidade temporal depois da vogal. A monotongação é um processo que elimina o elemento que segue a vogal, alterando a estrutura silábica. Quando a monotongação ocorre em uma sílaba átona, o resultado do processo é um sílaba aberta com vogal breve. Há uma diminuição na duração fonética da sílaba, que perde uma unidade temporal. Quando a monotongação ocorre em uma sílaba tônica, o resultado é uma sílaba aberta com vogal foneticamente alongada. Nesse caso, mantém-se a duração da sílaba, pois a unidade temporal referente ao glide é compensada pela unidade temporal a mais da vogal longa. Em resumo: a monotongação ocorreria preferencialmente na sílaba tônica, pois nesta a duração fonética da sílaba não se altera, ao passo que a monotongação na sílaba átona provoca uma redução na duração da sílaba. Ou, em outras palavras, a monotongação em sílabas tônicas seria compensada pelo alongamento natural das vogais tônicas, enquanto a monotongação em sílabas átonas não seria

compensada. De acordo com essa análise, a manutenção da estrutura temporal da sílaba tem um papel importante nesta regra.

Com relação ao alongamento compensatório, referido acima, é importante frisar que este tipo de alongamento se restringe aos casos de monotongação do ditongo em sílaba tônica, não se aplica, portanto, para a vogal tônica. Isto poderia nos levar a dizer precipitadamente que na palavra *caso*, por exemplo, a vogal /a/ teria duas unidades temporais no núcleo silábico. Não diríamos que isso fosse impossível, mas que foge completamente ao alcance desta dissertação.

A variável *tonicidade da sílaba* também foi relevante para a aplicação da regra de monotongação do ditongo [ei] no dialeto de Ibiaçá (RS) (Meneghini, 1983), embora no sentido de as sílabas átonas propiciarem mais a ocorrência de monotongos do que as tônicas. Já para os dialetos de Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre (Cabreira, 1996), bem como para o dialeto carioca (Paiva, 1996), tal variável não revelou qualquer interferência sobre a redução do ditongo em pauta.

As considerações sobre tonicidade da sílaba feitas até agora parecem nos mostrar o condicionamento fonético, gradual da mudança sonora, no espírito da proposta Neogramática: de um lado, as sílabas tônicas propiciam a aplicação da regra; de outro, as átonas bloqueiam a ocorrência de monotongos. Esses resultados vêm corroborar a hipótese de Labov, já que não é observada nenhuma evidência de condicionamento lexical. Mas é notória a diferença dialetal, como colocada no parágrafo respectivamente acima. Não estaria a regra, neste aspecto, se implementando também via difusão lexical, afetando gradualmente dialeto-por-dialeto? Uma vez que a implementação da mudança se dê via regras neogramáticas, não seria esperado que os dialetos tivessem uma aproximação nos resultados, ou que exibissem o mesmo comportamento, já que a regra é a mesma? Tais questões são aqui obscuras.

3.1.5. Idade

A *idade dos informantes* foi a última variável selecionada pelo programa como relevante para a interpretação da monotongação de ditongo [eɪ]. Os resultados relativos a ela são mostrados na tabela 7, a seguir.

Tabela 7: A monotongação do ditongo [eɪ]: efeito da faixa etária no arquivo de dados variáveis

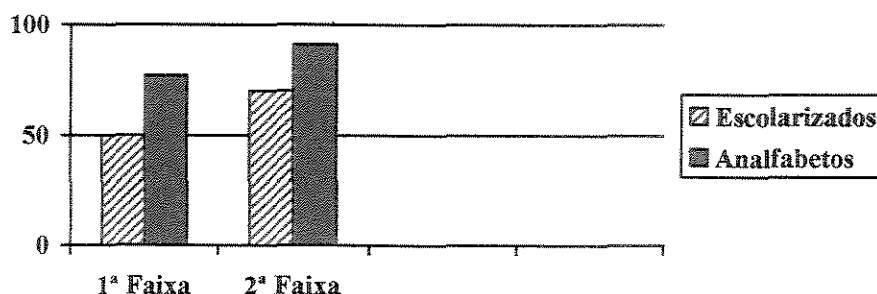
FATORES	FREQÜÊNCIA		PESO RELATIVO
2ª Faixa etária (mais de 50 anos)	306/353	87%	.58
1ª Faixa etária (15/25 anos)	309/448	69%	.42
Total	615/801	77%	

Input .87

Significance .007

Os mais velhos (.58) aplicam mais a regra do que os mais jovens (.42), conforme os números da tabela acima. É provável, porém, que esses números se expliquem em função do grau de escolaridade. O cruzamento destas variáveis (idade vs. escolaridade), abaixo, nos proporcionou os seguintes resultados:

Gráfico 1: A monotongação do ditongo [eɪ]: atuação da idade relacionada à escolaridade



De acordo com o gráfico acima, a aplicação da regra vai aumentando entre os falantes da 2ª faixa etária, à medida que diminui o grau de instrução. Em outras palavras, os mais velhos aplicam mais a regra de monotongação do ditongo [eɪ] pelo fato de serem menos escolarizados. Esses resultados reforçam os resultados da tabela 5, anteriormente apresentada.

3.2. Os grupos de fatores não selecionados

O programa de análise estatística não selecionou para o funcionamento da regra de monotongação no dialeto em foco os seguintes grupos de fatores: *contexto fônico precedente quanto ao ponto de articulação, contexto fônico precedente quanto ao modo de articulação, sonoridade do segmento seguinte, classes de palavras, posição do ditongo I, posição do ditongo II, dimensão do item lexical, gênero-sexo e classes sociais.*

Os resultados indicam que a variável *contexto precedente* não possui um papel importante na implementação dessa regra, seja levando em conta o ponto de articulação ou modo. Os resultados não são consistentes.

A exclusão da variável *sonoridade da sílaba* indica que a regra de monotongação de [eɪ] no dialeto em estudo tanto pode ocorrer diante de um segmento sonoro quanto surdo. A regra não olha para o traços de sonoridade.

A variável *classes de palavras* também não foi significativa para a aplicação da regra de monotongação do ditongo [eɪ]. Mas é interessante notar que a constatação de Oliveira (1991:104)⁴⁵, no que se refere a nomes próprios como inibidores da mudança, é confirmada por nossos dados. O peso relativo extraído do *step down* é baixo, como mostrados a seguir: numerais = .41; nomes comuns = .51; **nomes próprios** = .15; adjetivos = .72; verbos = .59.

⁴⁵ OLIVEIRA, Marco A. de. The neogrammarian controversy revisited. *International journal of the sociology of language*. Berlin, v. 89, p. 104. "I would say that at least three factors may act as inhibitors to sound change: proper names, social class reaction, and formal speech styles. Proper names are probably the clearest cases. It is a well-known fact that names of persons, cities, rivers, mountains, etc., may preserve an

A variável *posição do ditongo I* foi considerada sem efeito para a monotongação no dialeto caxiense, indicando que a regra é aplicada na mesma medida tanto nos radicais (.50) das palavras quanto no sufixo derivacional *-eiro* (.50). Não há nenhuma diferença. Esses resultados são interessantes quando comparados aos de Paiva (1996) e Cabreira (1996), ambos autores citados na seção 2.2. Nas três análises o comportamento dessa variável foi diferente. Paiva encontrou no sufixo derivacional *-eiro* (.61) uma taxa de aplicação da regra maior do que nos radicais (.38), enquanto Cabreira – ao contrário – encontrou em seus dados uma incidência maior de monotongos nos radicais (0.74) do que no sufixo derivacional *-eiro* (0.33). Parece que a regra de monotongação tem um sabor dialetal, e este fato não é possível de ser previsto via modelo Neogramático. Acreditamos que isto seja melhor explicado através do modelo de Difusão Lexical.

A aplicação da regra também resultou sem efeito para a variável *posição do ditongo II*, i.e., para a posição início (eixo) e meio (cadeira) de palavras, bem como para a *dimensão do item lexical e gênero-sexo do falante*.

A variável *classes sociais* não teve uma maior destaque. Ela resultou irrelevante para a aplicação da regra no dialeto em estudo. A nossa expectativa com respeito a essa variável era verificar a existência do padrão curvilíneo, conforme Labov (1966, 1980, 1994). Para ele, a mudança se origina na classe social um pouco acima da classe mais baixa de todas, formando um padrão curvilíneo de distribuição. A difusão da mudança é explicada por meio da noção de prestígio local: os implementadores da mudança são aqueles que possuem maior prestígio dentro de seu grupo social e que, além disso, possuem o maior número de contatos com outros grupos. Essas duas características fazem com que as modificações trazidas por esses indivíduos se espalhem por toda a sociedade, resultando na mudança lingüística.

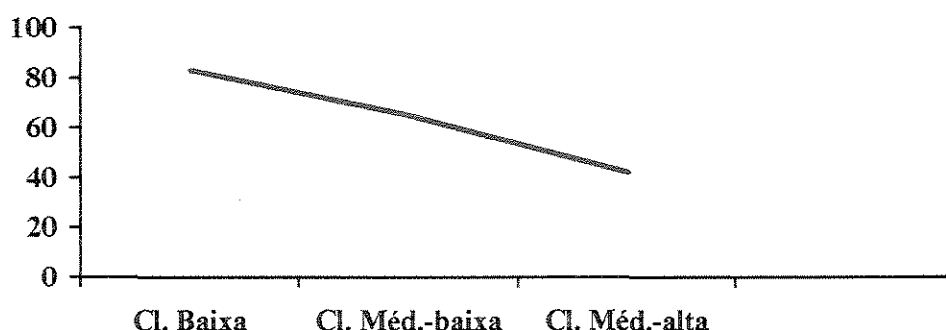
Kroch (1978), por sua vez, nega qualquer explicação para a mudança lingüística que parta da noção de prestígio social, mesmo que se trate de um prestígio local. Defende, ainda, ao contrário de Labov, a idéia de que as mudanças sonoras avançam mais rapidamente

old form and resist change. The effect of social-class reaction is found in the negative attitudes of the upper classes toward changes initiated in the lower strata (...)"

nas classes baixas por questões ideológicas: a classe alta resiste aos processos de mudança, pois esta é uma maneira de manter a sua fala diferenciada da fala do restante da população.

Para discutir estas duas hipóteses, vamos considerar os resultados para a variável *classes sociais*, exibidos no gráfico 2, abaixo:

Gráfico 2: A monotongação do ditongo [ei] em relação à classe social



De acordo com o gráfico acima, o padrão curvilíneo proposto por Labov (op. cit.) para explicar a origem da mudança sonora não ocorreu. Ao contrário, o gráfico confirma a hipótese de Kroch (op. cit.), indicando que a mudança se difunde primeiro na classe social mais baixa, uma vez que o grau de monotongações foi maior entre os indivíduos dessa classe, correspondendo a 83 %, contra 65% da classe média e 42%, da classe alta.

A partir das considerações feitas até agora, é possível afirmar que a aplicação da regra de monotongação no dialeto caxiense é sensível tanto a fatores lingüísticos quanto extralingüísticos. Ela constitui um índice de diferenciação diastrática e diatópica, uma vez que os falantes escolarizados se distinguem dos não-escolarizados, assim como os diferentes dialetos.

Dos fatores lingüísticos e extralingüísticos importantes no funcionamento da regra, pudemos destacar os seguintes:

a) *Linguísticos*: (1) a natureza do elemento seguinte ao ditongo [eɪ]: a monotongação só acontece antes [r], [ʃ], [ʒ], [a], [g] e [n], mas é importante observar que no mesmo ambiente algumas palavras se comportam de maneira diferente (**eixo** ~ [e]xo, **mas Seixas** ~ *S[e]xas; **manteiga** ~ mant[e]ga, **mas meigo** ~ *m[e]go; **treino** ~ tr[e]no, **mas reino** ~ *r[e]no, etc); (2) a velocidade de fala, quanto mais veloz a realização do ditongo, mais facilmente a regra de monotongação é aplicada; e (3) a tonicidade da sílaba, o maior índice de monotongos ocorre preferencialmente na sílaba tônica.

b) *Extralinguísticos*: (1) a escolaridade: os indivíduos escolarizados bloqueiam a aplicação da regra enquanto os não-escolarizados propiciam sua ocorrência (da regra); e (2) a idade dos informantes: os mais velhos aplicam mais a regra do que os mais novos, e isto se deve ao fato de serem menos escolarizados.

Com respeito à questão sobre a implementação da mudança, pudemos identificar alguns grupos de palavras cujo comportamento é contrário às explicações de natureza Neogramática. Apontamos estes casos como possíveis evidências de condicionamento lexical. Dentre estes casos, mencionamos as exceções para os contextos [ʃ], [g] e [n]: **eixo** ~ [e]xo, **mas Seixas** ~ *S[e]xas; **manteiga** ~ mant[e]ga, **mas meigo** ~ *m[e]go; **treino** ~ tr[e]no, **mas reino** ~ *r[e]no, etc.

Na comparação de alguns dialetos: Ibiacá, RS (Meneghini, 1983), Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre (Cabreira, 1996) e Rio (Paiva, 1996), é interessante constatar que o funcionamento da regra não é igual. Tomando como exemplo a tonicidade da sílaba, todos os dialetos comparados exibiram resultados distintos: para o falante caxiense, a aplicação da regra é maior em sílaba tônica; para o falante de Ibiacá, a monotongação acontece preferencialmente nas sílabas átonas; para os demais dialetos comparados, a tonicidade não demonstrou nenhuma relevância para o fenômeno em destaque. Este fato apontamos também como indício de difusão lexical, já que não poderia se encaixar numa abordagem que preconiza a mudança sonora como regular.

A análise das variáveis *velocidade de fala* e *tonicidade da sílaba* demonstrou o efeito positivo de fatores fonéticos-fonológicos na determinação do processo de monotongação, favorecendo assim a proposta Neogramática.

Em suma, apresentamos, neste trecho do trabalho, evidências a favor da interpretação Neogramática, na medida em que atestam a pertinência de fatores fonéticos; e, por outro lado, evidências que confirmam as propostas feitas na literatura sobre Difusão Lexical, ao mostrar a relevância de certos fatores lexicais. Constatamos, portanto, que estamos lidando com uma situação de ponderação de fatores, não sendo possível decidir por um modelo ou outro. Os resultados mostram uma inter-relação entre eles.

3.3. Frequência Lexical

A análise desta variável é um exercício na tentativa de verificar em que medida a frequência está relacionada com a aplicação da regra de monotongação.

A noção de frequência de uso é bastante utilizada principalmente nos estudos difusionistas na tentativa de se determinar quais são os itens lexicais primeiramente atingidos por uma mudança. Um dos primeiros trabalhos nesta linha é o de *Leslau* (1969), sobre mudanças em línguas da Etiópia. Para *Leslau* as palavras mais frequentes são as mais afetadas pelo processo de mudança fonológica⁴⁶. Já a análise de *Fidelholz* (1975) abre a possibilidade de se ter mudança em palavras infrequentes, desde que marcadas no léxico⁴⁷ com um traço de [familiaridade].

Outro trabalho de grande importância é o de *Phillips* (1984). Ela correlaciona, de maneira bastante interessante, a noção de frequência a mudanças motivadas por fatores fisiológicos e a mudanças motivadas por fatores não-fisiológicos: no primeiro caso, são

⁴⁶ Segundo Leslau (1969:181), “evidences in the various Ethiopian languages, [demonstrate] how certain phonetic changes that normally occur in the languages affect the frequently used word more than the less frequently used words.”

⁴⁷ Segundo Oliveira (1995:88), o léxico deve ser visto como um conjunto de traços que são constituídos caso a caso, nas situações concretas de interação verbal, e não como algo previamente determinado, que não pode ser alterado.

atingidas primeiro as palavras mais freqüentes; no segundo caso, são as palavras menos freqüentes que são afetadas primeiro.

Um outro estudo importante é o de *Oliveira* (1991: 102). Neste trabalho, ele chega à conclusão de que as palavras mais freqüentes não são necessariamente as mais atingidas por uma mudança⁴⁹. Sua posição é reafirmada num artigo posterior (*Oliveira*, 1997: 45), sobre o cancelamento do (r) em final de sílaba no português de Belo Horizonte.

A noção de **freqüência** que estaremos usando neste estudo é diferente daquela usada pelos autores supracitados. Eles tratam da freqüência no discurso diário do falante. Isto não foi possível investigar no presente trabalho. Entretanto, levamos em consideração o número de ocorrência do item lexical dentro do *corpus* (fator lexical), a fim de verificar o peso desta variável para o funcionamento da regra de monotongação. A nossa hipótese é deque nem sempre os itens lexicais muito freqüentes, nessa subamostra, são os mais afetados pelo processo. Supomos, por outro lado, que os itens lexicais pouco freqüentes não são necessariamente os menos atingidos.

Para o exame desta questão, dividimos as palavras do *corpus* em três conjuntos, diferenciados pelo número de ocorrências de cada item. Isso só foi possível a partir de uma segunda rodada de dados, quando as palavras já se apresentavam diferenciadas pelo número de vezes que apareciam no *corpus*. Vale ressaltar aqui que os grupos de fatores que utilizamos para esta subamostra foram os mesmos usados na análise dos dados vistos na seção 3, ou seja, contexto precedente, segmento seguinte, sonoridade do segmento seguinte, posição do ditongo I e II, tonicidade da sílaba, dimensão do item lexical, velocidade da fala, idade, escolaridade, sexo e classe social. Acrescentamos ainda o fator lexical (a palavra). No primeiro conjunto, denominado de **freqüência lexical alta**, agrupamos aqueles itens lexicais que ocorreram mais de 31 vezes. Neste bloco, estão seis palavras, a saber: *dinheiro*, *primeiro*, *feijão*, *deixar*, *peixe* e *meia*. Os resultados são os seguintes:

⁴⁹ De acordo com *Oliveira* (1991:102): "(...) hight frequency of occurrence does not seem to be an interesting factor for selecting the first victims of PR [Pretonic Raising]."

1º Bloco de palavras: **Frequência lexical alta**

	Frequência de Ocorrência do Processo (%)	Peso relativo
Dinheiro (nº= 36)	94	.80
Primeiro (nº= 37)	92	.71
Deixar (nº= 38)	82	.63
Meia (nº=34)	68	.37
Peixe (nº= 36)	56	.28
Feijão (nº= 46)	33	.11

Os números acima indicam que as palavras não têm um comportamento igual no que tange à frequência lexical alta. Alguns itens lexicais são mais afetados (por exemplo, *dinheiro* (.80), *primeiro* (.71)) do que outros (por exemplo, *feijão* (.11)). É possível notar que nem sempre as palavras que ocorrem mais na amostra de fala do informante são as mais atingidas pela regra (o que confirma nossa hipótese), como é o caso de *feijão*; apesar de possuir uma taxa elevada de ocorrência no *corpus* (46 casos), não obteve uma maior aplicação da regra (.11). Assumindo que a frequência de ocorrência na amostra reflete a frequência de ocorrência na fala cotidiana, este resultado sugeriria que a regra estaria se implementando via Difusão Lexical.

É interessante observar também o comportamento irregular das palavras *deixar* (.63) e *peixe* (.28). Apesar de terem o mesmo contexto fônico, obtiveram resultados distintos no tocante à aplicação da regra de monotongação. Esse dado parece sugerir que a regra é motivada foneticamente mas se implementa lexicalmente.

No que se refere às rodadas desse bloco de palavras, o programa selecionou como importantes somente os grupos de fatores *velocidade de fala*, o *segmento seguinte ao ditongo* e a *escolaridade*. Os demais grupos (sonoridade do segmento que segue a variante,

tonicidade da sílaba, idade, classe social, etc.) foram descartados. A **tabela 8**, abaixo, apresenta os resultados referentes a cada uma das variáveis selecionadas.

Tabela 8: Frequência lexical alta

Grupo de fatores	Fatores	Frequência	Peso Relativo
Velocidade de fala	Rápida	70/73 96%	.86
	Moderada	78/125 62%	.34
	Lenta	9/29 31%	.15
Segmento seguinte	[r]: dinheiro	68/73 93%	.85
	[j]: peixe	51/74 69%	.43
	[a]: meia	23/34 68%	.37
	[3]: feijão	15/46 33%	.11
	[n]: treino	—	—
	[g]: manteiga	—	—
Escolaridade	Não escolarizados	83/106 78%	.69
	Escolarizados	74/121 61%	.33
Total		157/227 69%	

INPUT .83

SIGNIFICANCE .000

A *velocidade de fala* se apresenta como o grupo de fatores de maior peso na determinação da regra de monotongação, tendo sido a primeira variável selecionada. Na fala rápida os falantes cancelam mais (.86) do que na fala moderada (.34) e lenta (.15).

O *segmento seguinte* indica que a monotongação é bastante alta diante de [r] (.85) e mediana nos contextos [a] (.37) e [j] (.43). No contexto [3] (.11) a monotongação é pouco expressiva. Diante de [n] e [g] a regra não se aplica, uma vez que nenhum dado ocorreu nesta posição (lembramos que palavras nestes contextos apareciam na amostra, porém nenhuma delas ocorriam neste bloco de palavras).

Quanto à variável *escolaridade*, os falantes escolarizados (.33) aplicam menos a regra de monotongação do que os falantes não-escolarizados (.69).

Vejamos agora o que acontece no segundo bloco de palavras, o de **freqüência lexical média**, no qual agrupamos os itens lexicais com ocorrência entre 11 e 31 casos. Neste grupo estão incluídas onze palavras, como segue abaixo:

2º Bloco de palavras: **Freqüência lexical média**

	Freqüência de Ocorrência do Processo (%)	Peso relativo
Leiteira (nº= 31)	97	.80
Cabeleireiro (nº= 29)	93	.74
Mamadeira (nº= 28)	93	.72
Churrasqueira (nº= 20)	90	.71
Faqueiro (nº= 22)	86	.68
Frigideira (nº= 25)	84	.61
Madeira (nº= 24)	79	.41
Manteiga (nº= 17)	59	.41
Chaleira (nº= 29)	52	.25
Teixeira (nº= 18)	28	.05
Treino (nº= 31)	23	.04

As palavras, à semelhança do conjunto anterior, apresentam diferenças de comportamento: algumas são mais atingidas pela regra (por exemplo, *leiteira* (.80)) do que outras (por exemplo, *treino* (.04)). Tais resultados também sugerem que a regra está se implementando via Difusão Lexical.

Quanto às rodadas dos grupos de fatores, este bloco de palavras se diferencia do anterior através da ordem de seleção dos fatores relevantes para a aplicação da regra. O

primeiro grupo de fatores apontado com importante foi o *segmento seguinte*, seguido pela *velocidade de fala e escolaridade*. Os demais grupos de fatores (tonicidade da sílaba, sexo, idade, etc.) foram descartados. Os resultados são apresentados na **tabela 9**, abaixo:

Tabela 9: Frequência lexical média

Grupo de fatores	Fatores	Frequência		Peso Relativo
Segmento seguinte ao ditongo	[r]: faqueiro	175/208	84%	.69
	[g]: manteiga	10/17	59%	.41
	[ʃ]: Teixeira ⁵⁰	5/18	28%	.05
	[n]: treino	7/31	23%	.04
	[ʒ]: beiju	—	—	—
	[a]: meia	—	—	—
Velocidade de fala	Rápida	64/74	86%	.75
	Moderada	124/163	76%	.56
	Lenta	9/37	24%	.05
Escolaridade	Não escolarizados	122/159	77%	.61
	Escolarizados	75/115	65%	.35
Total		197/274	72%	

INPUT .81

SIGNIFICANCE .009

O grupo de fatores *segmento seguinte ao ditongo* apresenta-se como o que mais atua na determinação da regra de monotongação, sobressaindo de forma positiva os resultados relativos a [r] (.69) e de modo intermediário os resultados para [g] (.41). A regra é pouco usada na presença dos segmentos [ʃ] (.05) e [n] (.04). É necessário, porém, ressaltar que os resultados para o segmento velar referem-se, na verdade, ao cancelamento

⁵⁰ Segundo Oliveira (1991: 104), os nomes próprios são inibidores da implementação de uma mudança. Mollica & Mattos (1992) encontraram também restrição a nomes próprios para a regra de apagamento de /d/ no contexto /-ndo/ em palavras tais como “falando”, “mundo”, “ando”, no dialeto do Rio de Janeiro.

da semivogal apenas num único item lexical, a saber: *manteiga*. Segundo Paiva (1996), trata-se de um contexto *ad hoc*, pois não envolve outros itens lexicais com o mesmo segmento, tal como: ‘meigo’. O mesmo podemos dizer com relação ao contexto [n], pois apenas uma palavra foi afetada pela regra: *treino*. Estes casos nos levam a crer mais uma vez que o cancelamento da semivogal está sendo implementado lexicalmente.

Com respeito à variável *velocidade de fala*, a regra se aplica mais na *fala rápida* (.72) do que na *fala lenta* (.05), semelhantemente ao resultado apresentado para o bloco de palavras anterior.

Com relação à variável *escolaridade*, os indivíduos não escolarizados (.61) tendem a utilizar a regra numa escala maior do que os escolarizados (.35), repetindo assim os resultados exibidos para o bloco anteriormente apresentado.

No terceiro conjunto de palavras, denominado de **frequência lexical baixa**, estão agrupadas todas as palavra com menos de onze ocorrências. Neste bloco está a maioria dos itens lexicais da amostra:

3º Bloco de palavras: **Frequência lexical baixa**

	Frequência de Ocorrência do Processo (%)	Peso relativo
Bandeirante (nº= 9)	100	-
Feira (nº= 6)	100	-
Mamadeira (nº= 6)	100	-
Cozinheiro (nº= 5)	100	-
Queiroz (nº= 5)	100	-
Terceiro (nº= 9)	89	.88
Beira (nº= 9)	56	.71
Jardineiro (nº= 5)	80	.68
Brasileiro (nº= 7)	86	.64
Fazendeiro (nº= 8)	88	.61
Pedreiro (nº= 10)	90	.50
Costureiro (nº= 8)	63	.32
Eixo (nº= 8)	63	.31
Carreira (nº= 5)	60	.29
Segunda-feira (nº= 5)	80	.26
Fruteira (nº= 10)	60	.24
Veia (nº= 9)	56	.20
Beijo (nº= 6)	67	.13
Etc.		

Este bloco nos pareceu muito intrigante quanto à aplicação da regra. Por exemplo, algumas palavras **sempre** aparecem monotongadas: é o caso de *bandeirante* (9

ocorrências), *feira* (6 ocorrências), *mamadeira* (6 ocorrências) e *cozinheiro* (5 ocorrências) enquanto outras **beiram** os 100% de ausência do glide, por exemplo, *pedreiro* (90%), *terceiro* (89%), etc. Poderíamos pensar que exemplos como estes sempre aparecem em sílabas tônicas. Contudo, isso não se sustentaria, uma vez que casos como *bandeirante* (9 ocorrências), *Queiroz* (5 ocorrências), que aparecem em sílabas átonas, sempre apresentam monotongação. Poderíamos ainda aventar a hipótese de que todos esses casos se encontram no contexto [r]. Isso realmente é verdadeiro, porém não podemos atribuir ao contexto a explicação única para o fato – uma vez que, de acordo com a tabela 10, a seguir, esse foi apenas o segundo grupo selecionado, conforme a ordem de importância. Podemos observar neste bloco, portanto, que as palavras apresentam - à maneira das mais frequentes - um comportamento também diferenciado. É possível verificar que nem sempre as palavras que ocorrem menos na fala do informante são as menos atingidas pela regra. Observe-se que no caso da palavra *cozinheiro*, apesar de ter ocorrido apenas 5 vezes na amostra obteve a máxima aplicação da regra (100%). Parece que o controle é mesmo lexical, podendo o comportamento de uma palavra variar independentemente do comportamento de outras palavras, no sentido de que algumas podem avançar mais rapidamente - incorporando uma mudança - do que outras. Mas, de qualquer forma, todos os casos categóricos acabaram sendo excluídos durante a rodada de peso relativo. Os resultados foram os seguintes:

Tabela 10: Frequência lexical baixa

Grupos de fatores	Fatores	Frequência	Peso Relativo
Velocidade da fala	Rápida	108/111 97%	.86
	Moderada	142/166 86%	.32
	Lenta	11/13 48%	.04
Segmento seguinte	[r] Ex.: pedreiro	236/260 91%	.58
	[a] Ex.: veia	11/14 79%	.38
	[ɜ] Ex.: beijo	8/13 62%	.14
	[ʃ] Ex.: eixo	6/13 46%	.04
	[g] Ex.: manteiga	—	—
	[n] Ex.: treino	—	—
Tonicidade da sílaba	Tônica	234/261 90%	.57
	Átona	27/39 69%	.14
Escolaridade	Não escolarizados	152/163 93%	.61
	Escolarizados	109/137 80%	.37
Idade	2ª Faixa etária	146/156 94%	.65
	1ª Faixa etária	115/144 80%	.34
Total		261/300 87%	

INPUT .96

SIGNIFICANCE .017

A *velocidade de fala*, como no primeiro bloco de palavras, é a variável que mais atua no processo de monotongação. A aplicação da regra é mais acentuada na fala rápida (.86) do que na fala moderada (.32) e lenta (.04).

O segundo grupo de fatores de maior peso no cancelamento do glide do ditongo [eɪ] é o *segmento seguinte*, com aplicação majoritária da regra diante de [r] (.58). A aplicação da regra decresce conforme seja o segmento seguinte [a] (.38), [ɜ] (.14) ou [ʃ] (.04.).

Os resultados obtidos para o grupo *tonicidade da sílaba* indicam uma tendência acentuadamente mais forte à monotongação quando a variante se encontra em sílaba tônica (.57) do que em sílaba átona (.14).

Quanto à variável *escolaridade*, a monotongação do ditongo [eɪ] é mais intensa entre os falantes não escolarizados (.61). Os escolarizados usam menos a forma monotongada do ditongo mencionado (.37).

Os números indicam para a variável *idade* uma tendência acentuada de os mais velhos usarem mais a regra (.65) do que os mais jovens (.34).

Ao observar os três blocos de palavras analisados, notamos que o fenômeno, embora apresente alguns indícios de difusão lexical, como, por exemplo, o comportamento irregular das palavras – algumas palavra avançam mais rapidamente no processo do que outras (veja-se, p.ex., a palavra *dinheiro* (.80), no 1º bloco; e *feira* (100%), no 3º bloco.) – exibe traços contextuais que favorecem à aplicação da regra. Por exemplo: (i) a *fala rápida* é sempre um ambiente propulsor da ocorrência de monotongos, enquanto a *fala lenta* age de maneira contrária, como inibidora. Em todos os blocos analisados este resultado se repetiu; (ii) A *tonicidade da sílaba*, embora selecionada apenas para o terceiro grupo de palavras, atuou de modo regular no sentido de as tônicas se correlacionarem positivamente com aplicação da regra, enquanto as átonas, negativamente. Estes resultados repetem os da análise apresentada na seção 3. (iii) O *segmento seguinte* foi selecionado para os três grupos de palavras, mostrando a relevância principal do contexto [r]. Não importando a frequência lexical, era sempre o ambiente em que mais se dava a aplicação da regra de monotongação. Estes fatos (i, ii, iii) nos mostram possíveis evidências de condicionamento fonético contemplado no modelo Neogramático, corroborando dessa maneira a hipótese de Labov.

Resumindo e concluindo, mostramos, nesta rápida seção, que a regra de monotongação nem sempre atinge os itens mais frequentes, assim como nem sempre deixa de afetar os itens lexicais pouco frequentes. Parece que qualquer itens lexical, independente de sua frequência, pode ser afetado pela regra. Apresentamos também evidência a favor das propostas feitas na literatura sobre Difusão Lexical, na medida em que se verificam a importância de condicionamentos lexicais como desencadeadores da mudança. Por outro

lado, exibimos ainda situações que atestam que os fatores estruturais são mais pertinentes, como preconiza o modelo Neogramático.

4. INTERPRETAÇÃO FONOLÓGICA DOS DADOS

Nesta seção a nossa preocupação fundamental volta-se para a representação fonológica do fenômeno em questão, i.e., como se poderia explicar, do ponto de vista fonológico, a monotongação do ditongo [eɪ].

Apresentamos na fundamentação teórica do presente trabalho dois modelos fonológicos de interpretação dos ditongos/monotongos, que se diferem nos seguintes pontos básicos: (1) no tipo silábico atribuído ao ditongo, e (2) no produto da monotongação.

Os dois modelos apresentados foram: o de Bisol (1989, 1994), baseado na Geometria de Traços, e o de Schane (1995), fundamentado na Fonologia de Partículas. No primeiro, a autora diferencia ditongos verdadeiros (com núcleo ramificado, portando um tempo para a vogal e outro para a semivogal, seguindo então o padrão silábico VV) e falsos (com apenas um tempo no núcleo para a vogal, e a semivogal surgindo através da bifurcação do tempo vocálico, seguindo também o padrão V(V) – pelo menos na forma de superfície). Os ditongos verdadeiros são de natureza lexical e não sofrem redução, enquanto os falsos são de natureza pós-lexical e sofrem redução. No segundo modelo, o autor diferencia ditongos portadores de glides de núcleo (com dois tempos no núcleo, um para a vogal e outro para a semivogal) e ditongos portadores de glides de coda (com apenas um tempo no núcleo para a vogal, a semivogal ocupando a coda da sílaba). Ditongos com glides vocálicos são passíveis de redução, ao passo que os ditongos com glides de coda, de modo geral, não viram monotongos.

Como dissemos acima, há duas diferenças essenciais entre estas duas abordagens: a primeira se refere ao padrão silábico do ditongo em jogo e a segunda diz respeito ao produto da monotongação. Apresentamos no quadro 5, abaixo, essas características lado a lado:

Quadro 5: Diferenças nas abordagens fonológicas de interpretação dos ditongos/monotongos

Bisol (1989, 1994)	Schane (1995)
1) Quanto ao padrão silábico <u>O ditongo invariável :</u> Tem <i>dois tempos no núcleo silábico</i>. O glide fica no <i>núcleo silábico</i>. O <i>padrão silábico</i> é VV. <u>O ditongo variável</u> Tem <i>um único tempo no núcleo</i>. O glide fica no <i>núcleo</i> por meio da bifurcação do tempo vocálico. O padrão silábico é V(V).	Tem <i>um só tempo no núcleo silábico</i>. O glide fica em <i>coda silábica</i>. O <i>padrão silábico</i> é VC. Tem <i>dois tempos no núcleo</i>. O glide fica no <i>núcleo</i> sem haver bifurcação do tempo vocálico. O padrão silábico é VV.
2) Quanto ao monotongo resultante É uma vogal <i>simples</i>. O padrão silábico é V.	É uma vogal <i>longa</i>. O padrão silábico é V:

Como já mencionamos no final da seção 2.2.2, p. 42, a opção por uma ou outra interpretação fonológica não envolve apenas uma simples escolha. Na verdade compreende análises diferentes, visto que o padrão silábico VV pressupõe uma sílaba aberta, ao passo que VC é uma sílaba travada (cf. Câmara Jr., 1982). Numa análise VV, o glide é de natureza vocálica, ocupando junto com a vogal o núcleo da sílaba, e o ditongo inteiro comuta com a vogal simples (dei, dê). Numa análise VC, o glide é de natureza consonantal, conseqüentemente fica na coda silábica. Nesse caso, os elementos [y] e [w] comutam com consoante (lei, lar/ meu, mal).

Tomando por base a análise quantitativa, notamos que as palavras com o ditongo [eɪ] parecem polarizadas. De um lado estão aquelas que nunca apresentam redução do ditongo; e de outro, aquelas que se encontram vacilantes quanto à forma. Neste sentido é válido pensar na existência real de dois tipos de ditongos [eɪ], como afirma Bisol (1889:

189), o que, com certeza, deve ser levado em conta na representação fonológica. Assim, a representação fonológica da palavra *feito*, p.ex., que nunca se reduz, não pode ser a mesma da palavras *cadeira*, que alterna com [ka'dera], sem o ditongo.

Entre os fatores selecionados pelo programa de análise estatística, chamou-nos atenção a variável *tonicidade da sílaba*. Esse grupo de fatores parece-nos importante na explicação do modelo fonológico para o ditongo em estudo. Notamos que há predominância de monotongos em posição tônica (.71). Esta sílaba é apontada na literatura (Delgado Martins, 1986, 1988; Fernandes, 1976; Moraes, 1986, 1987; Massini, 1991; Massini-Cagliari, 1992) como sendo foneticamente mais longa do que as sílabas átonas, conforme referido na seção 3.1.4, pp. 83-84. No nível fonético, segundo esta interpretação, as vogais tônicas em sílaba aberta, em Português, são mais longas do que as átonas. É como se as vogais tônicas, em sílaba aberta, tivessem um tempo a mais do que as átonas. Ora, como já mencionamos também, a sílaba com o ditongo possui, em termos de duração, no nível fonético, uma unidade temporal depois da vogal. A monotongação afeta a estrutura silábica, eliminando o elemento pós-vocálico. Se a monotongação atinge uma sílaba átona, o resultado será uma sílaba aberta com vogal breve; se, por outro lado, afeta uma sílaba tônica, o resultado será uma sílaba aberta com vogal longa⁵⁰, motivada pela preservação da unidade temporal referente ao glide. Em outras palavras, a monotongação acontece preferencialmente na sílaba tônica porque a duração da sílaba não sofre alteração, enquanto que na sílaba átona esta duração tende a ser perdida.

É possível que essas evidências fonéticas se apliquem à interpretação fonológica de Schane (1995), quando propõe o alongamento da vogal resultante do processo de monotongação em sílaba pesada, para compensar a ausência do glide vocálico.

Segundo Schane (op. cit.), os ditongos redutíveis possuem ramificação do núcleo (vogal + glide vocálico), enquanto os invariáveis têm núcleo simples, portando apenas a vogal nuclear. Usando a noção de peso silábico⁵¹, podemos dizer que os ditongos redutíveis são pesados, enquanto os invariáveis são leves. Os primeiros constituem um

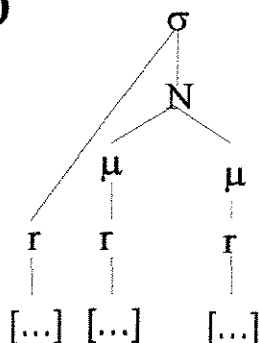
⁵⁰ Com relação a este alongamento, ficou estabelecido no capítulo anterior, p. 84, §1, que ele se restringe aos casos de monotongação do ditongo em sílaba tônica, não se aplica, portanto, para a vogal tônica.

⁵¹ Lembramos que a noção de peso silábico na Fonologia de Partícula leva em conta a ramificação, ou não, do núcleo, porque não há um nó de rima.

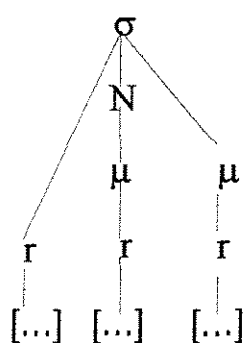
padrão silábico CVV (sílabas abertas) e os últimos, CVC (sílabas travadas), conforme a análise de Câmara Jr. (1982).

A estrutura subjacente do ditongo pesado está representada em (16); a do ditongo leve, em (17).

(16)



(17)



Exemplos:

(16)⁵² feira ['feĩ_rra ~ 'fe:ra]

peixe ['peĩ_fi ~ 'pe:fi]

beijo ['beĩ_ʒu ~ 'be:ʒu]

Exemplos:

(17) feito ['feytu]

Neide ['neydʒi]

Leila ['leyla]

O argumento básico para justificar a monotongação nos ditongos pesados, e não nos ditongos leves, é o fato de que a fusão⁵³ dos dois elementos nucleares (vogal + glide vocálico) não altera a estrutura silábica, pois o efeito da fusão é compensada através do alongamento da vogal de base, visto que o processo se dá preferencialmente nas sílabas tônicas. Conforme aludimos acima, em Português, as sílabas tônicas são foneticamente mais longas do que as átonas. O padrão silábico CVV continuará sendo o mesmo.

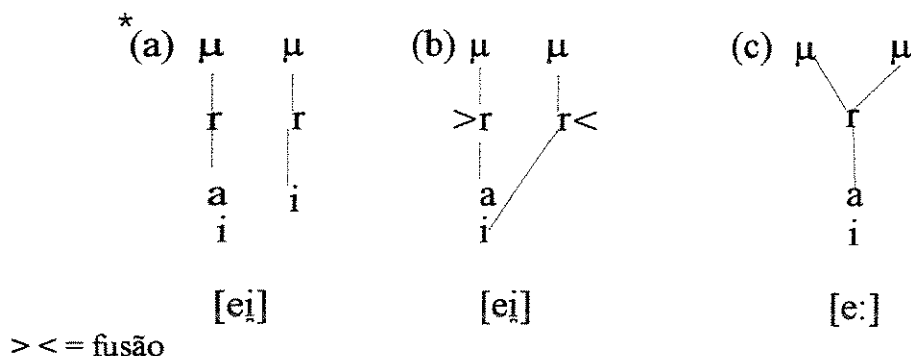
O processo de monotongação não afeta a duração da camada de tempo (μ), atinge preferencialmente a camada da raiz (r) que é controlada pelo *Princípio do Contorno Obrigatório* (OCP): < dentro do núcleo da sílaba, dois nós *r* contíguos não podem dominar ocorrências isoladas da mesma partícula >. Esta limitação pode ser vista como uma

⁵² Os símbolos [i] e [y] indicam, respectivamente, glide de núcleo e glide de coda.

⁵³ Chamamos de fusão a operação que funde dois nós de raiz em um. É o mecanismo básico da monotongação dentro do modelo da Fonologia de Partículas.

violação do OCP. Então, a fusão é a alternativa que se tem para evitar que o OCP seja violado, como ilustrado no exemplo (18), com respeito a monotongação do ditongo [ei].

(18)



A estrutura (18a) apresenta o tipo de configuração que provoca a violação do OCP. Esta transgressão ao princípio é resolvida em (18b), através da fusão dos dois nós *r*: as partículas idênticas são compartilhadas por ambos os *r* contíguos dentro do núcleo. A estrutura (18c) apresenta o resultado do processo que é a vogal longa [e:]. Este alongamento representa o *tempo* que não foi afetado pela fusão.

A monotongação nunca acontece nos ditongos leves porque nestes a estrutura silábica é alterada. A monotongação implicaria a transformação de uma sílaba travada (CVC) (Câmara Jr., op. cit.) numa sílaba aberta (CV). A unidade temporal correspondente ao glide consonantal não seria recuperada neste caso, uma vez que se encontra fora do núcleo silábico.

O comportamento desses dois tipos de ditongos, segundo a Fonologia de Partículas, reflete o fato histórico de que a fonte latina mostra que alguns ditongos evoluíram a partir da inserção de material no núcleo silábico (cadeira < *cáthēdra*), enquanto outros ditongos surgiram por vocalização de um elemento consonantal em coda silábica (leite < *lacte*). Este fato histórico é recuperado, pelo modelo em discussão, através da diferenciação fonológica de dois tipos de glides: o vocálico e o consonantal. O primeiro constitui ditongos pesados, no sentido de possuir dois elementos no núcleo, e são passíveis

de redução; e o segundo entra na formação dos ditongos leves, no sentido de possuir apenas um elemento no núcleo silábico. Estes últimos tendem a ser preservados.

Não sabemos até que ponto o fato histórico é levado em consideração pelo modelo da Fonologia de Partículas para a representação subjacente dos ditongos (veja-se (16) e (17)), pois, uma vez que a fonte latina não aponta uma posição para o glide vocálico, qual seria então a explicação para se imaginar mais um tempo no núcleo da sílaba?

Tentamos até agora pensar o processo de monotongação do ditongo [eɪ] no dialeto de Caxias de acordo com a proposta fonológica de Schane (1995). Ao fazer isto, esbarramos em dois grandes problemas: primeiro, o português do Brasil não possui no seu sistema fonológico vogais longas para que fosse possível estabelecer que o resultado da fusão seja uma vogal longa, e propor algo dessa natureza implica considerações imensuráveis, as quais fogem completamente do escopo de nosso estudo. Segundo, levando em conta que a monotongação também acontece em sílabas átonas, embora a preferência seja pelas tônicas, como poderíamos dizer que o resultado do processo seja uma vogal longa? Para resolver este tipo de problema, a proposta teria que lançar mão de mais uma representação capaz de dar conta desse tipo de redução, que resultaria num vogal simples. Isto implicaria uma sobrecarga no modelo.

Outro grupo de fatores que se mostrou altamente relevante no processo de monotongação do ditongo [eɪ] foi o *segmento seguinte*. O cancelamento do glide ocorre, em geral, antes de [r], [a], [ʃ] e [ʒ]. O que poderia nos assegurar, com respeito ainda a proposta da Fonologia de Partículas, de que a redução do ditongo tem a ver com o número de moras, mais do que com o segmento seguinte? Os nossos dados indicam que o *segmento seguinte* possui um valor superior ao da *tonicidade da sílaba*, como se encaixaria isto do ponto de vista da teoria?

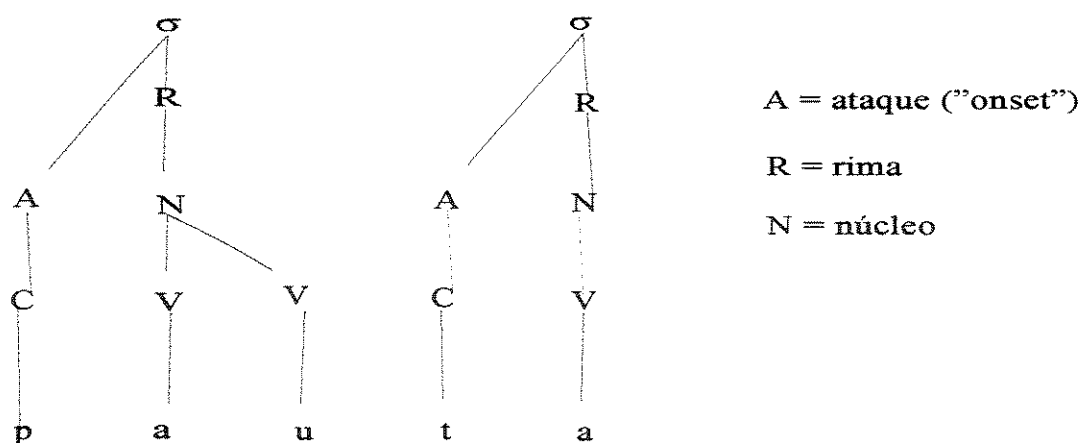
Com base nas questões que ficam em aberto, não sabemos dizer em que medida esta proposta é viável para explicar o fenômeno aqui em discussão. Necessitaríamos de uma investigação mais detalhada, propondo inclusive algumas alterações no próprio modelo.

A proposta de Bisol (1989, 1994), baseada na Fonologia de Traços (cf. Clements, 1985, 1991), toma como ponto de partida para a representação dos ditongos a estrutura silábica. Para a autora, existem ditongos do tipo biposicionais (como em (19)), e ditongos de uma só posição no esqueleto prosódico (como em (20)). Os primeiros são gerados no léxico e, portanto, não se reduzem. São também chamados ditongos fonológicos (ou invariáveis). Constituem sílabas pesadas, com núcleo ramificado em duas vogais. Os últimos, por outro lado, são de natureza pós-lexical e, portanto, passíveis de redução. São também chamados de ditongos fonéticos (ou variáveis). Constituem sílabas leves, com uma posição apenas para a vogal.

As estruturas subjacentes dos ditongos pesados e leves são mostradas, respectivamente, nos exemplos (19) e (20).

(19) Estrutura subjacente do ditongo fonológico

/pauta/



(Bisol, 1994:125)

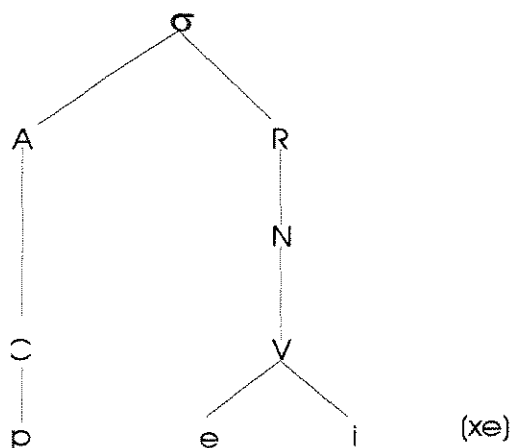
Exemplos:

pauta ['pawta]

reino ['reynu]

(20) Estrutura subjacente do ditongo fonético

/peixe/



(Bisol, 1994: 132)

Exemplos:

peixe ['peyši ~ 'peši]

feira ['feyřa ~ 'fera]

Segundo esta proposta, o ditongo fonológico possui duas vogais na subjacência, a segunda das quais torna-se glide por silabação.

Seja a silabação entendida como regra que se aplique no início da derivação ou admita que a palavra já entre na derivação silabada, temos na primeira sílaba de (19) um núcleo ramificado. Por regra universal, conforme Bisol (op. cit), a vogal alta dessa configuração manifesta-se foneticamente como glide. Este tipo de ditongo forma pares mínimos com a vogal simples, como mostrado em (21).

(21) lei ['ley]

le ['le]

O ditongo fonético, por sua vez, ocupa uma só posição no nível CV, também chamado prosódico ou esqueleto. O glide se forma por processos assimilatórios, no nível pós-lexical, gerando uma espécie de ramificação do tempo vocálico de base, como apresentado em (20). Este tipo de ditongo, também chamado de falso ditongo, não forma pares mínimos com a vogal simples (veja-se (22)).

(22) beira ['beyřa ~ 'beřa]

eixo ['eyřu ~ 'eřu]

O comportamento desses dois tipos de ditongos reflete, assim como na análise de Schane, vista anteriormente, o fato histórico de que a fonte latina do ditongo antes de palatal não mostra posição para o glide, enquanto o faz no caso do ditongo fonológico, também chamado de verdadeiro ditongo. Neste último caso, “o glide aparece por substituição ou apagamento de uma consoante (...) (reitor < rector)” (Bisol, 1989:192).

Contrariamente à hipótese de Schane, os ditongos pesados não se monotongam, enquanto os ditongos leves, monotongam-se.

Para Bisol, os ditongos fonológicos e fonéticos (ou pesados e leves, respectivamente) aparecem em contextos específicos de fala. Ou seja, diante de uma consoante palatal ou de uma vibrante simples, o ditongo que aí se manifesta é fonético. Diante de outros contextos, é verificada a presença do ditongo fonológico.

Estas evidências parecem estar de acordo com o levantamento estatístico que fizemos, tomando como base os dados do dialeto caxiense. Vamos rever como a análise foi feita.

Dividimos os dados em dois grandes arquivos: os variáveis e os categóricos de não-aplicação da regra de monotongação. No primeiro arquivo foram analisadas todas as palavras que, na pronúncia do falante, se apresentavam vacilantes quanto à forma: ora com ditongo nitidamente expresso, ora sem o ditongo. No outro arquivo, as palavras que se apresentavam sempre com o ditongo. Com esta estratégia, pudemos destacar “seis” contextos em que as palavras mudavam constantemente de forma, a saber: diante de [r],

[ʃ], [ʒ], [a], [g] e [n]. Fora destes contextos, o ditongo se apresentava claramente na pronúncia dos falantes caxiense. Vale dizer, porém, que nos contextos [g] e [n] apenas duas palavras tiveram pronúncia variável: *manteiga* [mã'teiga ~ mã'tega] e *treino* [ˈtreĩnʊ ~ ˈtrẽnʊ], respectivamente. Outras palavras, tipo *meigo* > *[ˈmegʊ] e *reino* > *[ˈrẽnʊ], não se monotongaram.

Dentro do arquivo categórico de não-aplicação da regra, vale ressaltar, também, que tivemos a ocorrência da palavra *Seixas*, sem apresentar redução. Este caso nos intrigou porque era esperado que este tipo de palavra não ocorresse para os dados categóricos sem redução, uma vez que, segunda a proposta de Bisol, esta palavra possui o contexto de palatal próprio para a monotongação. Conforme a análise de variação, chegamos à conclusão de que se tratava de um nome próprio. E os nomes próprios são resistentes a determinados processos fonológicos (cf. Oliveira, 1981). Não saberíamos dizer, no entanto, em que medida essa característica do ditongo interfere na sua representação fonológica.

Voltando aos dados variáveis e aos seus respectivos contextos, o modelo de análise dos ditongos/monotongos, de acordo com Bisol, tenta dar conta do processo antes de [ʃ], [ʒ] e [r], como segue:

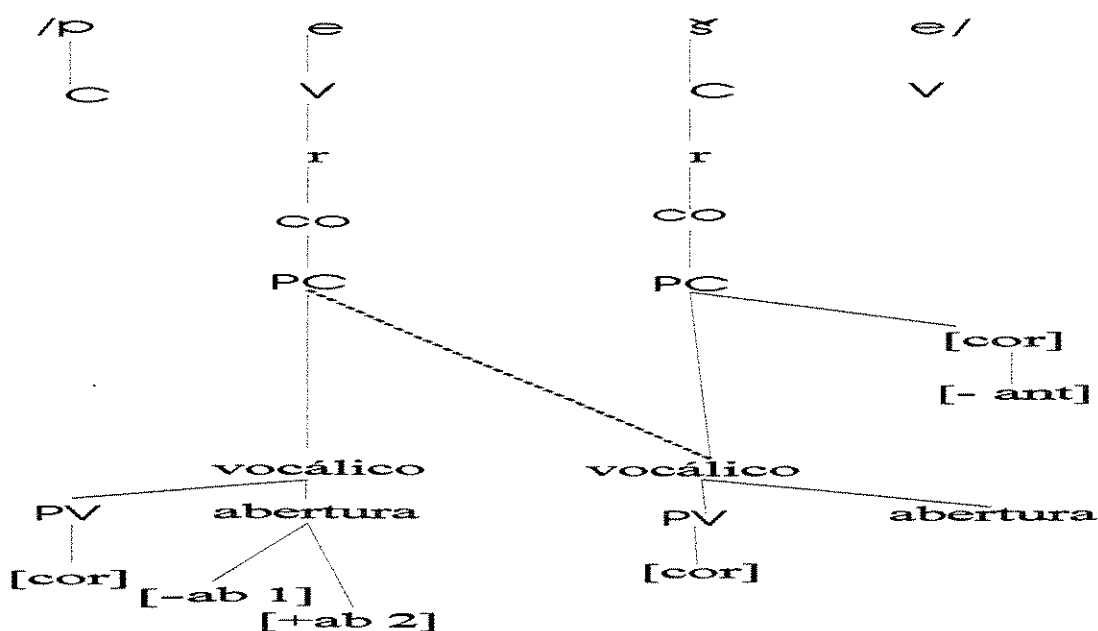
1. Antes das palatais [ʃ, ʒ]

- (23) deixar [deyʃar ~ dešár]
 eixo [éyʃu ~ éšú]
 queixar [keyʃar ~ kešár]
 beijo [beyʃu ~ bežu]

Como vimos nos exemplos acima, diante dos segmentos [ʃ] e [ʒ] o ditongo [eɪ] alterna com a vogal simples [e] sem prejuízo do sentido. É, dessa forma, um ditongo fonético. Essa é a evidência forte de que na forma subjacente destes ditongos em (23) não

existe a vogal alta responsável pelo glide (Bisol, 1994: 127). Cria-se o glide por um processo assimilatório que consiste no espraçamento do traço vocálico coronal da palatal, como mostrado em (24).

(24) Espraçamento e epêntese



(Bisol, 1994: 130)

Segundo o modelo, todo processo de assimilação consiste em espraçamento de traços. Nesse sentido, o “nó *vocálico* que domina o [coronal] e abertura espraia para a esquerda, levando consigo os dominados, e como um legítimo processo de assimilação, cria um segmento. Eis aí a origem do glide” (op. cit., p. 129). Por se tratar de um glide derivado, o ditongo que surge, por oposição a (19), é também derivado.

Em resumo, a Teoria nos oferece uma explicação razoável para os ditongos/monotongos diante de palatal. Na verdade, esses ditongos não existem (falsos ditongos; Bisol, op. cit., p. 132), aparecem por uma particular instância do processo de assimilação de traços da consoante palatal seguinte. Mas como se explicaria a redução do

ditongo [eɪ] em *beiju* [beɪ'ʒu ~ be'ʒu]⁵⁴? Não poderíamos dizer que seja um ditongo derivado, pois na subjacência existe o glide, como pode ser percebido através da fonte histórica: *beiju* < tupi *mbeijú*. Que tipo de análise o modelo pode nos oferecer? Há restrições quanto à procedência de uma palavra? Como isso se encaixaria na proposta? Até que ponto as informações etimológicas são relevantes para o modelo?

Passemos a análise do contexto tepe ou da vibrante simples.

2. O contexto tepe ou da vibrante simples [ř]

(25) Das relações:

a. **-a'rio – 'eiro**: primário, primeiro [pri'mařiu, pri'meyřu ~ pri'meřu]

b. **-a'ria, -'eiro**: padeiro [pada'řia, pa'deyřu ~ pa'deru]

c. **Sufixos nominais, sem as relações acima**: carta, carteiro ['karta, kar'teyřu ~ ker'teřu]

d. **Em qualquer ambiente**: feira ['feyřa ~ 'feřa], beira ['beyřa ~ 'beřa]

De acordo com Bisol (1989:193), a análise completa desses dados não está totalmente esclarecida. A autora apresenta duas possíveis explicações para estes casos. A primeira baseada na hipótese de metátese; e a segunda, na noção de escala de sonoridade. Segundo ela, ambos os tratamentos sugerem que o ditongo não existe na estrutura subjacente.

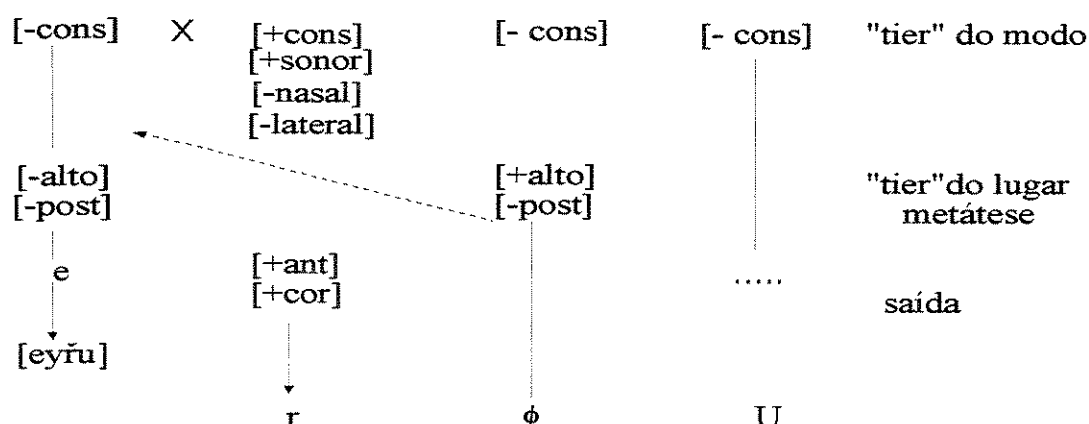
Primeira hipótese: *Metátese*

De acordo com a proposta, a presença de pares /a, ey/ mostrada em (25a), *primário* vs. *primeiro*, tomando como referência o primeiro deles, expõe uma relação de metátese. Nesta associação a vogal /a/ alterna com /ey/ na derivação. A explicação para isto é a seguinte:

⁵⁴ *Beiju* (tupi *mbeijú*). Bolo feito de massa de tapioca ou de mandioca muito fina. Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, Antenor Nascentes (1932).

“A vogal alta do sufixo /-ario/ é desligada de sua posição para ser associada à vogal da rima precedente. No ponto da derivação em que a regra ocorre, isto é, em que a vogal /i/ é associada à sílaba precedente, a sonorante R é uma consoante não plenamente especificada. Então o processo de espraimento, que também converte /a/ em /e/, não viola uma das condições básicas da fonologia auto-segmental: *linhas de associação não podem cruzar* (Goldsmith, 1976)”, como ilustrado em (26).

(26)



O segmento -R é especificado pela regra “default”⁵⁵, de aplicação tardia:

(27) Regra “default”



⁵⁵ A respeito da regra “default”, relacionada com segmentos não plenamente especificados, veja-se Kiparsky (1982), Archangeli (1984), Pulleyblank (1986).

De acordo com Bisol (op. cit.), “Se a associação da vogal /i/ com a primeira rima não ocorrer, essa vogal permanecerá, no decorrer da derivação, um auto-segmento flutuante e será apagado pelos princípios da teoria, resultando /-ero/, a outra face da alternância” (p. 195).

As alternâncias que ocorrem em palavras não derivadas (25d), incluindo raiz ou radical, podem ser explicadas por processos análogos, via metátese. O problema deste tipo de análise, conforme a própria autora destaca, provém da teoria morfológica. “Os dois morfemas *-ario* e *-eiro*, embora relacionados pelo sentido, carregam certas diferenças de significado.” (195-6) A pergunta, então, é se eles têm entradas lexicais separadas ou se possuem uma ligação sincrônica na derivação.

A outra alternativa de explicação para a alternância do ditongo [eɪ] antes de tepe é dada através do princípio da sonoridade ou escala de sonoridade, conforme veremos a seguir.

Segunda hipótese: *A escala de sonoridade*

Na escala de sonoridade, as líquidas são a categoria mais próxima das vogais e parecem possuir características vocálicas. Levando em conta a hierarquia dos segmentos, definida por traços binários, há um espaço vazio entre a vogal e a líquida R (tepe), que pode ser ocupado por um glide, como exemplificado em (28).

(28)

e	(y)	r	o	
+	-	-	-	silábico
+	+	-	+	vocóide
+	+	+	+	aproximante
+	+	+	+	sonorante

Segundo Bisol (op. cit.), “duas sílabas vizinhas, que estão separadas por um único valor na escala de sonoridade, podem ser ligadas por meio do preenchimento desse vazio, fazendo-se presente o glide. Da mesma forma que no caso da palatal, na estrutura subjacente, existe apenas *uma vogal* [grifo da autora]. O glide só vai aparecer no “tier” melódico, quando os traços dos segmentos são incorporados ao item lexical” (p. 196). Contudo, conforme a autora ainda, não fica claro se a escala de sonoridade *per si* motiva o glide. Pode haver outros fatores.

Os nossos dados apresentam um alto índice de monotongação no contexto tepe, conforme podemos ver abaixo:

	Frequência	Peso relativo
[r]: feira	479/541 89%	.85

Este resultado nos permite inferir, em suporte a teoria aqui empregada, que o glide desse ditongo é leve. É possível que essa alternância *vogal ~ ditongo* seja em decorrência do fato de que, na subjacência, o falante não tem o ditongo, mas apenas a vogal. Porém, afirmar que o glide surge por espraçamento, como manda a escala da sonoridade, é questionável. Se assim fosse, por que não se formou um ditongo antes de [r] na palavra *cera*, por exemplo? Afinal, a qualidade desse item lexical parece a mesma das palavras *beira*, *feira*, *primeiro*, todas com ditongo. Em suma, a falta de evidência que dê apoio a este tipo de explicação leva-nos a duvidar desse tipo de análise.

A redução do ditongo [eɪ] antes de [n], [g] e da vogal baixa central [a] não recebe nenhum tratamento neste modelo. Talvez por se tratar, no caso dos contextos [n] e [g], de palavra isoladas, como já mencionamos. Porém, antes de [a] não poderíamos dizer o mesmo, pois se trata de um grupo de palavras, no qual as mais comuns são: *veia*, *teia*, *ceia*, *meia*, *semeia(r)*, *gorjeia(r)*, *cheia*, *feia*, etc. Que análise poderíamos fazer desse conjunto de itens? Serão ditongos fonológicos ou fonéticos, segundo os padrões desta proposta? Se fonéticos, como se explicaria o glide na estrutura subjacente? Afinal, estes ditongos, do ponto de vista diacrônico, aparecem por inserção depois da queda de uma consoante em posição de ataque (veja-se (29)). Não teríamos aí, já prescrita, duas posições no esqueleto

prosódico, e por isso constituiriam ditongos fonológicos? E por que monotongaram? Ou, ainda, até que ponto devemos levar em conta o fator histórico empregado pelo modelo para sustentar a representação dos ditongos/monotongos?

“Ainda poderíamos aventar, em suporte à hipótese aqui defendida, que tais palavras, do ponto de vista diacrônico [grifo nosso], possuem apenas uma vogal na forma de origem, surgindo o ditongo no processo derivacional. Assim como se formou a palatal, uma consoante derivada: peixe < piscis (...). ” (Bisol, 1994: 127)

- (29) ceia < lat. *cēna* > *cea* > *ceia*
 veia < lat. *vena* > *vea* > *veia*
 teia < lat. *tēla* > *tea* > *teia*

Era nosso propósito nesta seção saber que modelo fonológico poderíamos lançar mão para explicar a redução do ditongo focalizado. Examinamos duas propostas: a de Bisol (1989, 1994), firmada na Geometria de Traços; e a de Schane (1995), baseada na Fonologia de Partículas. Pudemos notar que as duas vias de análise apresentam acertos, mas deixam lacunas também.

A análise que Bisol oferece é válida porque destaca o papel significativo do contexto seguinte para a aplicação da regra. Porém não explica as monotongações diante da vogal [a] e dos contextos [n] e [g]. O modelo trata apenas da redução do ditongo antes de palatais e de vibrante simples.

A interpretação apresentada por Schane parece-nos muito interessante porque tenta recuperar a noção de peso silábico⁵⁶, uma vez que as sílabas tônica são as mais

⁵⁶ Há vários trabalhos realizados sobre a sensibilidade (ou a insensibilidade) do Português do Brasil ao peso silábico, entre eles, podemos citar: Massini-Cagliari (1995), Wetzels (1992), os quais afirmam que o Português é sensível ao peso da sílaba, e Silva (1992), Lee (1995), para quem o Português é insensível ao peso da sílaba.

afetadas pelo processo. Porém, deixa sem explicação a formação de vogais longas. Ora, no Português não temos vogais longas no nível fonológico.

Diante disso, chegamos à conclusão de que a escolha de uma proposta ou de outra merece uma investigação mais aprofundada, que leve em conta critérios de alterações nas duas vias de análises.

5. CONCLUSÃO

Neste trabalho, estudamos a alternância entre o ditongo decrescente oral [eɪ] e a vogal fechada [e] na fala de informantes caxienses (MA). Buscamos identificar quais fatores, lingüísticos e sociais, estavam associados ao fenômeno; buscamos também evidências sobre o modo como a regra estava sendo implementada na comunidade em foco: se via difusão lexical ou através de regras, tipo Neogramáticas. Procuramos ainda saber qual seria o modelo fonológico mais apropriado para dar conta do processo em questão.

Os resultados, nesta análise, conduziram-nos às seguintes conclusões:

5.1. Conclusões gerais:

Dentre os fatores que interferem no processo de monotongação do ditongo [eɪ] no dialeto em estudo, pela ordem de importância, estão: o segmento seguinte ([r], [ʒ], [ʃ], [a], [g] e [n]), a velocidade de fala, escolaridade, a tonicidade da sílaba e a idade dos informantes.

Com relação à implementação da mudança, os resultados para os grupos de fatores não são conclusivos: ora fornecendo evidências à favor de uma hipótese, ora de outra. Considere-se, por exemplo, a variável *contexto seguinte*: o tepe parece um contexto altamente favorecedor da monotongação, o que constituiria indício de mudança Neogramática; já outros segmentos, por exemplo [g] e [n], não exibem essa regularidade: [g] só se aplica à palavra *manteiga*; [n], somente para *treino*. Temos palavras que, embora no mesmo contexto, ora se monotongam, ora não, como podemos observar nos exemplos a seguir: *eixo* ~ [e]xo, *mas Seixas* ~ *S[e]xas; *manteiga* ~ mant[e]ga, *mas meigo* ~ *m[e]go; *treino* ~ tr[e]no, *mas reino* ~ *r[e]no, etc). Tal comportamento sugeriria que se trate de implementação pelo modelo de Difusão Lexical⁵⁷.

⁵⁷ Considere-se, no entanto, Labov (1981, 1994) para quem tais ocorrências poderiam ser tratadas como exceções do modelo Neogramático.

Quanto ao modelo fonológico, a situação também é controversa. As propostas tratadas aqui apresentam alguns problemas, não obstante as contribuições. A proposta de Bisol (1989, 1994) considera o processo de monotongação como um fenômeno de assimilação de traços da consoante seguinte, no nível pós-vocálico. O modelo destaca a importância do contexto seguinte para a aplicação da regra, restringindo-se, porém, aos contextos de palatais e de tepe. Os demais ambientes ([n], [g] e [a]) são negligenciados. A explicação, em relação ao contexto tepe, é bastante questionável, pois não se sabe se, de fato, existe uma assimilação de traços via *escala de sonoridade*, ou se existe uma *metátese*. Esta última possibilidade é mais aceitável, tendo em vista alguns dados diacrônicos apresentados.

A proposta defendida por Schane (1995), com base na Fonologia de Partículas, considera o processo como sendo a fusão de partículas idênticas na mesma camada melódica, resultante da violação do OCP. Destaca a importância significativa do peso silábico: a monotongação se dá preferencialmente nas sílabas de maior duração silábica, visto que nelas não há alteração da estrutura silábica. O peso da sílaba é compensado pelo alongamento natural da vogal de base. O problema desse tipo de análise é a formação de vogais longas. O português do Brasil não possui vogais longas no seu sistema fonológico. Outro problema notado é que a teoria não explicita se a monotongação tem a ver com o peso do núcleo silábico (número de moras no núcleo), mais do que com o segmento seguinte. Pelo levantamento estatístico que fizemos, parece que o segmento seguinte tem um papel decisivo no processo, uma vez que foi o primeiro grupo de fatores a ser selecionado, enquanto a tonicidade foi apenas o quarto.

5.2. Conclusões específicas:

O cancelamento da semivogal no ditongo [eɪ] no dialeto em pauta constitui indício de diferenciação diastrática, sinalizando a distinção entre falantes escolarizados e não-escolarizados. Constitui igualmente indício de diferenciação diatópica. Notamos que os grupos de fatores que se correlacionam com o funcionamento da regra em Caxias não são

os mesmos que atuam no demais dialetos (Meneghini, 1983; Paiva, 1996; Cabreira, 1996; Mollica, 1998).

Os resultados para o grupo de fatores *segmento seguinte* revelam que a montongação do ditongo [eɪ] está bastante avançada nos contextos [r] e [a] e pouco difundida diante de [n] e [ʒ].

Quanto à variável *velocidade de fala*, os resultados mostram que o segmento semivocálico é mais facilmente perdido nas seqüências de fala produzidas mais rapidamente.

Os resultados para a variável *escolaridade* revelam que os falantes escolarizados aplicam menos a monotongação, deixando entrever o papel da escola como refreadora da aplicação da regra.

Os resultados para a variável *tonicidade da sílaba* indicam que o glide é mais apagado nas sílabas tônicas do que nas átonas.

Com relação à variável *idade*, os resultados mostram que os falantes mais velhos aplicam mais a regra do que os mais jovens. Tais resultados parecem ser frutos da correlação com o grau de instrução.

No tocante à variável *gênero-sexo*, não há diferenças significativas entre o comportamento de homens e mulheres.

Por fim, os resultados para a variável *classes sociais* não permitem traçar o padrão curvilíneo, proposto por Labov (1966, 1980). Os falantes de classe baixa são os que mais usam a forma monotongada do ditongo [eɪ], exatamente como preconiza Kroch (1978).

ABSTRACT

This study discusses the monophthongization of the diphthong [eɪ̯] to [e] in the portuguese language spoken in Caxias, a city in Maranhão, in the light of the Variation Theory (cf. Labov, 1972, 1994; Sankoff, G., 1982; Sankoff, D., 1988; Tarallo, 1994a; Chambers, 1995; Mollica, 1998; Callou et alii, 1998), and of the recent proposals of phonological interpretation of the monophthongization made by Bisol (1989, 1994) and Schane (1995).

We seek to answer the following questions in this work: (1) which factors – linguistic and extralinguistic – are correlated with the application of the monophthongization rule? (2) how is the phenomenon being implemented: through lexical diffusion or through a regular way, in the neogrammatical spirit?, and (3) which phonological model would best treat that phenomenon?

In agreement with Labov (1981, 1994), the monophthongization is a phenomenon of sound change that is implemented according to Neogrammatical rules, that is, it is strictly associated with phonetic factors; he defends the hypothesis that the change affects the segment of the word. Oliveira (1991, 1992, 1995, 1997), on the other hand, states that all sound changes are implemented through lexical diffusion, affecting the lexical item, not just part of it. Concerning the implementation the diphthong [eɪ̯] monophthongization in the Caxias dialect, it is not possible to decide since it has characteristics that simultaneously sustain both proposals.

Other works that examine the process, which specifically treat the description of the phenomenon (Paiva, 1996; Mollica, 1998), state that it is specifically motivated by structural factors, without any diastatic variation. The present work shows that structural factors aren't the main determiners of the application of the glide deletion rule; social and lexical factors are also important to the explanation of the monophthongization of the diphthong [eɪ̯]. It also shows that the rule presents diastatic differentiation, and it many have restrictions concerning the standard modality vs. the non-standard modality.

The phonological model that accounts for the phenomenon it is still very obscure. We noticed that Bisol (1989, 1994)'s interpretation of the monophthongization accounts for the reduction of the diphthong in focus before palatal, but the explanation given to phenomenon before tap or simple vibrant is questionable. Regarding the monophthongization of the diphthong [eɪ] before the vowel [a] (e.g. *meia*), nothing is mentioned by the proposal. The Particle Phonology, according to Schane (1995), doesn't make clear if the phenomenon is *per se* determined by the syllabic duration or by the following segment.

KEY WORDS: Linguistic Variations, Portuguese Language, Phonology, Sociolinguistics.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE, M. B. *Phonostylistic aspects of a brazilian portuguese dialect: implications for syllable structure constraints*. Doctoral dissertation, Buffalo: University of New York, 1979.
- _____. O status teórico dos “tempos” (velocidade) de pronúncia na Fonologia Gerativa Natural. *I Encontro Nacional de Linguística* (Conferências). Rio de Janeiro: PUC-RJ, 1976.
- ARCHANGELI, D. An overview of the theory of lexical phonology and morphology. In: SPEAS, M. & SPROAT, R. (eds.). *MIT Working Papers in Linguistics*, Cambridge, MA, vol. 7, pp. 1-14, 1984.
- BISOL, L. Ditongos derivados. *D.E.L.T.A.* vol. 10, nº especial, pp. 123-140, 1994.
- _____. O ditongo em Português. *ABRALIN*, nº 11, pp. 51-58, junho, 1991.
- _____. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. *D.E.L.T.A.* v.5, nº 2, pp. 185-224, 1989.
- BYNON, Theodora. *Historical linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- CABREIRA, Sílvio Henrique. *A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 1996.
- CALLOU, Dinah et alii. Apagamento do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real. *D.E.L.T.A.*, VOL. 14, Nº especial, pp. 61-72, 1998.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1982.

_____. *Problemas de lingüística descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1981.

_____. *História e estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CHAMBER, J. K. *Sociolinguistic theory: linguistic variation and its social significance*. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1995.

CHAMBERS & TRUDGILL, P. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

CHEN, M. & WANG, W. S-Y. Sound change: actuation and implementation. *Language*. Vol. 51, n. 2, pp. 255-281, 1975.

CHEN, Matthew . *The time dimension: contribution towards a theory of sound change*. In Wang (ed.), pp. 197-251, 1977.

CHOMSKY, Noam & HALLE, Morris. *The sound pattern of English*. New York: Harper and Row, 1968.

CLEMENTS, G. N. Place of articulation in consonants and vowels: a unified theory. *Working papers of the Cornell Phonetics Laboratory*, vol. 5, pp. 78-115, 1991.

_____. The Geometry of Phonological Features. *Phonology Yearbook 2*, pp. 225-252, 1985.

COLLISCHONN, Gisela. A sílaba em Português. In: BISOL, Leda (org.). *Introdução a estudos de fonologia do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. pp. 95-126.

DELGADO MARTINS, M. R. *Ouvir falar – Introdução à fonética do português*. Lisboa: Editorial Caminho, 1988.

_____. *Sept études sur la perception*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986.

FERNANDES, Norma. *Contribuições para uma análise instrumental da acentuação e da intonação do português*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 1976.

FIDELHOLTZ, James. Word frequency and vowel reduction in English. *CLS 11*, pp. 200-213, 1975.

GOLDSMITH, J. *Autosegmental phonology*. Indiana University: Linguistic Club, 1976.

KIPARSKY, P. Lexical morphology and phonology. In: YANG, I. S. (org.). *Linguistic in the morning calm*. Seoul: Hansin, 1982.

_____. Some consequences of lexical phonology. *Phonology yearbook 2*, pp. 85-138, 1985.

KHRISHNAMURTI, B. Areal and lexical diffusion of sound change. *Language*. Vol. 54, n. 1, pp. 1-20, 1978.

KROCH, Anthony S. Toward a theory of social dialect variation. *Language & society*, n. 7, pp. 7-36, 1978.

LABOV, William. *Principles of linguistic change: Internal factors*. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.

_____. Resolving the neogrammarian controversy. *Language*, Journal of the linguistic society of america, vol. 57, n° 2, pp. 267-308, june, 1981.

_____. The social origins of sound change. In: LABOV, W. (ed.). *Locating language in time and space*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1980. p. 251-265.

_____. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. *The social stratification of English in New York City*. Washington: Center of Applied Linguistics, 1966.

- LEE, Seung-Hwa. *Morfologia e fonologia lexical do português*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 1995.
- _____. Fonologia lexical do Português. In: ABAURRE, M. B. & WETZELS, W. L. (orgs.). *Cadernos de estudos lingüísticos*. Campinas, nº 23, pp. 103-120, jul./dez., 1992.
- LEMLE, Miriam. Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa. *Lingüística e ensino do vernáculo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 53/54:60-94, abr/set., 1978.
- LEROY, Maurice. *As grandes correntes da lingüística histórica*. São Paulo: Editora Cultrix, 1967.
- LESLAU, Wolf. Frequency as determinant of linguistic change in the Ethiopian languages. *Word* 25, pp. 180-189, 1969.
- LI, Paul Jen-Kuei. Linguistic variations of different age groups in the Atayalic dialects. *The Tsing Hua Journal of Chinese Studies*, new series, 14: 167-191.
- MACHADO, João Pedro. *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*. Vol. II, 1ª ed., Lisboa: Editorial Confluência, 1959 [1952].
- MASSINI-CAGLIARI, Gladis. *Acento e ritmo*. São Paulo: Contexto, 1992.
- MASSINI, Gladis. *A duração no estudo do acento e do ritmo do português*. Dissertação de mestrado. Campinas: UNICAMP, 1991.
- MCMAHON, April M. S. *Understanding language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- MELO, Gladstone Chave de. *A língua do Brasil*. 4ª edição, Rio de Janeiro: Padrão, 1981.
- MENEGHINI, F. *O fenômeno da monotongação em Ibiáça, Rio Grande do Sul*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 1983.

MOHANAN, K. P. *The theory of lexical phonology*, Reidel: Dordrecht, 1986.

_____. *Lexical Phonology*, Ph. D. Dissertation, MIT, 1982.

MOLLICA, M. C. *Influência da fala na alfabetização*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.

_____. (org.). *Introdução à sociolinguística variacionista*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.

MOLLICA, M. C. & MATTOS, P. B. de. Pela conjugação das abordagens variacionista e difusionista. *Revista de estudos da linguagem*, ano 1, v. 1, 53-64, jul./dez., 1992.

MORAES, João A. de & LEITE, Yonne F. Ritmo e velocidade da fala na estratégia do discurso: uma proposta de trabalho. In: ILARI, Rodolfo (org.). *Gramática do português falado*. Vol. II: níveis de análises linguística. 2ª ed., Campinas (SP): Editora da UNICAMP, pp. 65-77, 1993.

MORAES, J. A & WETZELS, W. Leo. Sobre a duração dos segmentos nasais e nasalizados em português: Um exercício de fonologia experimental. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, nº 23, pp. 153-166, jul./dez., 1992.

MORAES, J. Antonio de. Correts acoustiques de l'accent de mot en portugais brésilien. *Proceedings of the XI International Congress of Phonetic Sciences*. Vol. 3, pp. 313-316, Tallin, Estonia, URSS, 1987.

_____. *Acentuação lexical e acentuação frasal em português: um estudo acústico-perceptivo*. Comunicação apresentada no II Encontro Nacional de Fonética e Fonologia. Brasília, 1986.

MOTA, Jacyra. Variação entre *ei* e *e* em Sergipe. *Estudos* (5), pp. 119-127, dez., 1986.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1932.

- OLIVEIRA, M. A. Reanalizando o processo de cancelamento do (r) em final de sílaba. *Revista de estudos da linguagem*, Belo Horizonte, vol. 6, nº 2, pp. 31-58, jul./dez., 1997.
- _____. O léxico como controlador de mudanças sonoras. *Revista de estudos da linguagem*, Belo Horizonte: ano 4, v. 1, pp. 75-92, jan./jun., 1995.
- _____. Aspectos da difusão lexical. *Revista de estudos da linguagem*, ano 1, v. 1, pp. 31-41, jul./dez., 1992.
- _____. The neogrammarian controversy revisited. *International journal of the sociology of language*. Berlin: v. 98, pp. 93-105, 1991.
- OSTHOFF, H. & BRUGMANN, K. *Morphologische untersuchungen auf dem gebiete der indogermanischen sprachen I*, 1878. Trad. In: LEHMANN, W.P. *A reader in nineteenth-century historical Indo-European linguistics*. Bloomington and London: Indian University Press, 1967, pp. 197-209.
- PAES, Elpidio F. *Alguns aspectos da fonética Sul-riograndense*. Porto Alegre: Globo, 1938.
- PAIVA, Maria da Conceição A. A supressão das semivogais nos ditongos decrescentes. In: SHERRE, Maria M. P. et al. (Org.) *Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Lingüística e Filologia, UFRJ, 1996. pp. 218-236.
- PHILLIPS, B. S. Word frequency and the actuation of sound change. *Language*, v. 60, n. 2, pp. 320-342, junho, 1984.
- PULLEYBLANK, D. Underspecification and low vowel harmony in OKPE. *Studies in Africa Linguistics*, 1986.
- SANKOFF, David. *Variable rule*. Montréal: Université de Montréal, Centre de Recherches Mathématique, 1988.

- SANKOFF, Gillian. *The social life of language*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1982.
- SCHANE, Sanford. Diphthongization in Particle Phonology. In: Goldsmith, J. (Org.). *The Handbook of Phonological Theory*. London: Brasil Blackwell Ltda, 1995. pp. 586-608.
- _____. Diphthongs and monophthongs in Early Romance. In: C. Kirschner and J. DeCesaris (eds.). *Current studies in Romance linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1989. pp. 365-376.
- _____. The fundamentals of particle phonology. *Phonology 1*. Cambridge, MA: MIT Press, 1984. pp. 129-155.
- SHEN, Zhongwei. Lexical diffusion: a populational perspective and a mathematical model. *Jornal of chinese linguistics*. Vol. 18, pp. 159-201, 1990.
- SHERMAN, Donald. Noun-verb stress alternation: na example of the lexical diffusion of sound change in English. *Project on Linguistic Analysis, Reports, Second Series*, nº 17, pp. 46-81, 1973.
- SILVA, Thaís Cristófaró Alves. *Nuclear phenomena in Brazilian Portuguese*. Pd.D. Thesis. School of Oriental and African Studies, University of London, 1992.
- SILVA NETO, S. *A língua portuguesa no Brasil: Problemas*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1960. p. 37. O capítulo foi posteriormente incluído em SILVA NETO, S. *História da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Presença, 1979.
- TARALLO, FERNANDO. *A pesquisa sociolinguística*. 4ª edição, São Paulo: Ática, 1994a.
- _____. *Tempos linguísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1994b.

- VEADO, Maria A. Redução de ditongo - uma variável sociolingüística. *Ensaio de lingüística*, Belo Horizonte (MG), ano V, n. 9, pp. 209-229, dez., 1983.
- VERNER, Karl. *An exception to Grimm's Law*. In: Baldi and Werth (eds), pp. 32-63, 1978.
- WANG, W. S-Y. Competing changes as a cause of residue. *Language*. vol. 45, nº 1, pp. 9-25, março, 1969.
- _____ & CHEN, C.-C. Implementation of phonological change: the Shuang-Feng Chinese case. In *The lexicon in phonological change*. The Hague: Mouton, 1977. p. 148-158.
- WEINREICH, U. A retrograde sound shift in the guise of a Survival. *Miscelânea Homenaje a André Martinet*. Canarias: Biblioteca Filológica. Universidade de la Laguna. II, pp. 221-267, 1958.
- WEINREICH, U., LABOV, W. & HERZOG, M. I. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W.P & MALKIEL (eds.). *Directions for historical linguistics*. Austin & London: University of Texas Press, 1968.
- WETZELS, W. L. Mid vowel neutralization in Brazilian Portuguese. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas, nº 23, 19-55, jul./dez., 1992.

A N E X O S

ROTEIRO DE PESQUISA DE CAMPO

ANEXO 1: FICHA SOCIAL

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

- 1.1 ÁREA DIALETAL _____
 1.2 Nº DE HABITANTES NA LOCALIDADE _____
 1.3 BAIRRO _____
 1.4 DATA DO TRABALHO DE CAMPO _____

1.5 INFORMANTE

1.5.1 NOME (pessoa que tenha nascido na comunidade em questão ou que aí tenha chegado até os 5 anos de idade) _____

1.5.2 IDADE

() Entre 15 e 25 anos

() Mais de 50 anos

1.5.3. ESTADO CIVIL _____

1.5.4. NÚMERO/IDADE DO(S) FILHO(S) _____

1.5.5 DATA DE NASCIMENTO _____

1.5.6 LOCAL DE NASCIMENTO _____

1.5.7 ORIGEM DOS PAIS:

Pai _____

Mãe _____

1.5.8. LACAIS EM QUE MOROU _____

1.5.9. RENDA FAMILIAR _____

1.5.10. TEMPO EM QUE MORA NESTE LOCAL _____

1.5.11. ESCOLARIDADE:

1.5.11.1 () Não alfabetizada

1.5.11.2 () De 9 a 11 anos de escolaridade

1.5.12. SEXO:

() Masculino

() Feminino

1.5.13. ENDEREÇO _____

1.5.14. OCUPAÇÃO ATUAL

() verdureiro

() gari

() magarefe

() auxiliar de escritório

() professor

() advogado

() outras ocupações. Qual? _____

1.5.15. OCUPAÇÃO ANTERIOR _____

1.6 Nº DA FITA _____

ANEXO 2: ENTREVISTA

1. Você sempre morou aqui?

2. Você gosta da vida nesta cidade?

3. O que você acha que deveria mudar nela? Por que?

4. Poderia nos falar um pouco a respeito da cidade e do comércio. Houve alguma coisa que afetou negativamente (ou positivamente) a sua vida ou a vida de alguém que você conheça, tipo uma mudança de prefeito, o fechamento de alguma loja, a abertura de alguma rua, a construção de uma ponte, etc.?

5. Poderia nos contar alguma coisa sobre seu serviço, no sentido de descrever, por exemplo, o que você faz durante o período que fica trabalhando.

6. O dinheiro que você ganha dá para viver bem? Como você se “vira”?

7. O que você faz quando não está trabalhando? Assiste televisão, sai com os amigos, ouve música...

8. Você está satisfeito com a vida que leva? O que pensa em fazer? Por quê?

9. Conte-nos alguma coisa que aconteceu com você, ou com outra pessoa, e que te impressionou muito. Por exemplo, uma briga, um assalto, um acidente, doença, a falta de chuva, uma paixão desenfreada...

10. Você já esteve alguma vez em situação em que estivesse correndo sério risco de vida. Uma situação em que tenha dito para si mesmo: “chegou a minha vez, seja o que Deus quiser”? O que aconteceu?

11. Qual foi o dia mais feliz de sua vida? Por exemplo, ganhou na loteria, ganhou uma casa própria, passou em algum concurso... como foi?

13. E o mais triste?

14. Você costuma assistir a algum programa de televisão? Qual? Por que a preferência?

15. Você já se decepcionou com a(s) atitude(s) de alguém? Como foi que isso aconteceu?

16. Gosta de viajar? Qual foi a sua última viagem? Como tudo aconteceu?